Notas sobre o Apocalipse*

Ouça este artigo

De: Escritos coletados de JN Darby: Profético 1

por John Nelson Darby

As páginas seguintes pretendem ser nada mais do que o que é apresentado no título. Não há nenhuma tentativa de exposição geral deste livro tão instrutivo e importante: e aqueles que buscam uma aplicação instigante a eventos contemporâneos e passados não a encontrarão aqui. O escritor anotou, durante a leitura, o que o impressionou no texto (frequentemente, ele acredita, esquecido na formulação de alguma teoria geral), e publicou o que lhe chamou a atenção com o propósito de chamar a atenção para o livro em si. Acrescentou algumas notas contendo mais a expressão da luz assim extraída do texto; e nestas e no início, como estava escrevendo realmente para o uso dos irmãos cristãos, não hesitou em comunicar livremente o que assim o impressionou, desejando que fosse igualmente ponderado, por esta e outras escrituras, diante do Senhor. Ao ensinar, ele consideraria errado ensinar qualquer coisa que (por mais falível que ainda fosse) não pudesse afirmar ser a mente do Senhor, sem dúvida a sua. Aqui, ele não se restringiu exatamente a isso, pois não se apresenta como um professor, mas meramente como alguém que busca ajudar outros que o consultam. Ao mesmo tempo, não afirmou nada que considerasse desprovido de ponderação; nem, quando surgiu uma dificuldade relacionada a qualquer afirmação, permitiu que a afirmação permanecesse sem que a dificuldade fosse resolvida. Muitas afirmações muito simples têm sido, dessa forma, relacionadas a muita investigação ao longo das Escrituras; embora nem a dificuldade nem a solução apareçam, talvez, no que se segue. Mas ele encontrou abundante instrução e ampliação de julgamento nas Escrituras na pesquisa por elas ocasionada. Ele acredita que o livro, em seu corpo, vê a igreja como misticamente, de acordo com Efésios 2, ou realmente, de acordo com 1 Tessalonicenses 4:17, nos lugares celestiais; e que a falta de observação disso obscureceu muito o estudo dela. Ele concebe que a estimativa bíblica de Efésios 2:17. 2 justificou uma aplicação dela a eventos passados (embora com base nos quais aqueles que assim aplicaram a profecia estavam, na sabedoria de Deus, mal conscientes), e aplicação que teve sua força em um período que agora quase, embora não completamente, já passou; enquanto a aplicação dela, consequente de 1 Tessalonicenses 4:17,claramente tem, quanto à sua substância, que começar. Digo, a substância, porque, ao rastrear os males até suas fontes e desenvolver os vários assuntos, há muitos elos de conexão, com fatos e eventos antecedentes; e isso não apenas nas fontes mais ocultas, mas, embora a dispensação do julgamento seja bastante distinta da dispensação da paciência, o joio que é julgado em uma é

frequentemente discernido espiritualmente na outra. E é por isso que o livro é dado à igreja. O julgamento de Deus em poder fornece força à conduta e ao julgamento da igreja em paciência. Parece-me, então, que ambos estão praticamente errados, aqueles que rejeitaram levianamente uma ou outra, e assim, respectivamente, privaram a igreja de cada uma.

Uma dificuldade pode talvez se apresentar a alguns. Descobrir-se-á que muitos pontos familiares aos estudantes modernos das palavras proféticas são tidos como certos; como, por exemplo, a ideia de um Anticristo pessoal é considerada justa. 2 A resposta a tal objeção, se estes artigos forem submetidos a tal, é que eles não foram escritos para demonstrar verdades já elementares àqueles a quem poderiam ser interessantes. O escritor está apresentando o que ocupou sua própria mente àqueles que, como ele, se posicionam sobre tais pontos como admitidos e buscam progredir. É possível que algumas inconsistências sejam encontradas. O escritor percebeu que sua própria mente se tornou mais clara e progrediu na pesquisa ocasionada pelo estudo do livro; e é possível que alguma ideia imatura, assumida inconscientemente, mas não expressa na palavra, possa ser encontrada. Ele não tem conhecimento, no entanto, de nenhuma. Ele descobriu que se livrar de suas próprias suposições ou das de outros é um ponto principal de progresso. Por fim, ele diria que há certos grandes contornos e verdades de caráter definido na palavra profética — salvaguardas em toda pesquisa. Se em algum detalhe ele errou contra eles, confia que tal ideia poderá ser imediatamente rejeitada. Ele recomenda o que escreveu à bênção de Deus, a quem pertence a igreja e que a ama; e aos pensamentos e indagações daqueles irmãos que são guiados pelo Espírito de Deus, para que pesquisem e se instruam nessas coisas.

Não podemos, creio eu, interpretar a palavra divina no livro do Apocalipse com o mesmo sentido restrito que as antigas profecias carregam; porque a igreja tem a mente de Cristo e não deve apenas ter fatos particulares comunicados a ela, mas deve entender os pensamentos de Deus sobre esses fatos ou conforme manifestados neles.

Para dar um exemplo: li em Isaías: "Eis que crio novos céus e uma nova terra, e os primeiros não serão lembrados nem trazidos à mente. Mas regozijai-vos para sempre no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém uma alegria e para o seu povo uma alegria." Agora, aqui, encontro essa vasta e abençoada expectativa dos novos céus e da nova terra reduzida a uma alegria definida, conectada com associações terrenas e resultante de prazeres e bênçãos conhecidos, embora novos; vindos, de fato, diretamente da mão de Deus e, portanto, bênçãos reais e divinas, mas restritas a uma esfera dada e terrena, e a fatos definidos.

Poderia a igreja limitar-se a esta esfera? Ou tais apreensões são criadas pelo testemunho de novos céus e uma nova terra? Claramente não. A mente de Deus — a glória de Cristo — a libertação de toda a criação gemente da qual (no maravilhoso amor de Deus e no poder daquela dignidade que a torna devida a Cristo, segundo o

conselho de graça e glória que os une a Ele) a igreja é co-herdeira com Cristo — ser como Ele e vê-Lo como Ele é, manifestado no mesmo amor do Pai em que Ele está, para que o mundo o conheça — o sabor daquele amor que pode deleitar-se não apenas em sua própria bênção, mas, por sua natureza divina, na bênção dos outros — e o preenchimento de todas as coisas com a glória divina, primeiro mediadoramente e depois diretamente — estes são os pensamentos (com a bênção do pecado banido, da santidade aperfeiçoada e da restauração de todas as coisas) que ocupariam a mente da igreja como tendo o Espírito.

Portanto, quem quer que se proponha a apresentar o conteúdo do Apocalipse com a mesma limitação de interpretação da profecia do Antigo Testamento imediatamente tira a igreja de seu lugar como confidente plena de Deus e conselheira maravilhosa, como tendo a mente de Cristo, e restringe a glória e o conselho à fragilidade daquele estado com o qual a posição da igreja é expressamente contrastada (1 Co 2:9, 10 ; veja a passagem completa). Podemos, de fato, conhecer em parte e profetizar em parte, e assim aprender de tempos em tempos; mas, em outro sentido, temos uma unção do Santo, e sabemos todas as coisas, porque temos o Espírito de Deus que as formou, ordenou e revela . Somos de um só conselho com Ele, temos a mente de Cristo e não somos meramente objetos desse conselho, como os de antigamente. Sendo filhos, os interesses familiares são nossos, bem como dEle, embora possamos ser fracos na apreensão detalhada deles. Agora, o Apocalipse tem particularmente esse caráter, porque foi deixado para a igreja (não uma comunicação entre apóstolos vivos e homens vivos, mas deixado para a igreja), como tendo o Espírito e dependente do Espírito, e assim, como tendo esse Espírito, para usá-lo no tempo vindouro; e somente assim.

Consistentemente, o discurso não é um discurso de relacionamento pessoal, mas a apresentação daquilo que é objeto de conhecimento. As verdades mais abençoadas da redenção podem brilhar em todo o discurso, mas não é simplesmente o discurso do Pai, pelo Espírito, à família, quanto às coisas que lhes dizem respeito dentro da família. O Pai 3 não é mencionado nele, exceto em um lugar, como o Pai do Cordeiro ou nós, exceto como reis e sacerdotes para Seu Pai; nunca como em comunhão com os filhos como Seus filhos. Essa diferença, e as características correspondentes da operação do Espírito, encontro constantemente mantidas nas Escrituras.

Consequentemente, descobrimos (com muita luz adicional, de fato, pois a esfera é muito mais ampla, e o fundamento da conduta divina, sobre uma base muito mais completa e amplamente estendida) que a posição e a imagem do Apocalipse são todas judaicas em caráter, embora não judaicas em seu lugar. A negligência deste último ponto tem enganado muitos cujas visões eram contraídas e que, creio eu, não foram guiados pelo Espírito de Deus.

Não é o Pai que temos aqui (pelo menos não nesse caráter), mas o templo e as circunstâncias do templo — Aquele que era, que é e que vem. É um trono e não uma família: mas, por outro lado, não é o templo na Terra, mas a mente de Deus

agindo ali no trono, mas na perfeição daquela sabedoria providente, na qual os sete espíritos estão diante do trono. Aquele que se assentou no trono 4 é o caráter e o título principal do Todo-Poderoso no Apocalipse; mas esse trono não está em Jerusalém e não tem nada a ver com ela imediatamente como o local de seu estabelecimento.

É, neste sentido, o livro do trono quando o Rei foi rejeitado na terra.

Temos, em conformidade com essa ideia, não o Filho no seio do Pai, mas uma revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe deu ; e Ele a enviou e significou por um anjo ao Seu servo João. Tudo isso é judaico em seu caráter. Não é o Pai, o Filho e o Espírito Santo testificando, mas Deus, Jesus Cristo e a ministração de anjos a um servo: nenhuma das outras coisas, é claro, deixou de ser verdadeira; mas não era o caráter aqui desenvolvido. É, portanto, a palavra de Deus, o testemunho de Jesus Cristo e visões; e há bênção sobre o leitor. É dirigido à igreja em seu pleno privilégio; mas o assunto apresentado é governança, ordem e controle, não filiação ao Pai. Deus instruiria Seus servos.

As bênçãos para as igrejas são conformes a isto: de Alguém que carrega o caráter de Ancião de Dias, que virá — que era, é e há de vir; e vemos o Espírito, não como na Terra, o Consolador (que desceu aqui, e nos filhos, olhando lá para cima), mas em Sua variada e múltipla suficiência e perfeição, na presença do trono, e como posteriormente enviado com poder à Terra (proteção e poder providenciais) e do Senhor, não como o Filho, um com Seu Pai (ver João 14:20), de modo que estamos com Ele lá através da união do Espírito, mas vistos como em caráter humano, como uma Testemunha fiel do Primogênito dentre os mortos, e o Príncipe dos reis da Terra — glorioso em tudo isso, mas humano.

Ainda assim, a igreja é colocada em plena confiança aqui, pois o louvor a este bendito é um louvor no qual esta palavra do Espírito "nós" é sempre encontrada; e, vendo-O na glória, ela irrompe, pelo Espírito no apóstolo, em ações de graças, pois Seu louvor não pode ser ignorado; pois ela é amada, lavada e reinará perto de Deus e de Seu Pai. 5

Para o mundo e para os judeus, Sua vinda será tristeza. Aqui, então, encontramos o lugar de todas essas partes desde o início. Esta é a sua forma, então: "Aquele que é, que era e que há de vir" 6 — a perfeição ou plenitude do Espírito diante do trono: Jesus conhecido como fiel, ressuscitado, para reinar — tudo na terra. 7 A igreja, enquanto isso, conhecendo sua própria posição nisso, diz, portanto, não Pai Nosso , mas Seu — Seu Deus e Pai: pois assim é. O anúncio do significado da vinda de Jesus ao mundo segue-se a isso, completando o que Ele é e foi na terra, a porção da igreja com isso, e a do mundo em Sua vinda. No versículo 8, temos o anúncio de Seus títulos e caráter aqui, pelo "Senhor". De Seu nome, assim desenvolvido, dependia toda a estabilidade de propósito e governo; e a igreja precisava saber disso em todas as circunstâncias que se seguiram. Seu lugar segue – quanto ao

presente, no lugar do instrumento desta palavra de Deus e testemunho de Jesus Cristo (a palavra é de Deus, o testemunho de Jesus – ao ouvi-Lo, "confirmamos que Deus é verdadeiro"); "seu irmão e companheiro na tribulação, no reino e na paciência em Jesus". Este é o lugar da igreja através do reconhecimento da filiação, enquanto o trono está acima. Mas não é em união e liderança, mas em reino e paciência. Ainda assim, em qualquer forma, a palavra que ela ministra é a palavra de Deus ou o testemunho de Jesus Cristo.

Senhorio em si não é o título mais elevado de Cristo: "Deus o fez Senhor e Cristo". Para nós, há apenas um Deus, o Pai, e um Senhor, Jesus Cristo. Mas nesta palavra, o arauto de Deus anuncia todo o estilo de Sua glória antiga e futura; pois Senhor aqui, sem dúvida, responde a Jeová. Além disso, este livro não nos apresenta o Espírito Santo recebido do Pai, enviado para produzir um testemunho público ao mundo. Nem é um dom recebido como necessário para a manutenção da igreja e comunicado "para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos", etc. Mas é uma revelação dada a Cristo e comunicada quando a igreja começou a decair (em vez de crescer) e precisava, em seus compartimentos separados, na melhor das hipóteses, ser reprovada ou encorajada, assim vista separadamente - como esses vários castiçais - o Filho do homem interferindo como o Sumo Sacerdote, mas judicialmente: uma revelação dada (não o Espírito comunicado) quando toda essa escuridão e (em princípio) apostasia chegaram. Cada uma delas parece outra coisa e menos imediata do que a promessa em João já mencionada (João 14:20): "Naquele dia conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós".

Há a filiação de Cristo com o Pai, em relação à qual o Espírito Santo habita em nós (o Espírito de adoção e união, o Consolador) e olha para cima e nos coloca diante do Pai, assim como Ele é o Filho.

Há Cristo, a Cabeça do corpo, o Homem exaltado (o primogênito entre muitos irmãos), em cujo caráter Ele recebe a promessa do Pai e a transmite como poder para testemunho. E há o senhorio de Cristo sobre o mundo, que é comunicado subordinadamente à igreja, que reina com Ele, é rei e sacerdote para Seu Deus e Pai, em virtude das partes anteriores da bênção. Esta última, após o julgamento das igrejas em seu estado atual, é o assunto do livro do Apocalipse. Este estado das igrejas torna-se, portanto, muito importante e apropriadamente introdutório.

Após o título e quatro versículos subsequentes de introdução, incluindo Sua obra, nossa posição (ou seja, como reis e sacerdotes) e Sua segunda vinda, encontramos o anúncio de que, aconteça o que acontecer, o Senhor foi o começo e o fim, o Todo-Poderoso.

Então temos a revelação àquele que foi lançado no deserto, o depositário das dores da igreja e, portanto, da providência de Deus, mas no Espírito, no dia típico do descanso da glória que permanece. Ele vê Cristo no meio dos sete castiçais (não

como um servo com os lombos cingidos, mas) em santa execução de julgamento como sacerdote, os símbolos do Ancião de Dias estando sobre Ele. Não é Cristo nas alturas. Não é Cristo, a Cabeça de um só corpo. 8 Não é Cristo no céu. Mas ele se volta e O vê governando, julgando e segurando em Suas mãos os destinos das diversas igrejas; mas enquanto isso, com os símbolos do Ancião de Dias sobre Ele, ainda se revelando para a igreja ao discípulo fiel, como Aquele que viveu, esteve morto e está vivo para sempre, 9 tendo poder sobre as portas de Seus inimigos, as chaves do inferno e da morte. Isto o apóstolo viu: tal era o lugar que Cristo ocupava agora — um lugar diferente de ser a Cabeça comunicante do corpo, no entanto, que também poderia ser. O vidente deveria escrever estas coisas, e as coisas que são, e o que deveria ser depois destas coisas. Em suma, temos a continuação Todo-Poderosa, que abrange todas as coisas, do Senhor, e a posição atual do Filho do Homem nas igrejas, contudo Aquele que viveu, esteve morto e esteve vivo, e tinha poder sobre o poder da morte. As igrejas são as coisas que são. Há uma estreita conexão entre as coisas que são e aquelas que foram vistas; pois, voltando-se para ver a voz que falava com ele, ele vê os castiçais de ouro. Assim, frequentemente, como no julgamento da "mulher", a parte principal da descrição é da "besta", cap. 17.

Os discursos dirigidos às igrejas não fazem parte propriamente das coisas que são; eles aparecem de passagem e intencionalmente: "Ao anjo, etc., escreva", e "aquele que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas". No entanto, a existência das próprias igrejas e das estrelas constitui as coisas que são, e são de toda a importância, pois mostram a transição do estado em que Cristo, de acordo com Ef. 4 era a Cabeça do único corpo, fazendo-o crescer por meio daquilo que cada junta supria (no qual seu estado original estava conectado e apresentado em sua perfeição abstrata e mística — cujos resultados serão manifestados naquele dia em que se manifestar como um com Ele), até o estado de ruína e apostasia em que realmente caiu, a ponto de ser cortado e vomitado de Sua boca: como uma dispensação — um estado de transição — no qual Ele não estava preenchendo o único corpo com dons, mas julgando detalhes nos vários corpos corporativos, em diferentes lugares, e julgando o mal inconsistente com o desígnio moral da igreja, mantendo um caráter absolutamente necessário ao seu reconhecimento como Suas — como igrejas em geral. Portanto, são discursos morais do Espírito com promessas e ameaças.

Deste último estado reconhecido, este lugar de transição, no qual Cristo pode lidar judicialmente na Terra (mas em sentido espiritual), somos necessariamente arrebatados ao trono, do qual tudo depende, subsistindo para sempre, mas agora o único recurso; porque a manifestação da graça aceitável, com a qual o Senhor pode manifestativamente habitar em presença espiritual na Terra, havia cessado. Portanto, esta parte não é propriamente profética, mas conectada com coisas que são; e o caráter profético que ela possui é inteiramente pela designação moral do testemunho do Espírito; e retornamos ao trono, depois destas coisas. 10 Se João

fosse descrever o governo do mundo no trono, com a igreja perdida, ele deveria primeiro traçar a igreja como sujeita a este julgamento moral. A imagem da palavra não estaria completa se, após as epístolas que regulamentavam a igreja, como subsistente entre os gentios, não tivéssemos apenas o relato prático da apostasia, como em Judas, 2 Pedro, 2 Timóteo, 2 Tessalonicenses, etc., mas também o julgamento moral da igreja, como a passagem do estado observado nas epístolas — evidências de que Cristo nunca a perdeu de vista, e que quando ela deixou de ser um lugar manifestativo de Sua presença — Sua epístola — Ele tomou Seu lugar e título no trono de onde todas as coisas são governadas — "o mesmo ontem, hoje e para sempre"; "Aquele que era, é e há de vir"; "o Primeiro e o Último", abrangendo e governando todas as coisas. As coisas que são, então, são os sete castiçais e as sete estrelas — perfeição mística e imperfeição real; a igreja nunca perde sua perfeição mística na mente de Deus, mas quando tem que ser abordada na terra, tem que ser abordada como figurada em tantos corpos separados que realmente existem, e muitas vezes com repreensões e ameaças.

As coisas que são, então, envolvem ambos os pontos.

As coisas que acontecerão depois, ou depois destas coisas, começam quando Aquele que está assentado no trono começa a agir em providência, não quando Jesus está em um relacionamento eclesiástico reconhecido, ou mesmo em testemunho judicial à igreja quando o mundo (criação) é trazido à tona. Não se segue disso que não haja santos, ou que eles não sejam fiéis e não deem testemunho, mas que o Senhor não se posicione diante deles nesse caráter particular de relacionamento.

As coisas que são, e os discursos às sete igrejas, têm (conectados a isso, na minha opinião) um caráter duplo; isto é, conforme olhamos para fatos realmente existentes, ou fatos dispensacionalmente existentes: uma observação que tem estritamente a mesma aplicação à expressão do Senhor à economia judaica: "Esta geração não passará até que todas estas coisas se cumpram" — cuja conexão, de fato, com este assunto é mais forte do que parece à primeira vista (pois as fortunas da igreja e dos judeus são mais coincidentes do que supomos quanto à dispensação, embora pela mesma razão opostas em princípio. A raiz nos sustenta, embora os ramos possam ser quebrados para que possamos ser enxertados), e tem sua luz aumentada, enquanto lança luz sobre, a passagem no final do evangelho de João: "Se eu quero que ele fique até que eu venha, o que te importa?" Isso foi tomado como se ele pessoalmente não fosse morrer. Mas, diz o escritor inspirado, isso não foi dito pelo Senhor, mas sim: "Se eu quiser que ele fique até que eu venha, que te importa?". O Senhor, então, com essa expressão, deixou algo para a sabedoria e a espiritualidade da igreja descobrirem. Ele não disse que ele não morreria, mas sim: "Se eu quiser", etc.

Agora, parece-me que temos muito distintamente, em Pedro, Paulo e João, os três representantes, primeiro, da igreja judaica, como plantada, cujo tabernáculo em

breve será removido; depois, a igreja gentia em sua energia, como plantada e ministerialmente sustentada pelo apóstolo (ou seja, Paulo), mas, após sua morte, o rebanho não foi poupado, e homens perversos surgiram, e assim também partiram - Icabode sobre isso; por fim, João, ao contrário, é colocado em contraste com o corte do corpo judaico comparado na pessoa de Pedro ao Senhor, e feito para representar a existência prolongada da igreja como alguém dependente da vontade do Senhor, tendo perdido e perdido seu caráter real, ao qual a fidelidade atribuiu bênção e poder sustentador, como devido ao caráter de Deus, e apenas dependente agora de Seu conselho secreto. E, consequentemente, temos João aqui, que estava no seio de Jesus e recebeu a comunicação de Sua mente e conhecimento secreto, pairando sobre as fortunas decaídas e decadentes da igreja — já decaídas, se as compararmos com seu estado como plantadas, não agora sustentadas pelo cuidado e energia apostólica de Paulo, mas cercadas por lobos e homens perversos, e caindo, mas sustentadas por esta palavra: "Se eu quiser que ele fique até que eu venha". Agora, eu entendo que este lugar suspenso teve sua forma real e externa na destruição de Jerusalém. Então, também "esta geração" tomou seu lugar externamente: a centralização local terrena da igreja foi externamente posta de lado (foi realmente a partir do momento da morte de Estêvão, quando o primeiro mártir deixou o mundo para ir, quanto ao seu espírito, para o alto), e, a mão do Senhor tendo deixado de lado a terra como Seu lugar, tudo ficou em suspenso até que Ele pessoalmente retomasse o assunto — voltando novamente em conexão com uma reviravolta semelhante: a junção desses dois eventos é o que constitui a força de Mateus 10. 24:1-43 . Enquanto isso, o trono foi realmente estabelecido no céu, evidenciando que tudo havia falhado na terra, mas que nada poderia falhar no propósito e no trono de Deus. Com isso, o livro começa; e a condição prolongada das igrejas é apresentada após a instalação do trono, como um incidente antes do desenrolar dos atos, no mundo, do trono assim estabelecido em fidelidade.

Sustento, portanto, que as coisas que são, e este discurso às igrejas, conferem este duplo caráter, quanto ao período, ao Apocalipse. Se tomarmos as coisas que são como aquilo que realmente existia na época de João, então se encerra com a existência e o estado reais dessas igrejas, conforme abordado por João, ou melhor, com a vida do próprio João, que se dirige a elas sob a advertência de remoção por sua falha. Tendo o trono em Jerusalém desaparecido, ainda havia, por parte daquele que estivera lá com o Senhor, um reconhecimento das igrejas como algo sobre a terra. Não havia nada selado nisso. Mas se tomarmos o apóstolo como o representante místico da dispensação em sua condição após a partida de Pedro e Paulo, 12 então é a prorrogação desse estado de coisas, até que a igreja, como uma dispensação, seja vomitada da boca de Cristo; e as coisas que acontecerão daqui em diante são a intervenção real do trono de Deus novamente no governo do mundo.

Creio que o Espírito Santo ordenou isso para deixar espaço para ambas as aplicações; assim como a igreja conhece o trono misticamente agora na exaltação

de sua Cabeça e, na verdade, em sua futura intervenção judicial e aberta nos assuntos do mundo.

Consequentemente, os capítulos 2 e 3 são discursos dirigidos às igrejas, mas, em princípios morais, estendidos a todos que tivessem ouvidos para ouvir; conectando os corpos realmente existentes com a condição em que a igreja poderia se encontrar em eras posteriores. "As coisas que são" são, mais propriamente, o que então era; os discursos dirigidos às igrejas, a demonstração do prolongamento prolongado da dispensação da igreja, misticamente perfeita, mas arruinada (o trono já tendo sido estabelecido, mas sua plena manifestação, quanto ao mundo, ainda não revelada). Dentro desta cena, a atenção ainda remanescente de Cristo às igrejas, quanto à manifestação formal no corpo na terra, era em advertência e julgamento, não em liderança. Sendo este o seu estado na terra, no céu eles apenas esperavam com Ele uma glória que não poderia falhar.

Não é meu objetivo aqui entrar em detalhes sobre as instruções dadas às igrejas, embora sejam pessoalmente preciosas; volto minha atenção aqui para a estrutura e o caráter profético do Apocalipse. E, tão brevemente quanto possível, acrescento aqui apenas a ordem das declarações feitas a essas igrejas e sua condição, para que possam permanecer juntas diante da mente do leitor do Apocalipse.

Primeiro, o declínio do primeiro amor, e o Senhor tomando o lugar do exame e do julgamento.

Em segundo lugar, a perseguição: Cristo, o vencedor da morte, o doador da coroa da vida.

Em terceiro lugar, habitando no mundo, a saber, onde está o trono de Satanás (o príncipe deste mundo), mas sendo testemunha de Cristo entre eles, onde Satanás habita, sofrendo fielmente: com isso, o início do ensino do erro por recompensa e da tolerância ao mal e à prática vil. Cristo lutaria contra eles (a saber, como um adversário) se não se arrependessem.

Em quarto lugar, um estado de crescente devoção em paciência, caridade e obras; mas Jezabel, ensinando a comunhão com um mundo mau e idólatra, sofreu. Foi-lhe dado espaço para arrependimento, mas ela não o fez (observe que se trata de uma mulher, não de algumas delas). O julgamento recairia sobre seus seguidores, mas discriminando cada um segundo suas obras, e nenhum fardo adicional seria imposto aos fiéis.

Aqui começa outra distinção: enquanto a recompensa prometida vinha, anteriormente, após a advertência, a partir deste ponto ela vem regularmente antes. Nestes julgamentos terríveis, a vinda do Senhor é introduzida primeiro, a estrela da manhã e o reino na Terra substitui a igreja professa.

Em quinto lugar, um nome para viver, mas nenhuma realidade; a profissão de estar

vivo como algo distintivo: mas havia, contudo, coisas restantes e alguns nomes. O Senhor, se não se arrependessem, viria sobre eles como um ladrão: aqui a igreja, neste estado, julgada como o mundo.

Em sexto lugar, fraqueza, mas uma porta aberta, marcada, não por obras detalhadas, mas pela observância da palavra de Cristo, da Sua paciência e da não negação do Seu nome. Eles seriam guardados da hora da tentação, que viria sobre todo o mundo para experimentar os que habitam na Terra. Compare com Isaías 24.

Em sétimo lugar, a igreja seria vomitada de Sua boca sem proposta de arrependimento, por causa do que eles haviam se tornado, mas com conselho dado; e se alguém que permaneceu lá dentro e ouviu quando Cristo ainda bateu à porta, esse estaria com Ele.

Esse é o curso apresentado por essas igrejas em seu caráter e condição moral.

Essas referências, no entanto, como observamos, aparecem incidentalmente. João deveria escrever as coisas que viu. Mas esta não era propriamente a sua visão, mas surgiu depois, geralmente sob as coisas que são, e isso apenas como consequência.

No quarto capítulo chegamos ao próximo ramo do assunto — as coisas depois destas, ou (como é traduzido aqui) que devem ser depois, retomando o capítulo 1:19.

Se considerarmos a primeira parte como a condição prolongada da dispensação da igreja, então este será o poder do trono dAquele que era, é e há de vir, 13 (o Cordeiro, no entanto, ainda está lá), exercido sobre o mundo, após o fim desta dispensação, mas propriamente antes do início da próxima. Se considerarmos a primeira parte como as coisas que realmente eram então (e, sem dúvida, tais coisas realmente existiam), então é o governo do mundo, quando a igreja não tinha existência formal reconhecida na terra que pudesse ser chamada de habitação de Deus em qualquer sentido pleno, embora igualmente querida a Ele individualmente no que diz respeito à salvação. Creio que ambos os pensamentos se destinam à igreja. No primeiro caso, temos o cumprimento literal da profecia que se segue; no segundo, analogias em um período prolongado.

O apóstolo agora é transladado (em espírito) para o céu. Antes, ele vira Cristo, ao se voltar: um estado de coisas recém-revelado, mas na Terra, e ele ainda lá. Mas as igrejas agora não eram mais reconhecidas; e a voz, que ele ouvira a princípio atrás dele na Terra, agora o chama para o céu.

Aqui, portanto, pela primeira vez, ele viu o trono, pois ele está situado no céu (a terra, ao se dirigir à igreja, ele havia deixado), e havia Alguém sentado nele.

Até agora, o Filho do Homem tem sido o juiz na Terra: segundo a Sua glória, em discurso; mas em visão, o Filho do Homem. Não temos o Filho do Homem novamente, até o julgamento no capítulo 14:14. O Cordeiro é o único envolvido nos

selos. O poder angélico está ligado às trombetas. Veremos isso mais particularmente; mas observo apenas que o Cordeiro está sempre em um lugar superior ou inferior (este último, pela graça), não exercendo providências intermediárias; no trono, sofrendo ou julgando.

Foi no céu que o apóstolo aprendeu as coisas que aconteceriam no além. Somente lá elas podem ser aprendidas; 14 e, pela habituação da mente ali, vistas como importantes para Deus, para Cristo e, portanto, para a igreja, e para o Espírito para a igreja. Ninguém que tivesse o Espírito, a ponto de se interessar pela mente de Deus a respeito da igreja amada por Cristo, poderia ser indiferente a elas.

Mas, para acompanhar de perto os capítulos. O capítulo 4 estabelece o trono no céu, e Alguém está sentado nele. O sinal da aliança com a criação estava ao redor do trono. Não há nenhuma declaração de véu, intercessão, incenso ou sacerdócio. São anciãos do governo em tronos. Havia os sete espíritos, o Espírito Santo em Sua energia e perfeição, a pureza moral fixa que pertencia ao lugar, a aproximação ao trono e, por último (aquilo sobre o qual mais se falou), quatro bestas, 15 que eram as cabeças dos gêneros da criação e repletas da inteligência e atividade da providência, celebrando Jeová Elohim Shaddai, os nomes da aliança e dispensacionais de Deus, não o nome de relacionamento da igreja, representando assim o trono da providência e da criação, controlando todas as fontes do estado das coisas na natureza; de cujo trono esses atributos vivos de Deus formavam os pilares e o suporte; eles estavam ao redor do trono. Era o templo; mas o templo era o acompanhamento do trono, sem véu ou sacerdote. Os vinte e quatro anciãos podem ser considerados os representantes dos redimidos das duas dispensações; mas esse não era o caráter essencial. Eles estavam em tronos. Mas duvido que fossem além da instrumentalidade da criatura, por mais sustentados que fossem pelo poder divino. Os animais ou seres viventes são mais particularmente notados como conectados aos seres viventes de Ezequiel — os suportes vivos do trono de Deus, deixando (julgando melhor) Jerusalém, agora encontrada como parte do círculo do trono no céu. 16

Podemos observar que toda a dispensação, e aquilo que é a sua fonte, é notado (exceto a igreja propriamente dita, isto é, filhos com o Pai) — Deus, Shaddai (isto é, Deus como com Abraão, o Todo-Poderoso), e Jeová, o Governador, que é, era e há de vir. Uma parte desses seres viventes, os olhos, são encontrados em outros lugares: primeiro, em 2 Crônicas 16:9 — ali, serviço em geral; em Ezequiel, sua conexão é com o lugar do trono que havia estado em Jerusalém, mas um trono de Deus sobre tudo, o Espírito guiando; gravado na pedra colocada, em Zacarias 3:9, e novamente, em Zacarias 4:10, retomando seu curso pela terra e, como veremos em breve, como os olhos do Cordeiro (possuindo todo o poder no céu e na terra), os sete Espíritos assim enviados.

Isto, então, estabeleceu o trono, a igreja não estando (propriamente falando como tal) em cena, exceto representativamente nos anciãos entronizados. Era outro

assunto. O trono dAquele que vive para todo o sempre era o assunto aqui. No capítulo 5, o livro nos é apresentado. O trono foi estabelecido primeiro, o que quer que acontecesse agora era o que estava pendurado no trono. Na destra do Seu poder, que estava assentado no trono, havia um livro.

Pode haver alguma alusão a Jeremias 32, aqui e no pequeno livro aberto; mas é (para dizer o mínimo) muito tênue. Um título para abrir um livro é algo distinto de um livro que contém um título, as evidências de um título. Além disso, era um livro para ser lido, para ser aberto e lido, pois continha comunicações da mente de Deus. Mas a morte de Cristo, sem dúvida, Lhe deu o título à herança moralmente, e para abrir o livro, e comprou e redimiu os co-herdeiros.

Além disso, não se trata aqui meramente do reino do Filho do Homem, como Lhe foi dado, nem do título de Descendente de Davi (que só é mencionado no final), mas da Raiz de Davi, o Leão da tribo de Judá, o Senhor de Davi, não seu filho — Ele prevaleceu. A redenção, ou compra, aqui, é da igreja 17 — um novo cântico, não judaico. Era um livro nas mãos de Deus, dAquele que estava assentado no trono, não revelado previamente, nem objeto de profecia ordenada anteriormente, e fundado não na promessa que o homem poderia ter sobre retidão, como as promessas judaicas, mas unicamente na exaltação do Cordeiro que foi morto; e em Seu estar no trono, que foi rejeitado na terra, e especialmente no caráter do cabeça dessas promessas aos judeus; e ninguém, portanto, senão Ele, poderia abri-lo ou contemplá-lo. O título também é mais elevado do que a herança oficial ou dada do Filho do Homem, mais profundo em seu fundamento e muito mais exaltado. É um lugar e um título, mantidos no trono — o Cordeiro morto ali. Este não era um título propriamente dado a uma pessoa mediadora em paz; mas um título, devido, talvez, quanto à pessoa, mas adquirido por excelência, humilhação e perfeição. Neste lugar, a comunicação é com o presbítero, como representando, eu entendo, a igreja ciente ("pois ele vos reconciliou") do título e da glória do Cordeiro.

É-nos então mostrado o Cordeiro imolado — Aquele que não resistiu ao mal, mas entregou-se até a morte e foi levado ao matadouro, "como havia sido morto"; o poder pleno, na verdade, os sete chifres, o conhecimento pleno, os sete olhos, estando nEle, e, portanto, a permeação universal do conhecimento. Seus olhos eram os sete espíritos enviados a toda a terra. Esses espíritos, a luz e o poder da santidade de Deus diante do trono, caracterizando assim Sua presença, eram agora os agentes do discernimento ativo e do poder dAquele que foi justamente exaltado. Não foi então o Filho do homem, em Seus títulos de herança, mas o Cordeiro que abriu o livro. A Ele e à igreja, em medida, como um com Ele, como sofredora, rejeitada e exaltada em sua Cabeça, a abertura do livro pertence. Temos a mente de Cristo — a nós pela palavra.

Ele veio e pegou o livro. No momento em que Ele fez isso, os animais e os anciãos (isto é, em princípio e título, criação, providência e redenção) todos reconhecem Sua liderança, a liderança deste Ser humilhado, mas exaltado; pois, embora o Leão

da tribo de Judá o tivesse assumido, a igreja conhecia Seus títulos como Raiz de Davi, e ainda assim o Cordeiro morto, mas agora exaltado ao trono como tal. O livro desvendou o que sob Sua mão os preocupava; tudo isso era o conselho de Deus para trazer todos para o lugar que tinham em Sua mente e propósito. O versículo 9 deveria ser "eles cantam", não "eles cantaram". Isso é o que eles fazem no céu, como sob o Cordeiro. Sendo assim, " nós" não seria difícil. Talvez sejamos obrigados a aceitar a correção de Griesbach, que removeria até mesmo sua aparência aos olhos, permanecendo o mesmo sentido. É notável que, enquanto a mesma confiança e título são expressos por João, escrevendo aos santos na Terra no primeiro capítulo, e aqui por aqueles ao redor do Cordeiro no trono, eles acrescentam aqui, para mostrar seu estado de expectativa: 18 "Nós reinaremos". Isso era desnecessário dizer, embora verdadeiro, para os santos na Terra: era bastante claro para os sofredores que eles não estavam reinando. Poderíamos ter pensado que eles estavam. Portanto, eles nos são mostrados neste estado de expectativa. 19

As quatro bestas são sempre mencionadas primeiro, como conectadas ao poder divino e inteiramente distintas dos anjos. 20 Não vejo exatamente como alguém que examina Ezequiel e seus lugares aqui possa duvidar de sua força geral. Elas estão mais intimamente conectadas com a redenção, porque tudo o que demonstra a criação e a providência, estando conectado e sujeito ao poder do mal subjetivamente, eles estão especialmente interessados nisso. Os anjos meramente celebram a Pessoa dAquele que foi morto e Sua excelente dignidade. E, depois deles, toda a criação real (da qual, como criaturas, são a cabeça, tendo reconhecido o Cordeiro como digno) celebra Aquele que está assentado no trono e o Cordeiro juntos. E as quatro bestas, que resumem toda a sua importância moral, dizem: Amém. E os anciãos, os redimidos inteligentes, prostram-se e adoram Aquele que vive para todo o sempre. Este é o Seu caráter mais elevado e essencial; e com isso eles encerram a doxologia. Primeiro, a redenção; depois, os anjos reconhecem o Cordeiro; depois, toda criatura reconhece Aquele que está assentado no trono e o Cordeiro; Os animais viventes dizendo: Amém. E depois os anciãos, Aquele que vive para todo o sempre, cheio de toda a plenitude de Deus. Esta é particularmente a porção dos anciãos, embora seja o mesmo bendito que é honrado pelos animais; mas a palavra deles é continuidade, ou melhor, Jeová — continuidade — era, é e há de vir — continuidade relativa, não vida intrínseca; pois, embora o trono seja a grande cabeça e fonte de tudo, a redenção nos conduz mais profundamente ao conhecimento dAquele que nele se assenta e coloca todas as coisas em seu devido lugar. 21

Esta, então, é uma posição que se aplica ao todo até o fim, embora muitas questões intermediárias importantes possam ser abordadas sob diferentes títulos; mas a posição disto se aplica a toda a exaltação intrínseca do Cordeiro ao trono. Muitos arranjos e providências dispensatórias podem ser subordinados, mas esta é a chave para o resultado. Além disso, isto está conectado com o relacionamento imediato da

igreja com Cristo. A igreja O conhece como o Cordeiro e deve ser sua seguidora e representante como tal aqui. O Senhor pode agir na dispensação por meio de muitas circunstâncias e ordenações externas; Ele não age nela, mas neste caráter. Como tal, Ele é primariamente glorificado; como tal, o mundo está contra Ele, e a fúria de Satanás em seu caráter mais profundo e intrínseco. A igreja é vista em sua perfeição dispensada como reis e sacerdotes (sete é o número para sua perfeição mística abstrata); porque, embora durante todo esse período, visto em seu caráter prolongado de anos e dias, ainda fosse imperfeito, aqui se vê o governo do mundo, 22 não o trato com a igreja; e, portanto, ao situar as partes (se assim posso dizer, a dramatis persona), a igreja é vista como um todo completamente distinto. Embora seja o trono supremo que está acima de tudo e a fonte de tudo (é Aquele que se assenta no trono que faz novas todas as coisas e é aqui o objeto de adoração suprema), ainda assim, relativamente, não é o trono de Deus em Jerusalém. Não é a relação filial da igreja, nem o trono ordenado do Filho do homem, mas o trono no céu; 23 e ali o Cordeiro no trono, com o poder, o conhecimento e a santidade que lhe pertencem em exercício, e isso sobre a terra.

Há uma interrupção muito distinta no curso do livro, no final do décimo primeiro capítulo, que, em suma, encerra todo o livro. Chegou o tempo em que aqueles que destruíram ou corromperam a Terra seriam destruídos. Mas no capítulo 12, o relato retoma a origem, para apresentar o caráter radical e o desenvolvimento da última forma do mal; e, como isso será manifestado de fato no final, quanto aos fatos, pode ser considerado uma continuação das visões anteriores. Mas há outra divisão importante dentro dos primeiros onze capítulos. No início do oitavo capítulo, o último selo é aberto pelo Cordeiro. Agora, é claro, isso encerra o livro; e embora o que se segue possa estar incluído nisso, ainda assim é um curso e caráter distintos dos eventos. O Cordeiro não é mencionado durante o curso das trombetas; tudo é angelical. Depois do capítulo 12, temos o Cordeiro novamente: disso podemos falar ali. O Cordeiro está em oposição ao homem e ao mundo; isto é, eles O rejeitaram . E a igreja sofredora, pelo menos, é rejeitada pelo mundo; e o que lhe diz respeito é o que corresponde a Cristo nesse caráter. Isto, então, é o que temos sob os selos. Em certo sentido, isso é sempre verdade: pois "todos os que querem viver piedosamente em Cristo Jesus padecerão perseguições"; mas não é dispensatoriamente verdade (isto é, quanto à condição da igreja). Temos então, considerando a história progressiva, três grandes divisões: a igreja sob o Cordeiro; a igreja sob o ministério das providências angélicas; e a igreja sob e durante a última grande apostasia, traçada desde o início pelo poder de Satanás. O mundo, entretanto, não a igreja, é o assunto das declarações contidas nestas partes. 24

Após este terremoto, grande terror se manifesta; mas não é a expressão do julgamento revelado de Deus, mas do terror deles. Não digo que isso não possa ter uma aplicação posterior, e que os reis da terra possam ter terror então; mas não se trata dos reis unidos à besta, fazendo guerra contra o Cordeiro e mortos à espada daquele que estava assentado no cavalo. É o terror de um terremoto, que atribuem

à ira do Cordeiro, como se o Seu dia tivesse chegado. É depois disso que todas as trombetas soam. Com base no fundamento sobre o qual estou interpretando atualmente (isto é, o do período prolongado), seria a destruição daquele império pagão, com seus governantes, que até então existia, com o consequente terror e consternação dos inimigos do Cordeiro. A ideia de uma aplicação a tal período é frequentemente injustamente combatida, e o nome de Constantino é introduzido para mostrar que o que ele fez na igreja não teve consequências, ou foi mau em vez de bom. Mas essa ansiedade procede da falsa suposição de que esta é a história da igreja; ao passo que é a história do governo do mundo pelo Cordeiro na providência. E, a esse respeito, devemos lembrar que nunca houve um evento como este desde Babel, e sua consumação na imagem da Babilônia, como a rejeição da adoração direta a Satanás na nação imperial. E foi isso que aconteceu então.

O reconhecimento da igreja, apesar de tudo, então, chega aos poucos: primeiro, a totalidade dos judeus eleitos; e, depois, a multidão dos gentios com sua porção. Nada foi permitido fazer até que estes fossem contabilizados ou assumidos em seu lugar.

O primeiro tumulto e tempestade das nações foram contidos até que isso fosse claramente feito. Tal tinha sido o poder de Deus no Espírito durante esse período, apesar de todas as perseguições e oposições dos homens ímpios. O quinto e o sexto selos mostram o resultado diferente dos que foram realmente perseguidos, ou melhor, mortos, e dos poderes que os perseguiram; 25 o sétimo, o grande resultado, apesar da perseguição — a palavra de Deus não havia sido restringida.

Os quatro ventos, soprando sobre a terra e o mar, mostram a desordem e o tumulto do espírito das nações. Aqui, não apenas no mar, de onde, por consequência, Daniel viu emergir os quatro grandes animais ou reinos; mas na terra, aqui, porque já havia um sistema estabelecido e ordenado que era implementado por eles, bem como pela massa de nações ainda não formadas — o mar. Isso foi interrompido até que se demonstrasse quão eficaz a palavra de Deus havia sido, apesar da oposição.

Os selos, assim como as trombetas, e talvez, eu possa acrescentar, as taças, são divididos em quatro e três. Os quatro animais clamam para ver as consequências da abertura dos quatro primeiros selos. Os três últimos têm seu próprio caráter especial. A divisão das trombetas é bem conhecida; as três últimas são trombetas de ai. As sete igrejas são divididas em quatro e três, pela posição diferente da promessa e advertência a todos os que têm ouvidos para ouvir. Creio que se descobrirá que nenhum arrependimento é proposto à igreja após os três primeiros. 26 Visto à luz do poder sustentador e dos atributos do governo providencial, o chamado dos quatro seres viventes é muito inteligível.

Tomando a interpretação agora de acordo com o curso prolongado do governo divino, os quatro primeiros selos seriam a história do império. Considero um cavalo o símbolo do poder imperial ou real em exercício. E tal seria o relato de Deus sobre

o curso do império então existente. Se for perguntado: De que serve isso ao santo? Eu respondo: Tudo: saber que tudo passa sob o olhar e o conhecimento de Deus. Este leão, em cuja boca eles estavam, teve seus dias e caminhos todos numerados e ordenados pelo Senhor; e eles estavam, de fato, em união com Aquele que governava, embora pudessem sofrer com Ele. A compreensão deste lugar de paciência era, e para nós é, da mais alta importância.

No quinto selo, temos a estimativa daqueles que sofreram durante este período graciosamente registrada, embora tenha sido suficiente para mostrar que tudo estava ordenado. Mas aqui se revela que muitos foram mortos. O lugar deles está ordenado. Esta não foi a última perseguição.

O sexto selo causou grande dificuldade. Admito a aplicação de tudo isso a um período posterior, se "as coisas que são" forem consideradas como a dispensação completa, o que reconheço. Houve um grande terremoto, 27 e os poderes governantes foram abalados, convulsões na terra profética e deslocamentos de seus poderes governantes; 28 e, para fortalecer os santos, a consequência é mostrada.

O sétimo selo deu ocasião aos resultados definitivos do estado de coisas introduzido pelo quinto. Havia aqueles que haviam saído da grande tribulação e eram totalmente reconhecidos — suas vestes estavam "brancas no sangue do Cordeiro". Uma vez aberto o sétimo selo, não ouvimos mais falar do Cordeiro. A igreja, como dispensação, havia deixado de estar em um estado de sofrimento. 29 Nada poderia ser dito diretamente sobre o sétimo selo: o céu nada poderia dizer, o homem talvez muito; mas seus pensamentos não são como os pensamentos de Deus. A posse do cristianismo não poderia ser condenada; a introdução da igreja no mundo, seu efeito real, não poderia ser celebrada. Houve silêncio no céu. Mas sobre este estado de coisas, que o céu não podia reconhecer de forma alguma, a providência secreta logo começou a agir. Os anjos começaram a soar. Foi uma ação, então, de fora, no estado providencial das coisas, por ministrações angélicas da providência, não no relacionamento conhecido de uma igreja sofredora, e o mundo se opôs, como se tivesse crucificado a Cabeça. O crescimento da apostasia é traçado, não nesta segunda parte, mas na terceira, como tendo sua própria importância.

Mas havia uma característica nisso ainda não notada. Misturadas, como poderiam estar (em certo sentido, a despeito de si mesmas) com o mundo, as orações dos santos não cessaram, e muito incenso foi dado ao anjo do altar para aumentá-las, ou seja, dar-lhes sabor e eficácia diante de Deus. 31 O próprio Sumo Sacerdote assume aqui o caráter angelical: a proximidade do relacionamento e a plenitude de tudo no céu, governando com base em princípios conhecidos (conhecidos pelo homem na igreja como seus próprios para se basear), haviam desaparecido.

Esta é a primeira menção que temos do altar de incenso. As almas estavam sob o altar de holocaustos como holocaustos inteiros. Ora, todo o recurso dos santos era

clamar a Deus. A resposta eram julgamentos da santidade de Deus contra o mal; e o curso definido de desastres preparados para prosseguir seu progresso. Temos, portanto, no final ou no início dos períodos, um relato do estado dos santos durante o período (isto é, quanto ao princípio da dispensação no período). As trombetas, então, seriam os julgamentos de Deus sobre o estado mesclado das coisas, no qual os santos haviam cessado de sofrer 32 e sido identificados com o caráter do Cordeiro, em resposta às orações secretas do remanescente oferecido como um cheiro suave pela ação secreta do anjo da aliança; mas os procedimentos conhecidos, externamente, sobre princípios que a igreja poderia explicar sobre o caráter de sua existência.

Houve alarme, a poderosa atuação de Deus nos espíritos dos homens em terror, e uma convulsão na condição da Terra; então o curso progressivo dos julgamentos:

Sobre os grandes, e a prosperidade universal e a glória do homem, por julgamentos enviados pelo céu;

Então, destruição pelo julgamento, através do poder, sobre a massa de nações externas;

Então, algum poder apóstata polui e amarga as próprias fontes da condição moral popular; 33

Então, a autoridade suprema é ferida, mas isso em uma esfera confinada, com toda a luz ou autoridade dependente ou subordinada.

Há então um termo introduzido, não usado anteriormente, exceto no discurso à igreja de Filadélfia: "Ai dos que habitam na terra!", uma expressão, creio eu, tirada de Isaías 24 e usada no Apocalipse em contraste com os habitantes do céu (isto é, pessoas dentro do alcance da terra profética, ou cenário das relações morais imediatas de Deus, mas não um estrangeiro ou peregrino lá, isto é, um homem espiritual, de mente celestial, mas habitando lá). No capítulo 12, é contrastado com "Alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais. Ai dos que habitam na terra e no mar!" (compare Efésios 1 no final, e capítulo 2). Aqui, portanto, temos as três últimas trombetas anunciadas como ais para esses habitantes da terra. O restante pode ser julgamentos providenciais sobre a condição das coisas. Estes últimos assumiram essas pessoas de mente terrena fixadas na terra. Observe que, quando os santos, embora em súplica, vivem, quanto à sua condição real, não em sofrimento, mas misturados ao mundo, eles participam externamente, e portanto em espírito, sensivelmente, da tribulação e tristeza dos julgamentos que virão; e estes vêm, talvez, como castigos salutares, ou pelo menos advertências, em resposta às suas orações; e isso, em princípio, creio eu, pode continuar até hoje. Mas há julgamentos posteriores, especialmente sobre esses seres de mentalidade terrena (a forma em que eles se tornam agora caracterizados, quando, após os castigos pacientes e separadores de Deus, são fixados neste caráter). Então, vêm julgamentos positivos sobre eles, especificamente.

O primeiro vem pela apostasia, que libera as influências do que está abaixo – do que é do abismo. O efeito é apagar ou obscurecer a autoridade suprema e as influências saudáveis que atuavam nas mentes dos homens. 36 A partir disso, um enxame de saqueadores se espalhou pela terra – a terra profética, tendo um rei, o anjo do abismo sem fundo: pois, embora tivessem a energia ativa do poder imperial, e em relação aos outros fossem homens, ainda assim tinham "poder sobre suas cabeças". Quando vistos de costas, não estavam na dignidade aberta do homem, como governantes em poder civil à imagem de Deus; estavam sujeitos a algo, embora pudessem avançar na conquista prevalecente sobre os outros; e sua picada era sua cauda. Não era sua energia que era seu poder venenoso de maldade, mas o que eles traziam como consequência. O profeta e mestre de mentiras, ele é a cauda.

O próximo infortúnio foi uma incursão mais aberta de inimigos externos, como tal — este exército de poder predominante, imperial e congregado; e das bocas deles (eles o carregavam diante de si) saiu o que era julgamento: só que era pelo mal, e o que era do inimigo, positivamente. 37 Eles tinham poder em suas bocas, mas também em suas caudas; pois nisso, também, seu plano de maldade estava mais definido do que antes, embora não a introdução dele; "e com eles eles machucaram". Era como Satanás em forma. Este era mais aberto e belicoso em caráter; mas não o mal original.

Mas aqueles, o restante dos homens, que não foram mortos por eles, não se arrependeram de suas idolatrias e má conduta; muitos seriam completamente destruídos de sua profissão, e seu lugar seria posto de lado e preenchido por outros; mas mesmo assim, os demais não se arrependeram. A extensão do poder destes era limitada. Os alvos gerais de todos os males eram pessoas de mentalidade terrena na região dos tratos de Deus. Quando o mal originador, obscurecedor e atormentador chegou, somente aqueles que eram manifestamente reconhecidos por Deus como Seus – manifestados como sendo dEle – foram excluídos.

O anjo da trombeta — este anúncio do tempo integral do propósito de Deus — libera esses instrumentos subordinados de Sua providência para terem poder de destruição pelo tempo prescrito.

Tudo isso, no entanto, eram relações nas quais, embora um remanescente orasse, a igreja não tinha lugar natural. 38 Pois o crescimento da apostasia não é o assunto aqui. É tudo mera ação providencial angelical. Não é o Filho do homem em julgamento. Não é o Cordeiro em glória no trono, mas em simpatia com um povo sofredor, contra quem o mundo se opõe e a quem Ele ostensivamente reconheceu. Isso se perdeu completamente quando o mundo reconheceu a igreja: a igreja perdeu completamente o seu lugar. Ela havia se aproximado gradualmente do mundo – estava agora ostensivamente afundada nele; tal era o seu curso descendente, tendo perdido o discernimento espiritual, que não era capaz de ver sua posição na bênção exterior. Assim aconteceu com Abraão, quando sua esposa

foi levada à corte do Faraó. Ele havia descido primeiro ao Egito. Então o Senhor age por meio de ministrações angelicais sobre a profissão de fé, primeiro em castigos externos, depois em julgamento direto e sofrimentos. Os fatos atuais, à medida que avançamos, nos levarão à extensão (isto é, à extensão geográfica) desses dois males. Reservo o curso dessas passagens mais particularmente, de acordo com o sentido prolongado de "as coisas que são", aplicado a toda a dispensação, para o que se apresenta mais adiante.

Mas antes do terceiro ai, ou sétima trombeta, há uma grande revelação entre parênteses; mas trata-se ainda de uma ministração angélica ou providencial . 39 Tampouco é, embora apresente manifestamente a mesma cena, o relato da apostasia que temos depois, mas a mesma cena historicamente, como se estivesse sob o curso dos eventos profeticamente declarados por Deus. Havia muito que anunciava o julgamento de Deus contra o estado de coisas aqui entrado, que não foi revelado. Mas, embora este não fosse um livro selado que somente o Cordeiro pudesse abrir, mas o progresso do curso dos eventos históricos na Providência, ainda assim estava especialmente nas mãos daquele poderoso anjo, e a dignidade de Sua Pessoa foi sustentada.

As manifestações do juízo de Deus relacionadas à pronunciação de Sua voz, e o que se seguiu a ela, ainda não haviam sido reveladas. Uma voz do céu as selou: pois, embora o curso dos eventos continuasse e fosse descrito, ainda havia princípios nisso de tal caráter e peso aos olhos Daquele que podia trazer o nome Daquele que vive para todo o sempre, que provava que não haveria mais demora. E essas coisas deveriam preceder a realização do mistério de Deus, que aconteceria quando o sétimo anjo estivesse prestes a tocar a trombeta.

Dessa forma, o pequeno livro aberto é muito simples. Não é o mistério da iniquidade, revelado em sua totalidade, mas é o curso histórico dos eventos — um retrato daquela cena, por si só, na qual o mistério da iniquidade, todos os seus princípios importantes e a atuação de Deus sobre eles são desenvolvidos, a fim de completar aquilo que se consuma ao soar da sétima trombeta. É, portanto, um degrau abaixo em sua natureza do grande livro selado. Este foi segurado por Aquele que estava assentado no trono; e foi dado ao Cordeiro, o único que poderia abri-lo. Pertencia a Ele por um título que ninguém mais possuía: mas este está na mão do anjo e é dado ao profeta. Fazia parte do curso de eventos históricos progressivos. Suas alusões, no entanto, o identificam com o que vem depois, como a besta que sai do abismo, etc.

Havia ainda um ponto adicional. O profeta podia olhar para eventos externos e descrevê-los; mas aqui, embora o sabor do conhecimento disso fosse doce, quando ele viu o que realmente transmitia, quando o digeriu, quando as simpatias de sua própria alma estavam envolvidas nisso, coisas dolorosas e difíceis concernentes à posição e ao estado de ruína da igreja estavam envolvidas nisso — desordem e mal, e afastamento de Deus, e provações relacionadas a isso nos santos. Ah! Era amargo

em seu ventre. Este termo é sempre usado para as afeições e pensamentos íntimos do homem. Portanto, na igreja, diz-se que o Espírito Santo flui do ventre do crente, porque não é meramente uma comunicação de eventos conhecidos, mas o Espírito, como um penhor do que pertence a nós mesmos e, portanto, preenchendo a alma; e, de nossa própria associação com as coisas, a alegria e o testemunho fluem. Haveria de ser retomado o amplo campo deste testemunho. Esta parte do depoimento retomou o assunto e, embora conectado de fato, constitui um assunto e uma cena completos por si só.

Assim, este pequeno livro aberto forneceu o relato histórico (quando assumiu seu lugar na história externa) do estado das coisas sob a grande apostasia, a fim de encerrar toda a cena como uma história na sétima trombeta; enquanto os detalhes da apostasia, sua origem e fonte (antes que fosse assunto da história progressiva da igreja), o poder e a intenção de Satanás manifestados nela, foram reservados para um relato distinto (isto é, todos os seus trabalhos e desenvolvimentos morais).

Deve-se notar, além disso, que o terceiro ai não é apresentado aqui. Quando a sétima trombeta soa, há vozes no céu celebrando a vinda do reino terreno de Cristo; e a cena é descrita em termos muito gerais, abrangendo sua introdução e resultados; mas o ai não é descrito. Na verdade, todos os detalhes das circunstâncias são reservados para os relatos que se seguiriam: mas "não demore mais" é o que aqui se evidencia. Tenho apenas a acrescentar que, se "as coisas que são" forem consideradas como toda a dispensação, então o décimo segundo capítulo pode ser considerado continuamente 41 para a atuação dos agentes ali descritos em sua conduta na crise; apenas que os traça de baixo para cima a partir do estado de coisas nos céus — isto é, como objetos do julgamento mencionado na sétima trombeta. Neste caso, o primeiro ato seria tirar os santos do caminho; depois, a expulsão de Satanás; então, após a perseguição aos judeus, a última luta, incluindo o julgamento da besta e coisas semelhantes. De resto, o décimo segundo capítulo é um rastreamento dos detalhes da fonte, dos princípios e das ações deles, como na mente de Deus, e isso desde sua natureza, objetivo e início.

A ordem que essas passagens envolveriam, quanto à crise final, seria esta: Os três selos após o primeiro são o princípio das dores; durante esse período, as testemunhas fiéis na terra estavam sujeitas à morte, e o evangelho do reino era pregado entre os gentios. No quinto selo, os céus são transformados. A abominação da desolação é estabelecida no meio da última semana. Um tempo de angústia como nunca houve desde que houve nação, o dragão perseguindo a mulher. A mulher foge. Os que estão na Judeia fogem para as montanhas.

O sexto selo é aberto: e, antes que os ventos soprem, os remanescentes são selados, e a multidão portadora de palmas é vista vestida de branco. O clamor do remanescente na terra traz julgamento para lá; assim como o clamor de debaixo do altar no quinto selo trouxe o sexto. Então vêm os julgamentos das trombetas em sucessão, o último envolvendo o julgamento final.

O único ponto que permanece é: quando Satanás será lançado? O décimo segundo capítulo abrange todo o curso do livro, em suas fontes internas, para apresentar os últimos agentes como objetos do julgamento anunciado no céu ao soar da sétima trombeta. Esse capítulo mostra, como observado, que o primeiro ato é capturar completamente Aquele que governará as nações; e toda a questão continua depois disso. O próximo passo não é mudar os céus, mas a guerra ali; e então o adversário e acusador é lançado. Isso é claramente antes dos últimos três anos e meio, quando há tribulação, e antes que a tribulação e a fuga ocorram; pelo menos me parece que sim. A mudança dos céus é depois disso, ou melhor, depois disso. Afirmo, então, apenas que, segundo essas passagens, a expulsão do dragão, quanto à crise, parece ocorrer algum tempo antes do estabelecimento da abominação, após o arrebatamento dos santos, ou seja, antes ou no período dos primeiros quatro ou cinco selos. O sexto seria o efeito disso.

É evidente que a aparição do Filho do Homem é subsequente a essas mudanças nos céus, conforme Mateus, Marcos e Joel; e, de fato, a todo o curso e ordem desses poderosos atos de julgamento de Deus. A aparição de Sua vinda destrói o homem do pecado. Isaías 24 pode ser consultado aqui.)

De qualquer forma, entendo que alguns deles, como as duas testemunhas, participaram do chamado celestial, de acordo com Daniel 7, sem serem o testemunho da igreja representada na cidade santa. Veja a analogia da igreja pentecostal inicialmente (embora esta fosse de fato a igreja), mas seu testemunho é notável quanto a isso.

Mas, voltando aos detalhes do décimo primeiro capítulo, o que encontramos é o seguinte: todos os que tinham o caráter sacerdotal e o que lhes dizia respeito foram preservados – até mesmo seu culto e o altar (isto é, o lugar santo e o local de aproximação do sacerdote). Mas a profissão exterior – a cidade santa – é totalmente abandonada para ser totalmente profanada pelo período profético de quarenta e dois meses. Mas não são apenas as associações sacerdotais que são preservadas aqui, mas também o caráter testemunhal ou profético. Ou seja, eficácia foi dada ao seu testemunho, "dado às orações dos santos", ou dado às "minhas duas testemunhas", o que significa eficácia para o sujeito da dádiva. 42

Este testemunho foi guardado, não por preservativos mundanos externos, longe disso; durante este período, "ai" estava sobre o que poderia ter sido assim. O que era externo era objeto de mera interferência angelical secreta de Deus; mas o julgamento correspondia ao seu testemunho. Se alguém os machucasse, de sua boca saía fogo. Não era a vinda do julgamento por autoridade externa manifesta; a pretensão, pelo menos, disso estava do lado do falso profeta. Mas eles foram respondidos em julgamento, para preservá-los de acordo com o testemunho de sua boca contra aqueles que os destruiriam. Esta mão secreta de Deus, de acordo com a palavra da testemunha fiel, quando tudo estava errado e profanado, não duvido, sempre esteve presente em tais casos. Não era o momento para comparecimento

aberto em julgamento, mas sempre para interferir na vindicação vigilante de seu testemunho quando necessário. Se eles pegassem a espada em tais casos, era um esforço para alterar a ordem perfeita da providência de Deus que sempre preserva Seus princípios — eles pereceriam pela espada.

O que se segue parece análogo às circunstâncias de Moisés e Elias, e à energia de seus ministérios, não uma questão de suas pessoas. Moisés ministrou quando o povo estava sob opressão, quando o mundo prevalecia; e ele tinha poder para assolar a terra, à qual Faraó pertencia, e da qual ele era príncipe, e que ele buscava. Elias fechou o céu para o povo apóstata, que deveria ter estado em conexão e associação com ele; e a bênção foi retida de uma terra regada com a chuva do céu. Assim, o poder de invocar em julgamento era adequado à posição respectiva dos dois: um, agindo sobre o mundo do qual o povo de Deus foi chamado; o outro, julgando o povo que se tornara o mundo, impedindo-o de desfrutar das bênçãos do céu. Ambos têm sua aplicação ao estado de coisas aludida nesta breve, mas abrangente profecia.

Ao final dos três anos e meio, seu testemunho de saco cessou com a morte deles nas mãos da besta do abismo, quando eles terão cumprido seu testemunho. O oitavo versículo me parece destinado a apresentar as aplicações gerais e específicas, ambas as quais declarei serem minha crença, na mente do Espírito de Deus; primeiro, a grande cidade do mundo, que foi onde Cristo foi crucificado; e especificamente Jerusalém, onde a apostasia religiosa, sempre a líder do mal do mundo, cometeu o ato localmente.

Quanto à interpretação, que daria mil duzentos e sessenta anos a esta profecia, outros já disseram o suficiente: um testemunho, levantado durante a prolongada apostasia moral, ao qual creio que o Espírito Santo atribui mais importância do que muitos estão inclinados a dar; pois Deus ama os Seus santos. Creio que era da máxima importância possível, mas não de importância final — não a grande cena final. Sustento que tinha, para a manifestação do Anticristo pessoal, a mesma relação que a igreja, pela operação do Espírito Santo, tem para a vinda pessoal de Cristo, o Senhor; e isso não é sem importância ou imaterial, muito pelo contrário, ou um objeto leve do guardião e do olhar atento de Deus. Santos massacrados e demônios adorados, supressão, ou pelo menos degradação, da ordenança de Deus na autoridade civil — essas não eram coisas leves na avaliação de Deus, embora Sua paciência pudesse suportá-las naquela longanimidade que era a salvação. Mas a subversão da verdadeira glória da igreja, no reconhecimento do Espírito Santo, não foi sem importância, pois provou a degeneração do homem, que apostata em todas as circunstâncias, mesmo que não fosse uma guerra aberta contra o Filho.

Além disso, acrescento que a apostasia e a revelação do homem do pecado são duas coisas distintas. A apostasia é a introdução do homem do pecado. A apostasia pode não ser a do ímpio (lit. sem lei); mas certamente é de alguma importância. Encontro muita falta de atenção à exatidão das Escrituras naqueles que parecem

ser os mais precisos. O mistério da iniquidade em ação, a apostasia e o ímpio podem ser vistos como coisas distintas, embora intimamente conectadas; nem o ímpio é idêntico ao Anticristo, embora seja muito provável que sejam a mesma pessoa.

Quanto à negação dos símbolos e à afirmação de que se trata de um livro tão literal, parece-me insustentável. Assim, quando a terça parte do sol foi atingida, o dia não brilhou por um terço dele; mas isso não seria o que se seguiria em qualquer sentido literal. E uma pequena investigação detalhada mostrará que muito do que foi dito recentemente sobre o assunto não resistirá a um exame.

There is another point which the advocates of literalism45 and crisis often insist on, which deserves notice (though I am unwilling to detain myself for questions)—days being put for years. This is denied, notwithstanding the plain suggestion of such an idea both in the passage in Num. 14:34, and in that in Ezek. 4:6.

The seventy weeks, however, stand strongly in the way; and the ingenuity of criticism has been called into service to say that it is simply seventy sevens, not seventy weeks, and may thus literally be years. Now, if the conventional reading46 be taken, it is simply weeks; if not, it cannot mean sevens at all, but seventy seventies. I think this criticism, therefore, cannot be maintained. It is either seventy weeks or seventy times seventy, not seventy sevens.

Mas, quanto aos números aqui, há outra questão importante: alega-se que, vista como uma crise e literalmente, esta não é a última metade da semana. 47 Na última metade da semana em Jerusalém, diz-se que não são tempos de testemunho, mas de vingança — não de testemunho de ninguém, cristão ou judeu. Os discípulos, que haviam dado testemunho e chamados a possuir suas almas com paciência, são então instruídos a fugir; pois estes eram os dias de vingança. Isso ocorreu no estabelecimento da abominação da desolação, o início dos últimos mil duzentos e sessenta dias, ou três anos e meio. Assim, no décimo segundo capítulo, após a expulsão de Satanás, sua grande ira começa sobre a Terra; então o céu e seus habitantes são livres; e a mulher, consequentemente, foge para o deserto pelos mil duzentos e sessenta dias, para ser nutrida da face da serpente. O Anticristo não assume seu caráter distintivo adequado em Jerusalém até então. Ele pode, como o chefe apóstata opressor dos gentios, por instigação dos judeus, perseguir os santos que têm o testemunho de Jesus – possivelmente oprimir tiranicamente até mesmo os judeus, como nação santa, por vezes; mas, estritamente, sua "aliança é com a morte, e com o inferno eles têm acordo" (isto é, quanto aos governantes que representam a nação). Isto é verdade em relação à última meia semana; seu caráter é uma aliança da besta com os judeus. Mas o Senhor, em Mateus 24, distingue o testemunho geral do reino enviado a todo o mundo, e que começou imediatamente após Sua morte, apenas da última meia semana. O que Ele fala não é um testemunho especial em Jerusalém, e não devemos confundir o testemunho peculiar das duas testemunhas com os primeiros

quatorze versículos de Mateus 24. Esse capítulo não conhece a primeira meia semana. Há um testemunho geral e uma meia semana, começando com o estabelecimento da abominação da desolação e terminando com a vinda do Senhor. Dn. Apocalipse 9 contempla uma primeira metade da semana, na qual o príncipe que há de vir faz uma aliança com a maioria dos judeus, que ele quebrará no meio da semana. Mas Apocalipse 2 contempla, creio eu, apenas a última metade da semana, a de Mateus 24.

Temos aqui outra distinção, que também permeia o que se segue, mas não devidamente observada: povos, línguas, nações, línguas e aqueles que habitam na Terra. Digo não devidamente observada, pois a universalidade do domínio do Anticristo foi argumentada a partir da expressão: "Todos os que habitam na Terra o adorarão". Mas ali, como em outros lugares, eles contrastam com nações, tribos, línguas e povos. O caso dos habitantes da Terra é sempre, creio eu, mais agravado.

Portanto, não se trata apenas de má conduta para com as testemunhas aqui, mas de grande alegria interessada em sua destruição. Há três partes envolvidas no mal: a besta, que mata as testemunhas; aqueles das nações e tribos, que não permitem que sejam sepultadas, exibindo a hostilidade natural do coração humano; e o povo que habita na terra, a quem o testemunho das testemunhas atormentou especialmente. Pois o testemunho de santa consistência e proximidade profética com Deus é tormento contínuo para aqueles a quem o testemunho chega por sua apostasia. O profeta, nesse caráter, é sempre uma testemunha de que, com todo o seu orgulho e autossatisfação, eles são apóstatas; e isso é tormento, pois eles realmente não têm paz com Deus, qualquer que seja sua pretensão. O retorno das testemunhas à vida foi um acontecimento público, no qual o julgamento e a vindicação de Deus foram claros para seus inimigos. Eles ouviram a voz do céu, dizendo-lhes: Subam para cá. Eles foram primeiro trazidos à vida e então chamados ao céu abertamente.

Essas testemunhas estiveram diante do Deus da Terra, as testemunhas do título de Deus aqui. O medo que a manifestação pública de Deus em seu favor produziu não deu eficácia ao seu testemunho; mas os amedrontados glorificaram o Deus do céu. Houve o efeito geral da religião impenitente — o testemunho não recebido; pois isso teria quebrado sua vontade. Mas seu medo agiu externamente para honrar a Deus formalmente, mas apenas como Um no céu. Foi o que agiu sobre eles que fez isso — o terremoto e a matança de homens, nomes de homens, seu orgulho e título abatidos. 48 Tudo isso aconteceu antes do soar da última trombeta; mas quando ela se encerrou, o segundo infortúnio havia passado.

Embora possa haver uma realização disso mais literal em momentos de crise, não há nada no reavivamento das testemunhas que o torne estritamente literal; pelo contrário, os termos são, em grande parte, simbólicos. Um espírito de vida de Deus, embora possa ser aplicado, não é tão estritamente característico de mera vivificação. 49 Era distinto, no entanto, de uma mera renovação da profecia em

pano de saco. O testemunho agora era por sua exaltação pública, não por sua fidelidade na provação.

Gostaria de observar, no versículo 8, que não se trata propriamente da rua da grande cidade; mas sim da rodovia ou da grande rua da cidade, mas sim do antecedente ao qual parece estar toda a ideia. Durante todo esse tempo, o último grande infortúnio estava prestes a se manifestar.

As testemunhas, então, eram um testemunho — dado antes da última expressão terrível do poder do mal sendo liberado — um testemunho adequado; e o da reivindicação de Deus sobre a Terra, durante o tempo em que esses habitantes da Terra a reivindicaram como sua e, portanto, foram atormentados pelo testemunho. Não foi necessariamente durante a prevalência da besta que sai do abismo; pois até a guerra (v. 7), sua existência não está em questão. Quando ela faz guerra contra eles, ela os vence e os mata; mas eles têm poder no testemunho até então — até que seu testemunho seja cumprido. Seu testemunho, então , não estava propriamente sob a opressão de seu poder; pelo menos não é assim que Deus o distingue. Ele é levado adiante com tristeza enquanto as coisas sagradas externas são profanadas, mas o remanescente sacerdotal, e o que lhes pertencia, são preservados; e isso pelos quarenta e dois meses. E nessas circunstâncias eles cumprem seu testemunho: então a besta que sai do abismo faz guerra contra eles e os mata. 51 Quando a questão do poder surge, e o Anticristo se levanta em sua forma plena contra o Cordeiro, ele é finalmente derrubado e lançado, com o falso profeta, no lago de fogo, e seus seguidores são mortos. Trata-se das testemunhas em seu princípio, um ato antecedente; o Cordeiro ainda não entrou em cena. Pois Ele vem pessoalmente vitorioso: mas aqui, enquanto a besta vem contra as testemunhas que estão diante do Deus da Terra, elas são vencidas, porque o Cordeiro ainda não se manifestou em poder, nem o reino terreno chegou. Lúcifer se levantará contra o Senhor do céu e será derrubado. Quando seu representante se levanta contra as testemunhas e representantes do Senhor — esses dois ungidos — eles são derrubados e mortos, e levados para o céu, onde a glória e o Cordeiro ainda estavam. Foi o último ato público externo de testemunho — seja para a dispensação ou para a crise — e, portanto, tinha definitivamente o caráter atribuído a ele quando o testemunho profético tinha lugar nele — a prevalência do mal externamente e o sofrimento das testemunhas — seu descanso e refúgio estavam acima.

Assim, a besta que sai do abismo não aparece aqui como agente direto contra as testemunhas, até que os três anos e meio de seu testemunho se completem, embora, quanto à sua condição, estivessem vestidos de saco. Quando o anúncio do último ai chega, o céu o considera como o sinal da vinda do reino terreno; e a igreja, antecipando-se, por ter a mente de Cristo, dá graças ao Senhor Deus Todo-Poderoso, que, na continuidade de Seu ser e conselho, estava agora assumindo Seu poder; e, portanto, ela antecipa todos os resultados. Os anciãos apenas falam aqui; pois as coisas não estavam na visão em sua completude ou princípios: mas era a

antecipação real dos fatos como agora se apresentando, como tendo a mente de Cristo.

Parece que o último ai teve um aspecto mais amplo do que os outros — muito, embora contivesse a cena e o objeto deles. No versículo 12 do capítulo seguinte, após Satanás ser expulso, ai de fato é pronunciado sobre os habitantes da terra, que foram os primeiros objetos dos ais; e também, então, sobre os do mar. Ora, é verdade que isso não vem, em continuidade histórica adequada, do capítulo 12; nem é o ai final do capítulo 11; mas introduz a cena maior que é o tema do julgamento executado naquele ai. Mas a expressão do ai ali havia sido reservada; aqui, todos estão envolvidos nele debaixo do céu.

O décimo nono versículo do capítulo 11, embora seja um versículo de conexão, deveria iniciar mais apropriadamente o décimo segundo capítulo. Considerando os capítulos como contínuos, ele representa a ação direta e manifesta do céu na terra, a conexão entre os dois. Não se trata agora de um selo aberto por alguém que sozinho poderia fazê-lo, mas do templo aberto; "e foi visto", etc.

A primeira coisa vista foi o testemunho seguro e imutável da misericórdia da aliança de Deus, na qual todos os seus pensamentos e propósitos se concentravam. Após o soar da sétima trombeta, todas as relações entre as coisas, seus verdadeiros princípios e fontes, vieram à tona. Se considerarmos o décimo oitavo versículo do capítulo 11 como o encerramento geral de toda a história, o décimo segundo leva a igreja a enxergar, abstratamente, os princípios e fontes de todos os eventos, que, de fato, serão revelados nos últimos três anos e meio.

Esses dois pontos de vista não são de forma alguma inconsistentes; pois a última crise é uma culminação e manifestação dessas mesmas fontes de ação em agentes manifestos e uma colisão direta de ação. Ao contrário, ninguém pode compreender a crise que ocorre, a menos que se aprofunde nas fontes, princípios e movimentos de agentes (em certo sentido, podemos dizer, interessados), que são aqui desvendados desde o início; e, por outro lado, o funcionamento desses agentes e princípios, e seus resultados, nunca são vistos claramente até que sejam revelados no final, em seus próprios resultados, embora a fé possa discernir seus princípios muito antes. Assim, o Senhor diz nas primeiras demonstrações de Seu poder: "Eu vi Satanás, como um relâmpago, cair do céu"; e Seu grande apóstolo nos revela que o mistério da iniquidade já operava: somente há Aquele que o detém, até que seja tirado do caminho (2 Tessalonicenses 2:7); e então os ímpios seriam revelados, a quem o Senhor destruiria. A revelação, portanto, desses agentes ocultos, mas reais, foi apenas o desdobramento do que seria posto em crise: e a crise é a manifestação real desses agentes em seu verdadeiro caráter, não mais sob o manto de mistérios. Portanto, a Igreja, como admitida no céu, os conhece e explica suas manifestações quando se manifestam na Terra.

Isto não faz parte, propriamente, dos selos, então; mas entra, sob o devido

conhecimento da igreja, pelo Espírito Santo e Suas revelações do que se passa no céu; não em mera comunhão, como tomar das coisas de Cristo, mas em revelação, como mostrar o que está conectado com a manifestação de Sua glória. Tudo se baseia (aconteça o que acontecer) na imutabilidade da arca da aliança. Era a arca da aliança de Deus e o templo de Deus. A igreja repousa nessa fidelidade segura, mas sua aplicação direta é a Israel, embora em imagens peculiarmente simbólicas.

Estando isso estabelecido, os caminhos e propósitos da Providência foram então descobertos. Surgiu um grande sinal no céu. Assim como a mulher era para o homem, assim também o homem era pela mulher; e aqui as coisas foram reveladas, não em resultados finais (isto é, o conhecimento da igreja sempre, em comunhão, seja quanto à glória de Cristo como homem ou Deus tudo em todos), mas como administradas pelo caminho, e, portanto, o homem é pela mulher aqui. Assim também em outros tipos de escritura. Portanto, embora a vejamos na glória da mente de Deus a princípio, logo a vemos em várias circunstâncias e exigências, às quais ela foi, em Sua sabedoria e justiça, submetida, até mesmo a fugir para longe na terra. Aqui, no entanto, ela é vista em seu título de glória no céu. O propósito de Deus está na igreja; mas Cristo é seu grande súdito; e, de fato, ela pode estar sujeita a dez mil vicissitudes aqui embaixo, pois o mundo não é regulado de outra forma senão secretamente. Deus pode glorificá-la, mas o lugar da mulher é estar sujeita; Ela não continua a guerra, e não pode fazê-lo dessa forma. Já mencionei, em outro lugar, 54 que a atividade da fé, ou seu fracasso, é, nas escrituras típicas, mencionada como o homem — a condição da igreja ou povo de Deus (pois, neste sentido, a igreja é o nome para uma condição do povo de Deus, sendo este último usado em um sentido geral) é representada pela mulher. 55

Temos que olhar aqui, para o povo de Deus, como em Sua própria mente ou propósito, e, portanto, glorificado nisso; contudo, como dissemos, entrando nos detalhes das consequências, está em sua ministração, pois é o homem pela mulher, não a mulher pelo homem. Ambos têm sua importância e seu lugar. Portanto, a mulher é vista revestida de autoridade suprema — o esplendor da autoridade suprema, e toda a luz derivada sob seus pés; e o governo derivado, toda a autoridade menor, sua coroa, e isso em perfeição. Assim, é visto abstratamente, mas em propósito com tudo o que Deus lhe atribui, e em torno do qual todos os propósitos ou planos mediatos de Deus giram — Sua própria glória e Jesus sempre o fim. E assim se encerrará, pois é verdade que: " O que começa com a visão, termina em ação."

Pois não estamos falando aqui do retorno de Deus à Sua própria infinitude, o que dificilmente pode ser chamado de propósito: 57 —Cristo, então, a glória do Filho, era o propósito; mas aqui, sendo o ministério dele, a mulher é apresentada e o homem escondido.

Se descermos aos detalhes, encontraremos o contraste mais marcante: o estado mais baixo da condição mais baixa do povo de Deus — aquele sob a lei quebrada, e

governado pela última forma do mal gentio, quanto à sua personalidade — aquela em que Cristo nasceu; e com razão. Pois pelo pecado a glória foi toda revertida; tudo foi revertido: o trono, que deveria ser o instrumento da justiça de Deus, foi o instrumento para matar Seu Filho, a pedido e instigação (intercessão, por favor) de Seus sacerdotes, os líderes de Seu próprio povo! Que quadro das coisas! Se formos ao tempo em que os judeus realmente dirão: "Um menino nos nasceu", veremos que é segundo a última e manifesta forma do último mal — o mal dos últimos dias. A igreja sabe disso agora, pois tem a mente de Cristo; e somos renovados em conhecimento segundo a imagem dAquele que nos criou.

O que encontramos aqui, então, é o propósito de Deus a respeito da condição de Seu povo, produzindo Aquele que governaria todas as nações; e, em vez de fazê-lo, Ele é arrebatado a Deus e ao Seu trono; e a condição de Seu povo fica exposta à provação, à miséria e à perseguição do grande inimigo, que estava esperando e buscando devorar o filho varão ao nascer. No entanto, escapa completamente dele. Tal é o quadro geral, que lança muita luz sobre todos os detalhes. Se o aplicarmos a Cristo em Pessoa, então sua realização quanto ao propósito celestial, independentemente do que Ele possa sofrer aqui, é suficientemente manifesta (a condição do povo de Deus sendo sofrimento e provação por isso). Se o aplicarmos aos santos, que vencem aqui (como lemos) como Ele fez, e a quem é dado governar como Ele recebeu de Seu Pai, então descobrimos que, embora o objetivo do inimigo fosse devorá-los também, eles são arrebatados para fora do seu caminho, para Aquele que estava acima de seu poder; e a provação e a perseguição recaem sobre aqueles que são deixados aqui – sobre a mulher. Os detalhes disso são abordados no que se segue no capítulo. Depois que a criança é arrebatada, a mulher foge. Não há detalhes nisso. É uma descrição da posição das partes, e isso com toda a clareza possível, como se tivesse poder e precisão divinos. Há uma delas da qual, até agora, falei pouco: esta outra maravilha (que se opunha à mulher, a este propósito de Deus em Seu povo), o grande dragão vermelho. Seu objetivo era destruir o filho varão que seria gerado pela mulher, cujas dores de parto ele percebia, e odiava tudo o que lhe pertencia; pois o propósito de Deus e seus frutos eram sua destruição. Ele falhou nisso e voltou sua ira contra aquilo que, em certo sentido, restava em seu poder.

Que o dragão é o poder hostil do adversário, não há dúvida. Temos a autoridade deste livro (cap. 20), suponho que ninguém negará, por dizer isso.

If we look to the source of power, it is there; only without the description which gives it its formal character. It was here seen in heaven (i.e., not in its providential forms and consequences by the will of man, but as the Lord viewed it in its will or power of evil), as a whole, identified in form with the beast (to which it gave its power, it is true), yet not the beast, and not identified with it in the specialties of its latterday character; but the whole generic form of Satan's power, in that which took, at a given period, that character. It had the seven heads and ten horns, but the heads were crowned, not the horns. It was Satan, acting in the form of power, in

which he countervailed-not simply the earthly purpose58 amongst the Jews, or in which he attacks Jerusalem by an earthly instrument, but-the whole heavenly59 purposes and the glory of God by Christ in His people. Hence, too, the death of Christ, which closed His Jewish and earthly career, is not noticed here; because the Jewish associations of Christ are not the question when things are seen in the heavens. The child was caught up to God and His throne. The tail of the serpent, his moral influence-evil moral influence-characterized by the form of the Roman empire, the effects of his power, and the dominant religion of the state, put down a third of the rulers of God, and made them subordinate. The effect on the woman was her retreat into solitude and sorrow, for so she is seen in actual effect.

Aqui estão as partes: o sétimo verso inicia um novo tópico. Houve guerra no céu. Esta não era a guerra da igreja, mas do poder divino; não ainda, contudo, na energia manifesta do Filho do homem, o homem poderoso, o filho varão; mas nas agências mais secretas de Sua vontade, ministrações angelicais. A guerra da igreja, travada na carne, é travada no sofrimento e travada contra o acusador pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; ele sempre presente, e ainda assim eles acima dele, como um inimigo vencido em Cristo, miseráveis em sua carne, e quanto a isso em sua vontade, quando operava, sob seu poder. Mas aqui havia poder para expulsar a serviço de Deus — a questão resolvida era se o dragão e seus anjos deveriam continuar ali: "E pelejou o dragão e os seus anjos, e não prevaleceram; nem mais o seu lugar se achou no céu. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele." 60 Então veio a celebração; e no décimo terceiro versículo, o que se seguiu na terra: e a mudança em tudo isso é muito importante. A avaliação que a igreja faz disso no céu também é: "o acusador de nossos irmãos"; 61 a consequência de cujas acusações e poder foi julgamento 62 e perseguição na terra. Eles não amaram as suas vidas até a morte, vencendo-o pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho — um tempo então de sofrimento dos santos, e Satanás tendo o seu lugar no céu, em autoridade e poder, e enganando o mundo inteiro. Disto a vitória de Miguel e seus anjos o lançou para baixo.

Aplico aqui o mesmo princípio de atuação e manifestação providencial em crises, como em todo o texto; e o menciono aqui apenas em particular, e sua aplicação à queda da idolatria, por ser inteiramente rejeitada pelos intérpretes modernos. Não é sua influência na igreja que está em questão aqui, 63 mas seu poder no governo do mundo, seja qual for a forma como isso possa atuar sobre a igreja. O argumento, então, de que o mal pode advir para a igreja pela cessação do poder manifesto de Satanás no mundo, porque a igreja assim se afundou no mundo, não tem cabimento: de minha parte, admito isso da maneira mais completa possível, embora tenha certeza de que tudo foi sabiamente ordenado. Mas assim como o estabelecimento do poder supremo em Nabucodonosor, e sua rápida conexão com a idolatria imposta, foi muito importante no governo divino no mundo, poder esse

que vem de Deus (embora Israel estivesse, ou não, em questão neste último ato), assim também a renúncia total à idolatria pelo poder governante (pois, seja lá o que o homem faça, Deus observa a conduta do poder governante) foi um fato de grande importância na história do governo divino do mundo. Foi um afastamento do trono direto de Satanás no mundo; pois a existência de poder entre os gentios não é o trono direto de Satanás (foi transferido a eles por Deus); é seu uso e caráter no homem pecador que o torna de Satanás. Isso pode ser meramente por paixões, ou pode ser pela adoração direta de Satanás e seus anjos, ou por blasfêmia aberta contra Deus. O segundo destes é o governo celestial aberto de Satanás, considerado na providência: e isso continuou na idolatria dos gentios. Ele pode recuperá-lo secretamente por meio do que é chamado de igreja: 64 mas a coisa em si nunca foi restaurada. Isso me parece uma distinção muito clara e importante no exercício do poder de Satanás, que não podemos ignorar sem deixar uma lacuna em nosso conhecimento da mente de Deus e, consequentemente, sua continuidade perdida e a igreja enganada. Considerando este evento sob este ponto de vista, ele se conectaria com o curso providencial das coisas que a igreja entende no céu, embora ainda não manifestado exteriormente; e o período consequente seria um período de anos, sendo o período de sua nutrição lá, não a data de sua fuga para este propósito providencial. Essas coisas são dadas geralmente em suas características, não em datas, porque foi um curso de princípios progressivamente desenvolvidos, embora às vezes os fatos possam ter fornecido datas específicas. Quanto ao que realmente ocorre na crise, os fatos são simples e claros. 65

There was war in heaven. Michael, the archangel, and his angels fought, and the dragon; and the dragon was cast out of heaven, entirely and finally out of that place of authority and power which he had held, as ruling the world: " the rulers of the darkness of this world." As to who Michael is, we have mention of this exalted name in Jude, as contending with the devil; and in Daniel, as that great prince who stands up as the ruler of providential power, in favor of the Jewish people, who are the central object of providence in the arrangement of nations. I do not see that it is revealed that it is Christ66 under a mystical name, but it is certainly the direct superior agent of God's providential purposes, and thus the immediate instrument of favor to His people in that character. The notion of archangels is not sustained in Scripture.67 There are seven angels, who stand in the presence of God, spoken of. But Satan was cast out, finally out of heaven; and the announcement given, that salvation, strength, and the kingdom of our God and the power of His Christ was come; and the reason-that the accuser of the brethren was cast down. Satan, in his character of anti-priest, had been unceasing in his accusations against the brethren; though, in the course of God's dealings with the saints, during this time of trial, He had suffered their being even put to death here below; yet they had overcome their enemy there really as to all the questions which Satan could raise before God. The accusations were of no avail, through the blood of the Lamb. Satan could not overthrow their conscience; and by the word of their testimony they maintained the truth and righteousness against him as the father of lies. So that while the great

High Priest secured their cause above, Satan as a liar and accuser, seeking to deceive, was baffled and overcome; as a murderer, was submitted to, till Christ took the power, and he was turned out. The manner in which accusations and persecutions are connected, in principle, may be seen in the history of the book of Job. Thereon the dwellers in heaven-for this was the ground and place of the enmity and conflict (see Ephesians, chaps. 1, 2 and 6)-are called on to rejoice, for this conflict is ended. Christ, as the great High Priest, might have sustained them in the conflict with the accuser: but now the conflict68 was ended. This is clearly what concerned the church, in this matter, as identified with Christ in His priestly exaltation. Woe then comes upon the inhabiters of the earth and of the sea; for the devil, not yet shut up, but cast from heaven, is come down in great wrath, knowing he has but a short time. Here the second paragraph of this chapter ends: the first at verse 8, where the parties are stated, as we have seen, in the original idea and purpose; here the actings of heaven's deliverance from his power and the consequence of this to the church, which properly sits in heavenly places (and indeed all heavenly saints); then, verse 13, what the devil did when cast down to earth, after he was cast out of heaven.

The dragon has now lost his place in heaven. He cannot rule the world, as thence, as the prince and god of. it: but he comes as a woe and judgment from God upon those who dwelt on earth, had not followed the heavenly calling, where it was then; and he is in great wrath, because he has now but a short time. His enmity against Him69 who has thus sentenced him, is exercised against that which has any connection with Him in the new sphere of his malice. He can no longer accuse the brethren; he persecutes the woman. And at this period, upon earth, the woman is the Jewish people owned of God, the woman that brought forth the man (for that was true of the Jewish economy as to Christ, looked at in His title of power upon earth: " To us a son is born "). But here, to the woman is given force and speed from God; but only to flee into the wilderness, where she is nourished for the allotted period, which, speaking as to the closing crisis, is three years and a half; for during this period the opportunity of her return was not afforded by the cessation of the dragon's power.

O dragão aqui assume o nome de serpente, por ter a forma de sutileza, engano e malícia, "aquela antiga serpente que é o diabo e Satanás". É a inimizade, devemos observar, do dragão e da serpente, não o infortúnio na terra que é descrito: isso está reservado para um relato mais detalhado no que se segue, pelo menos quanto à parte material para a instrução da igreja em sua passagem em direção a ela. E aqui devo observar a extrema importância para nós de conectar os eventos e agentes da crise, em princípio, caráter e progresso, com o que está acontecendo e os agentes que vemos ao nosso redor, ou ela perde seu principal efeito moral e toda a sua utilidade para a igreja. A igreja não está sob esse infortúnio, creio eu, de forma alguma, na crise final. É na terra, para o povo judeu, que este Filho nasce: pertencemos aos céus, de onde Satanás é expulso. Mas, pelo fruto amadurecido

naquele dia, como demonstrado mais plenamente nos capítulos subsequentes, aprendemos a natureza e o caráter atuais da árvore que o produz, como Deus descreve o homem por seus frutos em Romanos 3, embora nem todos os homens os tenham produzido. E assim posso julgar meu próprio coração e saber o que é o homem. E se o último apóstata ainda não foi revelado, ele é apenas a cabeça de um sistema cuja revelação divina dele, como o fruto completo, me faz conhecer a seiva e o caráter. Embora a serpente não pudesse vencer a mulher na guerra (pois Deus a preservou, não pelo homem poderoso, mas pela fuga; e ali seu poder direto foi interrompido; pois o poder celestial estava em auxílio dela), ainda assim, ele usa os recursos que tinha e derrama essas águas, animado por sua energia, como um dilúvio. Eu suponho, pela explicação dada neste livro sobre águas vistas como terrestres, que estes eram exércitos de pessoas diretamente sob a influência moral de Satanás, fluindo de sua boca, a expressão de sua mente e vontade.

Mas a terra — o cenário da agência providencial e profética de Deus — ajudou a mulher por qualquer providência (pois Deus ensina aqui os fatos da agência de Satanás, não as providências históricas) e engoliu e anulou essa agência de Satanás: ela foi frustrada. E ele foi guerrear com o remanescente de sua semente, os judeus piedosos que poderiam permanecer ao seu alcance, que obedeceram aos mandamentos de Deus e receberam o testemunho de Jesus Cristo — pois assim (pois agora estou falando da crise final) creio que os judeus, isto é, o remanescente, farão. Mas não digo nada além de um testemunho profético ; "pois o espírito de profecia é o testemunho de Jesus". O dragão (pois ele não é mais mencionado em suas ações sutis, mas identificado novamente em seu caráter e agindo na esfera e caráter do poder) irou-se com a mulher a quem ele não podia tocar, e foi guerrear com ela, para usar de violência contra o remanescente da semente.

CAPÍTULO 12

Neste capítulo, então, temos um relato muito claro, não dos detalhes da atuação histórica providencial, mas da mente, dos caminhos e dos propósitos de Satanás a respeito do propósito de Deus em seu caráter incipiente; pois, uma vez consumado, é claro que ele não pode tocá-lo. Embora eu tenha poucas dúvidas em minha mente sobre quais eventos esses planos de Satanás se manifestarão especificamente, entrei neles muito pouco aqui, porque Deus está aqui instruindo a igreja sobre quais são os planos, em vez de como eles são realizados, exceto apresentando separadamente os agentes: e se não nos contentamos em ser instruídos como Deus nos instrui, é melhor não aprendermos nada. Desejo nas Escrituras não explicar, mas receber e, ao comunicar, dizer o que está lá, não acrescentar pensamentos. Isso pode parecer uma pequena distinção; mas o efeito da diferença logo será visto na formação de sistemas, em vez de no proveito real da instrução divina.

Há três partes distintas no capítulo. Primeiro, os agentes; a mulher, no propósito de Deus, de dar à luz um filho varão (o depositário do poder terreno para governar as nações); o dragão pronto para devorá-Lo, cujo nascimento e caráter Ele conhecia

parcialmente (pois as Escrituras o relatavam), e cujo rápido nascimento era agora evidente. O resultado é que o filho varão, em vez de agir com poder imediatamente, é escondido, mas no lugar da Divindade e do poder, e a mulher foge. Assim, os agentes diretos são eliminados. Temos, então, a segunda parte; na qual a questão é entre o lugar dele (do dragão) ali e as ministrações angélicas do poder de Deus (" Seus anjos, que se excedem em força"); e o dragão perde seu lugar no céu (aquele que havia enganado o mundo inteiro) e é lançado na terra, não propriamente no mundo. Esta é toda a declaração direta feita nesta parte: pois a questão era governar as nações. Mas então, secretamente, isso causou uma mudança importantíssima em outra coisa não tão evidente no mundo: a igreja, os habitantes do céu, os irmãos. Foi assim que o céu foi especialmente afetado por esse evento. A salvação, a força, o reino do nosso Deus e o poder do Seu Cristo já haviam chegado, 70 não até então em poder. Havia aquilo que estava oculto ao mundo e não compreendido, assim como Cristo não o era, a igreja de mentalidade celestial que compreende a liderança e o significado mais importante de Deus nessas coisas (o que era Ele mesmo, se assim posso dizer). Havia um testemunho de toda a glória de Cristo nos termos e fundamentos da santidade de Deus no céu, caminhando na luz como Ele está na luz, tendo comunhão uns com os outros, o sangue de Jesus os purificando de todo pecado, durante todo o tempo em que Satanás esteve nos céus atraindo a terça parte das estrelas — o governante das trevas deste mundo — um povo que, de fato, andou na terra, mas em espírito, título e natureza, conforme dados, habitou no céu; Sua Cabeça sendo exaltada acima de Satanás, mesmo diante de Deus, e que havia sofrido e derramado Seu sangue por eles, embora agora, ainda, Ele não tivesse assumido Seu poder ("todas as coisas ainda não estavam sujeitas a ele"); portanto, Satanás podia atormentar. Este povo Satanás vinha acusando constantemente diante de Deus por suas inconsistências, ou falsamente, a fim de distrair, perturbar e dificultar sua segurança com Deus, ou seu testemunho de Deus. Com a expulsão de Satanás dos lugares celestiais de poder, este conflito e acusação cessaram; os céus foram limpos, para que estes pudessem agora declarar Sua justiça.

A real recuperação dos santos não é mencionada aqui, porque a igreja sempre deveria esperar por isso; 71 e porque os agentes e seus atos públicos estão aqui em questão, a igreja (uma com Cristo diante do Pai, o mistério escondido desde os tempos e conhecido somente pelo Espírito) não é, como vimos até aqui, o assunto; 72 mas os atos, como eles afetam os irmãos, vistos em sua condição aqui embaixo, são notados, porque eles devem reinar com Cristo, cujo poder agora veio.

A igreja unida a Cristo e interessada nEle como seu Advogado e Sacerdote, e todos aqueles associados aos céus, estavam agora livres. A questão então era entre a ira do dragão contra aqueles que eram o cenário especial da realeza de Cristo e o poder daquele Cristo que agora havia chegado: o julgamento da igreja havia cessado. Sendo o assunto o governo das nações pelo filho varão, toda a história do que se passou na igreja a esse respeito passa despercebida; apenas o dragão

permanece no céu; a realeza não é assumida: quando isso acontece, a mudança é notada. Então, o poder, embora vindo, não é, contudo, imediatamente exercido (isto é, na terra, pois os céus já estavam limpos). A questão então surge para a mulher na terra – uma questão de realeza e poder. A esfera dessa realeza e poder em Cristo sendo necessariamente odiada, mas resgatada, 73 e o ódio e a animosidade de Satanás então direcionados contra o remanescente que era fiel à luz que possuía, guardando os mandamentos de Deus e tendo o testemunho de Jesus, tendo a luz que havia – o espírito de profecia. 74

Seguem-se as agências providenciais reais, nas quais essas coisas são realizadas. Quanto à posição e condição dos habitantes da Terra (dos quais só ouvimos falar até agora), durante este período, a desgraça se repetiu três vezes (no segundo, incluindo também a vasta massa informe de pessoas, os habitantes do mar).

Temos ainda a observar que (no momento em que os santos são apresentados em sua própria posição e caráter, sofrendo enquanto Satanás está nos céus), o Cordeiro, sua salvação, sua força, sua alegria, é imediatamente apresentado, e sua vitória celebrada no alto. É a associação natural dos santos, como tal – comunhão com o Crucificado: e, portanto, se apenas um ou dois santos estiverem em seu lugar, suas associações são com o Cordeiro. 75 Deve-se lembrar que o Cordeiro não foi mencionado em toda a parte histórica: isso foi providência; e a igreja estava, por assim dizer, oculta. Este, no curso da história externa, é seu relacionamento real – como Pedro o descreve, fazendo o bem, sofrendo por isso e aceitando-o pacientemente. O Cordeiro liderou o caminho nesta alegria deles; enquanto, quanto à acusação, Seu sangue lhes dá acesso ao trono onde Ele está.

Este relato no capítulo 12 sobre os feitos do dragão, abordando a mente de Deus no trono a respeito disso, o conflito pelo qual ele é expulso dos céus do governo e sua conduta na terra quando lançado lá, foi uma introdução bastante adequada à história da maneira e do desenvolvimento disso na instrumentalidade humana; para que a igreja pudesse conhecer, não apenas sua história, lá fora, na terra, mas o significado e a verdade disso em suas causas e fatos elementares e radicais na posição, poder e ações de Satanás, em relação aos propósitos de Deus. Relaciona-se à questão de governar as nações (isto é, a Cristo, governando, como Ele deseja, com os santos, as nações); e mostra a posição relativa das partes (enquanto o filho varão é arrebatado a Deus e Seu trono, ou não está realmente em cena), primeiro no céu e, portanto (o mal cessando, quando expulso, de afetar os santos dos lugares celestiais) trazido assim, 76 por acaso, quando sua posição mudou; e então na terra, como afetando os judeus, durante o período em que o propósito de Deus, e portanto aqueles interessados nele, como um corpo, fogem, em consequência das ações do dragão, para o deserto, onde são nutridos por Deus (isto é, não na ordem da bênção da aliança regulamentada de Deus, aparente em relacionamento manifesto, mas de Deus supremamente como tal). Todo esse tempo, portanto, da prevalência do dragão primeiro no céu, ou na terra, é o tempo do ocultamento e aparente desconsideração do relacionamento de Deus com Seu povo. No entanto, o

objeto desses relacionamentos se torna visível quando a terra é questionada, e a mulher, embora perseguida ou em fuga, é vista na terra (isto é, o corpo judaico como tal em conexão com seu lugar e promessas, embora não cumpridas). A isso muitos dos Salmos se referem — aqueles em que Deus, e não Senhor, é usado como o termo de relacionamento com o Altíssimo.

Os santos podem ser unidos à posição do filho varão quando removidos daqui e levados a Cristo; mas a grande manifestação marcante da primeira declaração do capítulo foi quando o próprio Cristo foi tirado do caminho. Tudo, exceto o fato que caracteriza tudo, é a declaração dos princípios e da posição relativa das partes. Pode haver, portanto, qualquer lapso de tempo entre o arrebatamento do filho varão e os atos subsequentes do Senhor; pois não há nenhuma menção temporal relacionada a isso: os fatos são retomados ou, quanto aos resultados, iniciados pela guerra no céu. Isso se cumpre de forma mais marcante em sua realização final quando Satanás é expulso (o início, em sua origem, dos últimos eventos que mudam a posição dos santos dos lugares celestiais; e quando também os últimos eventos na terra relativos aos judeus começam a ter seu curso). Os agentes providenciais, no que diz respeito à terra profética moral, e as bestas, portanto, neste ponto, como dissemos, são então arrebatados.

CAPÍTULO 13

O apóstolo agora traça igualmente, desde sua origem, as circunstâncias terrenas do poder por meio do qual Satanás opera; 78 e, como no capítulo anterior, ele primeiro nos apresenta caracteristicamente o tema da profecia. Aqui, não se trata necessariamente de propósito, mas de fato. Da massa flutuante da população, ele vê uma besta emergir. Não se tratava agora de uma visão no céu, onde os desígnios secretos eram executados, mas na terra, onde os instrumentos desses desígnios são produzidos e atuam; aqui, não de propósito, mas de fato.

The whole character of the beast, from beginning to end, is seen, but pursued to, and therefore having its agency in, its last form. This enables us to identify the beast all through, and brings him under the character of guilt which has attached to him from the beginning, or marked the course of his protracted progress, whatever unrestrained iniquity this may show itself in at the close. He is therefore seen rising out of the sea having all his heads and horns: on his heads names of blasphemy-he bore them high on his front; and the crowns were on his horns, which was the latter form (i.e., the imperial power divided). I do not carry this farther than being definitely characteristic; for if it were carried into detail, as at the close, we should have, assuming the identity according to the ordinary interpretation of the beasts,79 three of the horns fallen. Further, this beast had incorporated the character of Daniel's three other beasts, but most of the Grecian leopard, though in ravening power and terror like the first. To this beast the dragon (he had not formed it, that is taken as the existing fact) gives his power, his seat, and great authority. Now, I doubt not, this has its full scope of positive action and manifestation from the

close of the former chapter; when, in its last form, it will do Satan's work in the place of his power. But as we have the elements of things in these chapters, we have seen the beast traced from his very rise out of the sea; and whatever he so characteristically does,80 when formed, comes under the designation of holding the throne and power of Satan. It will be exercised according to the character of the place where Satan is, heaven or earth, each the scene of the conflict whether Christ and His joint-heirs are to have His creation, or Satan hold it by right of the first Adam's fall and sin, the great question agitated, along with the special redemption of the church. Doubtless, when on earth it will be more definite and formal, not necessarily more important. Nor can I see why the conflict for the delivery of the earthly people and the inheritance is of more or exclusive importance, rather than what is of heaven, in which the victory and fate of the heirs is decided; though this be more secret, and known only to the church. Yet it must be remembered that that by which Satan troubles the church, while here, is that by which he holds the world. It is, then, the great characteristic fact we have here as to the beast so formed: he holds the dragon's place. I may add, I hold the beast to be simply and plainly the Roman empire.

A próxima característica da besta foi a destruição e cura de uma das cabeças ou formas de governo. Observe que isso foi posterior, e não precedente, à entrega do poder do dragão a ele. E houve admiração em toda a terra pela besta. O Império Romano e seu poder corporativo tornaram-se na terra o objeto de sua admiração e se apoderaram de suas mentes. E eles adoraram aquele poder infiel e hostil a Deus, que havia dado poder à besta. A forma em que isso se manifestou no homem foi a busca de sua própria vontade, simplesmente rejeitando o pensamento e o princípio da obediência. A forma que assumiu, ou teve nesta história, foi o poder dominante do Império Romano, não em sua apostasia, mas em sua obstinação e autoengrandecimento — o poder de Satanás sem referência a Deus — como o apóstolo expressa: "o curso deste mundo, o príncipe das potestades do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência". Se isso se traduz em algum ato formal aberto no final é relativamente irrelevante, exceto como um ato aberto que traz consigo um julgamento aberto. Eles também adoravam a besta – honravam-na como o lugar, a detentora e a depositária do poder (Deus sendo, assim, realmente posto fora de vista). O orgulho aqui era a característica – orgulho pessoal e poder: "Quem é semelhante à besta? Quem é capaz de guerrear contra ela?"

Parece-me haver aqui uma analogia, ou contraste, em falsidade, com a dádiva, pelo Pai, de poder e glória, ao Filho. O mundo se apoia na influência deslumbrante dessa falsa glória e poder, e a toma como aquela que detém o único lugar de poder nele, excluindo praticamente, como dissemos, Deus de dentro dela: "a herança é nossa". E eles se apoiam nesse poder maligno para segurá-lo e mantê-lo na vontade humana — abertamente o homem, secretamente Satanás; assim como abertamente será (ou manifestamente) Cristo, e ocultamente (isto é, não em manifestação pessoal, exceto pelo Filho) o Pai. E o mundo honrou o poder oculto e

aberto, como devemos honrar o Pai e o Filho, exceto que em nós ele está no conhecimento de Suas Pessoas. Foi uma falsa antecipação, em engano e poder, pela vontade do homem, daquilo que possuímos em princípio agora, e que será declarado em poder e manifestação milenares. Até aqui, tivemos o fato, e as ações de Satanás nele.

Temos, então, o poder de causar dano, conforme conferido à besta, sendo ela assim constituída e elevada em poder por Satanás, e recebendo o lugar de Satanás em suas mãos. Ela então recebe poder para mostrar toda a sua vontade e pensamentos, e para agir por um certo tempo; pois todas essas coisas são controladas: isso com suas consequências dos versículos 5 a 8. Consequentemente, temos aqui o que foi feito pela besta, como antes o que foi feito à besta, e sobre a besta, seja por Satanás ou na terra. Primeiro, foi dada à besta uma presunção extraordinária e predominante sobre si mesma: "ele falou grandes coisas"; aqui não se trata de fazer, mas de falar com orgulho; é o seu caráter, não os seus atos; em seguida, palavras injuriosas contra os outros decorrentes desse orgulho — blasfêmias; e ele deveria continuar o período característico de quarenta e dois meses, ou praticar, agir, durante esse período. 84 Quando chegamos ao uso literal, então é terreno e literal. Assim, por outro lado, aqueles que habitam no céu habitam literalmente no céu. Não se trata apenas de seu caráter místico; caso contrário, seria óbvio que seriam os 1.260 anos; e aqueles que habitam no céu são o remanescente com mentalidade celestial. Temos então a aplicação deste caráter da besta aos seus objetos: "blasfemou contra Deus". Não se tratava aqui de mera apostasia: esse poderia ser seu curso real na Terra, apenas negando o Pai e o Filho; mas aqui se trata de seu caráter formal sob o poder de Satanás. Ele blasfemou contra o "nome" de Deus, em vez de, no lugar do poder, reconhecer sua fonte — "e seu tabernáculo", isto é, a presença de Deus entre os santos, como no deserto, seu lugar celestial, pois assim era (o tabernáculo não era o deserto nem era o templo, como no capítulo 21:22: o corpo judaico foi lançado ao deserto: em glória manifesta e duradoura, o Senhor Deus e o Cordeiro são o templo). Mas era o tabernáculo ou tenda de Deus: isso incluía o lugar santíssimo e santo. Ele blasfemou contra esta morada celestial de Deus com os santos; 85 ele queria a terra, a herança, à sua maneira: isto era uma evidência de que havia um poder além de tudo isso. Ele blasfemou também contra aqueles que eram caracterizados por esta morada — os habitantes do céu, os santos dos lugares celestiais. Isto, no que diz respeito às coisas celestiais, era o que caracterizava a igreja, que se assenta nos lugares celestiais. Além disso, foi-lhe dado guerrear contra os santos e vencê-los aqui na terra. Eles venceram Satanás (ver capítulo 12:11).mas na presente perseguição física, a besta venceu e prevaleceu contra os santos. Não se trata, contudo, aqui de uma questão de morte individual, mas de prevalência, como no capítulo 12:11. Mas ela teve o dia na terra, pois este ainda não havia sido redimido nem vindicado para Cristo. Isso também é verdade no que diz respeito (dentro do alcance da besta) ao longo período prolongado de anos, e na terra 87 na crise entre o povo judeu 88. A próxima característica era: "foi-lhe dado poder sobre toda a tribo, língua e nação":

isso ainda era característico. Deveria ser o poder dominante na terra, assumindo e concedendo autoridade sobre as várias nações subjugadas.

Havia outro ponto ligado a esta manifestação, não exatamente característico, como dado a ele, mas uma consequência, um fato resultante. Todos os habitantes da Terra deveriam adorá-lo. Já observamos seu caráter: aqueles que, vivendo dentro da esfera da aplicação do mundo e de sua luz, o cenário formado pela providência moral revelada de Deus, não têm sua cidadania nos céus (Fp 3:20), não são moradores do céu e, como estrangeiros e peregrinos, buscam uma pátria, mas "habitam na terra". Estes não foram escritos (pois tal era a segurança dos outros) desde a fundação do mundo, no livro da vida do Cordeiro que foi morto — caracterizados não apenas pelo Livro da Vida, mas pelos sofrimentos do Santo, com quem estavam associados como estrangeiros e peregrinos: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça".

Há um grande princípio ligado a toda essa operação e caráter da besta na Terra: "aquele que leva em cativeiro irá para lá"; assim será com ela: mas Deus não se desviará de Seus princípios. Aquele que usa o poder opressor será oprimido: o Senhor o julgará, seja onde for; "aquele que matar à espada, à espada será morto". A parte dos santos é sofrer, suportar a continuação do mal, enquanto Deus o permite e lhe é dado poder. Se os santos se intrometem em seus princípios e se vingam aqui, devem sofrer suas consequências aqui: "os que tomarem a espada, à espada perecerão". O sofrimento paciente é o lugar dos santos, assim como o de Cristo. 90 Eles não devem assumir o caráter da besta, porque sofrem sob ela: ela está em guerra com o governo providencial de Deus, que o deixa assim em prática. O Livro da Vida é o livro da vida do Cordeiro imolado.

Such was the grand secular power recognized in connection with the purpose and plans of God during this time-to which Satan's throne and power was given. This is no description of a personal Antichrist at all, but the characteristic description of the corporate power of the beast. Antichrist's deadly wound, for example, was never healed. The haste which applies passages to an object (because there may be other passages which prove an important link of the subject of the former with that object), often deprives us of a vast deal of the instruction of the word of God, and deters those from pursuing that link, who have seized the neglected parts which are now, by a particular absorbing interest, all set aside. The terror of the day of Antichrist is not characteristic of the saint: he has, it seems to me, a consciousness of his union with the Lord and gathering to Him, which sets him above the terror of Antichrist's power, or of the day of the Lord upon him. We have had the sign of Satan as the dragon in heaven, a secret for the church, for those who saw things there.

We have had the beast arise out of the sea (the tumultuous movings of the nations, the mass of peoples), and, so formed, Satan give him his power, and throne, and great authority. Now, out of the formed arrangement of the scene of God's moral

providence, the subject-place of light and darkness, the earth, we have another beast come up. In form of power he was like the Lamb, not in real meekness and suffering; but he took the similitude of His power; yet his utterance, his voice, his expression of himself, having this form of power, was like the dragon, the great hostile power of Satan himself, prevailing over the stars of heaven, and persecuting on earth: a very strange and singular combination-the similitude of the power of Christ, in form-of Christ in His kingly power as Messiah, yet who had been the rejected Lamb (it was not of the Son of man openly); but the expression of the character of Satan when he spake. We have still, as a beast, a corporate oppressing power, as such, though, in some sense, an individual may actually wield its power;91 but it is not the force of the symbol " beast." Power so concentrated is rather a horn, though there may be close connection between them. This did not set aside the existence of the first beast, but was of another character; yet " he exercises all the power of the first beast," before the first beast, in his presence-still a very singular position. His power, however, is not, as such, over kindreds and tongues and nations, but localized, and acting on men's minds in influence when subject-not subjecting secularly nations. He causes the earth, and them that dwell therein, to worship the first beast; but to worship him as bearing this character, " whose deadly wound was healed."92 It is in this restored state or headship-form of government of the beast that he does this. It is not the horns he makes them worship, but the beast, whose deadly wound (of one of his heads) was healed. Such is his character. Lamb-like as he may be in the form of his own power, he wields the power of the first beast before him; that is one point: another, he makes the earth and dwellers on it-carnal-minded men-worship the first, whose wound was healed: these were distinct points; for the whole character is here given. As to his own doing, there is the open exhibition of judicial power as of God: it was not (like the witnesses) " fire out of their mouth," a testimony made good in judgment, but " fire down from heaven " in the sight of men-the apparent exercise of God's judgments (as Elijah93 did) outwardly. All this, remark, is an ecclesiastical or spiritual power-a power ostensibly connected with divine things falsely, for it is evil-but ostensibly, and verified to the eyes of men by the exhibitions of power.

Moreover, he does miracles on the earth, by which he deceives those that dwell on it, whose character we have so often seen, and leads them to set up a resemblance of the beast whose deadly wound was healed-this great corporate system, with a formal headship-and to give breath to and thus apparently vivify this image to exercise controlling authority-not to kill, but to cause to be killed, those who did not worship this image. This was the doing of this second beast, the spiritual being; they had power to do this. It is not said, he had them all killed, but he had power to cause all this.94

But he did oppress in earthly things; he caused all to receive " the mark of the beast " (in profession or service, as slaves), and would allow no man to buy or sell, " save he that had the mark "; or if he had " his name " it would do, though perhaps not

thus actually a slave-or " the number of his name." A person might be a ruler or leader in this system, and then, though not actually a slave, he would have the character of it yet more indelibly and intelligently stamped upon him. The name and the number of the name would be there. I do not pretend to wisdom-indeed, far from it; but I find, if the Lord means such a sense, tradition as well as apostasy gives the number of his name. As I have said in the note, these seem to me not the last actions in crisis, but the character of the preparatory agents: we shall see the results afterward95 That which is formal, and not subservient in their character, may continue and hold its place during the crisis-for example the blasphemy; for this was on his heads, it was characteristically part of himself, not particular subservient conduct. Both these parties are found at the judgment which closes the last three years and a half; but the last is found, not exactly in the same form, but, if I may so speak, in an exceedingly narrowed character; for the moral operations previous to the last critical period are very different from the conduct and its consequences which fill up that period, though the parties may be the same, and have just the same spirit really. The characters here are of much wider extent, having their description comprehensively given here, as Satan's designs previously.

CHAPTER 14

The historical process of the Lord's dealings follows. Special details of the objects and character of His judgments succeed. In chapter 15, as I have said, there is a new great sign seen in heaven. The description of the secret agency and the providential instruments on earth has finished. The gracious effects of divine grace and spiritual power, with open testimony and judgment, follow here. Mount Zion is a modification of what was before seen. It is not yet the Lord returned in judgment-then He is the Son of man. And here we have, subsequent to this, the patience of the saints under the prevailing power of the beast and his image, and afterward " blessed are the dead," and the Son of man reaping the harvest of the earth. Moreover, we have a new song96 sung before the throne, and before the elders, which song none but the " hundred and forty and four thousand " could learn; so that we are not dissociated from heavenly places, for this throne was set in heaven. Yet Zion was not the place of the temple, but the place of royalty: but, first, of grace-the place of God's connection, in grace, with the earth before the temple was built, where David had prepared a place for the ark-contrasted with Sinai, the place of law to the earth-whence, too, the law was to go forth in grace from the city of the great King, that " Zion that bringeth glad tidings." See Isa. 3:2, and 40: 9.

Here, then, anticipatively of the time when the Lord God and the Lamb should be the temple of the heavenly Jerusalem, when withal on earth Solomon's glory should be all displayed, stood a Lamb, maintaining still this character, not yet appearing in that of Son of man, but now drawing towards His royalty, towards the earth, yet associated with His suffering people still, and with the perfect number of the remnant, having His Father's name on their forehead, the manifestation of the character plain upon them in grace connected with Him.97 Their great

characteristic was, having kept themselves pure. The dwellers upon earth, we read afterward, had been made drunk with the poison of Babylon's fornication, but these had kept themselves pure though Babylon was not yet fallen. They were redeemed from among men, from the earth-a peculiar people in the power of their lives, in the midst of those professors, while Babylon stood-not the reign of Christ in blessing, not the widespread promulgation of the gospel, but purity, as an undefiled few, following the Lamb, the holy Sufferer.

Though the world might have slighted them, as an unknown people, yet the full perfect remnant of them was here found assembled. And as Zion, as we have said, was the place where the ark was before the temple was built (and the temple was the type of the established glory), so here we find them assembled on Mount Zion; yet we are still in close connection with the heavenly places; for the new song is sung before the throne and before the elders. The harvest and dealings of the Son of man are subsequent to this and the fall of Babylon. These are redeemed from the earth (while the earth98 went on, i.e., the earth as described in the two preceding chapters) to be first fruits to God and the Lamb.99

We meet with this connection for the first time formally expressed. It seems to me connected with fidelity during corruption, during which the mediatorial work of Christ was confounded, corrupted, or denied, as the mediatorial glory is described by the terms " Throne of God and the Lamb,"100 " The Lord God Almighty and the Lamb are the temple of it," etc. So, in the true bride, contrasted with the great whore that did corrupt the earth with her fornication, we have the elect or heavenly church (which is spoken of, therefore, as coming down from heaven) contrasted with that earthly system which connects itself with the kings of the earth. It is the Lord God that judges her. The kings of the earth have their war with the Lamb. " Firstfruits to God and the Lamb " seem to imply separation from the evil of the one, and suffering in faithfulness to the Lamb, from the unbelief of the other. They follow the Lamb wherever He goes, and are without fault before the throne of God. It is not properly the Father's101 house they are received into, as identified with Himself-as hidden in heavenly places. It was deliverance from this corruption as regards worship, that formed a prominent part of the next of the seven messages of this chapter-a public general announcement for all to hear, of the everlasting102 gospel, declaring judgment on subsisting things, and calling for true worship to recognize God in the supremacy of His ministrations as the source of all things. The connection of the hour of His judgment being come and the call for true worship, supposes a gospel preached in the midst of apostasy and corruption before the judgment. I believe the principle103 of this began at the Reformation (though it was by no means the accomplishment of it), and that it will not be fulfilled till the testimony to all-even the heathen nations-for a witness, be fulfilled. The striking feature is the announcement of the hour of God's judgment104 being come. The next messenger announces the fall of Babylon. The particulars of this are more fully given us farther on; but getting its place in the course of events is of great moment,

which is given us here. The beast and his image still continue, but things are now closing in; for the warning is next given, If any man worship him, he shall be made to drink of the wine of the wrath of God, which is poured out without mixture into the cup of His indignation. This, therefore, is the point of patience and faith now for the saints, keeping entirely aloof from all connection with the beast; for as yet it was a prevailing though judged power.

But now the patience of the saints (who suffered even to death, at least) closed. They were the happy ones; they rested from their labors, and their works followed them.

On the announcement of judgment on those that worshipped the beast or his image, or received his mark, and of the trial being the point of the saints' patience, a voice was heard from heaven; not the next progressive providential announcement (for it was no part of providence or dealings below), but the heavenly declaration of the decreed state of the saints, to whom this place was now publicly assigned in the economy of God. Death of the saints was now quite done with; and the blessedness of those of whom this was the portion was brought to light (not yet by their public manifestation on earth, but by the announcement from heaven to the ear of faith, that the time was come): a blessedness to which the Spirit, who had been their secret strength in labor, and even to death, now, with the same understanding and sympathy in joy, adds its " Yea." This introduction of the Spirit is very beautiful in this connection. When the earth was coming into blessing, they could not be left out in the testimony of Him who had suffered with them. It will be seen that, on the introduction of grace to the earth (" the Lamb on Mount Zion "), all that follows in this chapter relates to the earth; but then, by the voice from heaven, the portion of the saints is thereon given. Their portion is given, too, as in the reward of glory, at least in announcement: "Their works do follow them." This refers to manifestation in glory. (Compare 2 Thess. 1)105

Anything the beast does after this is not mentioned here. It is the account of God's dealings as towards the earth (the condition of the saints having been stated in passing). The next step therefore is the " harvest of the earth "-the execution of separating judgment in it; which was the actual accomplishment of the announcement of the previous verse-at least as regards its consequences in earth.

Then comes the vintage, which is pure wrath, not discriminating judgment. All the grapes of that which had the form of His people upon earth are trampled in the wine-press of God's wrath. This was done " without the city," not yet mentioned since chapter 11. And there, notice, it was " men " were slain; here, it is " blood came out ": the destruction is dreadful.106

This passes then from redemption out of the really apostate earth, seen in the one hundred and forty-four thousand, when redemption from amid profession was necessary, to the dealing of God, first in testimony, and then in judgment, with evil

in all its forms as to men, the beast being reserved in judgment for a fuller description. This was rather the judgment of men and their corruption under those circumstances, the Lamb's open war and victory being another thing. This is God's judgment of the state of things, not the Lamb's war with hostile power.

We have here, then, a general prospective view of God's dealings with the subject-apostasy (for subject it is to Him) first, saving His saints out of it, preserving them pure; then testimony; then judgment.

CHAPTERS 15 AND 16

Chapter 15 begins a new sign and a distinct subject. No longer various parties in heaven with consequent effects-the child caught away, and the patience and faith of the saints- but the plain statement of the wrath of God being completed or fulfilled: not here, observe, the judgment and victory of the Lamb over the beast; that is all special and administrative, connected with the exhibition of the power and effect in their followers.

Here was " another sign in heaven, great and marvelous, seven angels " (this was providential government, not the Lamb or Son of man) " having the seven last plagues." The sea was seen before the throne. Here it was seen, not only in its fixed purity, but this connected with trial-judicial trial. But on it, having now gotten the victory, stood those who had overcome the beast, and his image, and his mark, and the number of his name. Neither secular persecution nor deceitful power had prevailed over those faithful kept ones. They had the " harps of God "-divine and well-tuned joy. The song they sung was of a double character-the victory of God's power, the song of Moses-Jehovah Elohim Shaddai's works were " great and marvelous "; and the truth and justice of the ways of the King of nations107-the song108 of the Lamb. It was not only for power exhibited; but, as the saints, they understood, in the Spirit of the Lamb, the justice and truth of His ways: so they celebrate the coming recognition of the Lord.

Now His judgments were made manifest, who should not fear Him? For He only was holy: all else had failed. The Lord alone was to be exalted.

These had gotten the victory over everything of the beast. They were conspicuous in joy, consequent on this, before the throne of God, the elect remnant, faithful under the beast's power.109 There was a complete and final separation. They are not here seen as come forth to judgment with the Lamb, or on their thrones, for He is not yet so manifested, but singing His song. (Compare Psa. 92) The judgments were on those who had the mark of the beast, not yet on the beast; that was by the Lamb coming with the saints. From these they were entirely exempt-seen in heaven. Faith may anticipate it; but the full actual accomplishment of this would be on the rapture of the victors, taking of the victors, to their scene of glory. They were not under the altar, nor necessarily killed; but they had the victory, refusing the mark of the beast.

The temple of the tabernacle of the testimony was now seen opened. In chapter II it was the ark of the covenant that was seen securing all for His people, while the power of evil remained unpunished; here, the tabernacle of His testimony. For judgment was to go forth according to His word. His judgments were made manifest, but for the deliverance of His earthly people according to that word. The deliverance of the saints is judgment, the judgment of the wicked. This was according to His governing power over creation in providence. One of the four beasts gave the angels the vials-vials full of the wrath of God, who liveth forever and ever. The return is to past dispensation and circumstance in this wrath, to Him whom we saw sitting on the throne before they were opened, according to that character in which He judges by and from Himself. The glory of God now displayed itself (i.e., not in bright blessing), but in the power and influence of His judgment, as Sinai smoked, and " there went up a smoke out of his nostrils." " The tabernacle of the testimony was opened," but not the callings of grace or warnings, but for the execution and manifestation of judgments. It was not a time of testimony, in this sense, but of judgment, and no one could come into the temple: and, as the Lord speaks of the land, telling them their testimony would close (" These be the days of vengeance, Flee! "), so here (the saints first removed), it is no longer a time of reception but of judgment. Separation having been made (i.e., within the range of the beast's influence), no one could now enter into the heavenlies: and the earthly people who had taken and received the mark of the beast were judged.

The judgment as yet, however, was not one of destruction. The heavenlies110 and the earth were now separated; and instead of entering into the former, judgment was flowing from them on the latter. But it was not the actual judgment of the quick by the Son of man, but providential dealings of the wrath of God as such, and the wrath filled up in them.

I do not say that this is the last woe. But we have here that which was connected with it, " Thy wrath is come "; and I am disposed to think all that follows in that verse, though other things are mentioned also here. But as the woe in chapter 12, pronounced on the descent of Satan, was on the earth and on the sea, when he was cast out of heaven, so here, on the distinction between heaven and earth and closing of the heavenlies (the saints being on the sea of glass), the judgment sent on the earth falls on the earth and sea too.

First, it was "poured " in the stricter sense " on the earth... a grievous sore." A manifested plague from God fell on the men who had received the mark of the beast, and who worshipped his image. Next, all form of life was turned into death in the mass of the population, "and every living soul " (they are not spoken of as written in the book of life; but those who externally had life) " died." The profession of being alive to God was blotted out of the mass of unformed nations.

The sources of the state of the population became also the form and power of death-the just judgment of those who had put the saints to death. These were

general judgments on the mass and on their condition. Griesbach reads, " I heard the altar saying." " Another out of the altar " would apparently mean another angel, which would be unsuited to all the force of these images. The force of " the altar " generally is clear; because the slain saints are looked at as offered, as burnt offerings to God. Compare chapter 6: 9, to. And the altar may be h. re heard to cry, as the witness of all this slaughter of the saints of God. I hardly think one saint would give this testimony from under or out of the altar. If the ordinary reading be correct, then an angel announces it out of the altar, recalling the mind to their having been in their death as burnt sacrifices to God.

The fourth angel deals with the supreme power over the earth. But its effect was only to make it hotter. Men suffered from intolerable tyranny now; they would not be subject to God-now they only blasphemed Him.

The fifth poured out his vial on the throne of the beast, which was really Satan's throne, the seat of his dominion and power. The effect was darkness and confusion; and they, the people of his dominion, " gnawed their tongues for pain." The beast and his armies, his active evil and mischief, are not in question now; the vial was poured upon his throne. There God's judgment reached him, in the other the Lamb's. The pains and sores here connected seem to identify this class with the first. God had still, to them, only the character of the God of heaven.

Under the sixth, that which flowed through, and gave its strength, character, and prosperity to Babylon was dried up; that "the way of the kings from the sun-rising might be prepared." The final destruction of Babylon and the final combats still remained.

There is reference here plainly to the position of the Euphrates. It is not, I conceive, the kings " of the east," but the kings who came from the east, from the sun-rising; chap. 16: 12. This drying up of the great river Euphrates prepared their way. I suppose, from other passages, the Euphrates will, at any rate temporarily, be dried up for Israel to pass over; but I do not see that this passage applies to it in the midst of a symbolical prophecy, the vial being said to be poured out on it. It is commonly, from a previous passage, considered that it is the drying up of the Turkish power: it may be so, or at least there may be something analogous, taking the whole chapter in a subordinate and preparatory sense, which I believe it has had and is having in our own days (as I have expressed of other chapters, only over a longer period). Such application I believe this chapter has had; and this falls in consistently with the whole plan of the protracted scheme of prophecy, because the second beast loses its character as a beast and becomes a false prophet before the final close.

The saints in chapter 15 had their victory over the effort to make them worship the image of the beast; but it was the second beast, not the false prophet, who sought to make them worship the image of the first. But here he has the character of the false prophet, so that thus far (i.e., in principle) the victory had been obtained and

could be celebrated, by the Spirit, for the church. But when we come to a more positive fulfillment of judgment, and the actual bringing it into effect, on the separation of the saints out of the scene, and the closing the testimony of grace which gathered into the heavenlies, then there must be something more distinct, something which makes way for the eastern kings to take their part in the great catastrophe. The barrier and resources of the western Roman empire were dried up, so that the way for this coming in of the kings from the east was prepared. Thereon it is, that the unclean spirits go out to gather the kings of the whole world to the battle of the great day of God Almighty.

Chapter 14 had given, so to speak, the ecclesiastical dealings of the Lord; and testimony in grace was there. In chapter 15 we have the separation of the saints appropriated to the heavenlies; and then, in chapter 16, the judgment on the earth, reaching primarily those who had received the mark: all this in relation to God-subjection and fidelity to Him-not the Lamb nor the Son of man wielding His power as King of kings and Lord of lords.

But upon this judgment111 (the drying up of the Euphrates) the last struggle must commence; and Satan uses all his energies to prepare his forces: but it is only for the battle of the great day of God Almighty. This is done (being a vision in the midst of the course of the judgment) by the influence and principles of the positive exercise of infidel self-will and enmity to Christ's power, the concentrating spirit of empire in the beast (the Roman power), and the spirit of Antichrist here (having changed its secular power as a beast for its false influence on minds as a prophet). We see the sort of place this holds in Judah in Jeremiah's time, and with Ahab, etc.: the manner of it may be different, but it exercises this guiding character in apostasy (the power to be wielded being held by another).

These three gather the kings of the whole organized habitable earth to the battle of the great day of God Almighty. But now Christ was nigh at hand. All this went on with multiplied human plans perhaps, but to the saints it was the sign that Christ was at hand. " And he gathered them together." Who is He? This was the power and providence of God by Christ, I apprehend: whatever the satanic influence or instrumentality, it was done, if through that, by Him. The spirits were to go forth to gather; and they gathered: but it was really the Lord's doing in judgment. Compare Mic. 4:11-13.

This battle, the scene of the Lamb's judgments, against whom the hatred and opposition was, is reserved for His coming forth, and the display of His power. We have an intimation of its connection with Hebrew localities: the place has a Hebrew name, Armageddon. But this comes in here by the bye; for it is the account of God's wrath, and the gathering is all that has this character providentially. If there be allusion to the place and term Megiddo, I should suppose it was, of the two, rather Judg. 5 than the case of Josiah.

The seventh vial was poured into the air, that which affected the whole scene below, the place of universal government and influence. The wrath was still in the earth: so in fact, in all. And now a voice from the throne in the temple announced that all was finished, and the power of God displayed itself in judgments and thunderings of His power; for "the voice of the Lord is powerful." And never was so great an earthquake-so great a disruption of all the elements of organized social existence. " The great city (that frame-work and center of this organization) " was divided into three parts, and the cities of the nations fell "-all the centers of organization of the nations external to the great city. And great Babylon is here presented, not merely in its civil sociality, but its full character before God-" great Babylon came in remembrance before God, to give unto her the cup of the wine of the fierceness of his wrath." The particulars of her judgment also are reserved for a fuller and exacter display, together with her character, as was that of the beast. The precursory judgments have been stated here, and the order of these final ones placed. The fall of Babylon is connected with chapter 14, where testimony is going on, as we have seen.

Direct destructive judgment, in the way of plague, not proper judgment before the throne, came down on men, along with this bringing the corporate system of Babylon into remembrance. It was neither repentance, nor, as I have said, anything of the final judgment of the throne-an earthly thing; for men blasphemed God because of it, for it was very great. Such is the effect of God's judgments when the willful rebellious heart is unchanged; such have all of us, unless in new life by grace.

CHAPTER 17

The apostle is now called away to a fuller description of the woman and the beast, not called up to heaven at all now, for her place and her judgment are on earth. He is called by one of the angels, or messengers of judgment, that had the seven vials of wrath of God. These angels had the character of perfect righteousness both divine and human: the golden girdle in which the certain energy and pure power of divine righteousness is maintained and vindicated; and white robes, in which the spotlessness of human sanctity and faultlessness, as of God, is expressed. One of these now comes to show the prophet the judgment of the great whore that is seated, in her malignant influence, on the masses of peoples. That is, the revelation is made according to the character and estimate of this judgment.

The interpretation of this chapter is clearly of the greatest possible importance, as to the form of the corporate power of man, as apart from God, and setting up for independence of Him in the latter days. However, the judgment (though much information be given of her, and of the beast that is found to carry her) is definitely of her in one character-the great whore. She is judged as such, though much thereon depends; and this I certainly conclude to be mainly her ecclesiastical character, just as the bride, the Lamb's wife, with whom she is in eminent contrast, is the church; though heavenly glory be her portion, as false earthly glory is the

great whore's. But the union with the Lamb is the real distinction of the one; her meretricious conduct (ecclesiastical corruption) is of the other: doubtless the glory of the world is eminently and intimately associated with this. Had she not this in play, much of her grandeur and influence would be lost, and she would cease to have this character. Her union with the world was her whoredom. Babylon may have a king over it-so it is spoken of in the Old Testament; but this is not its character here-she rides the beast. In the Old Testament, she is never, accordingly, spoken of as committing fornication; for in a certain sense (though, perhaps, through him, an evil one), she belonged to the king of the earth: he had made her and builded her for his majesty and his glory. Here, she rides on the beast, using him, though afterward hated and impoverished, etc., by the ten kings. Babylon of old, had deceived the nations by the multitude of her sorceries and her enchantments; but that is another thing: evil or good, she belonged to the king of Babylon; she rose by him, and fell with him. Here she has no king, but lives in evil, her own mistress, with the kings of the earth. Israel was an adulteress,112 not Babylon, then.

For this she is judged, though other things and all worldly splendor might surround her, and give her influence over the minds of others. In the Old Testament, fornication is attached, not to Babylon, but to Tire, with reference to her merchandise.

The material feature here is, that Babylon is not the seat of earthly power, ruled over and headed at any time by him who exercises apostate royalty upon the earth, but an independent woman. So was Tire in the world, as thus spoken of: and, where the prince of Tire113 is spoken of, it is not in human earthly language, but the highest character of apostasy, such as can be reached in its full character only by the great enemy, and, it would seem to me, connected with a church or religious standing-a character and apostasy far more terrible than the apostasy of the world, headed by its king, in its full form builded by him. Worldly association, then, this has, and wide extent of merchandising and wealth-a great system of worldly prosperity; but its character for judgment is her fornication, not her purple, her scarlet, and the like, though all these were connected with it, and designated her. Judgment ruined her as to these; but they were not the cause of judgment. And this is always the case: the becoming worldly, and by this spirit, and to gain this wealth, pandering to the passions of the kings of the earth, is just the very cause of this. But, as in old time, the blood of all righteous men was found in God's house, then apostate-not in the world's or the wicked one's outwardly-judged in Jerusalem, not in heathen Rome, so, ever: the ecclesiastical form of wickedness takes the lead, not the worldly. The gainsaying is recorded as the gainsaying of Korah, not of Dathan and Abiram, though the earth might swallow them up too; and the beast may be judged as well as Babylon, but not presented in the same sad terms in God's moral judgment, in the sight of men. Moral corruption is ever worse than evil power.

Babylon was also the mother of harlots, and of the abominations or idolatries of the earth. The invocation of a demon, under the name of Paul, was worse than under

the name of Hercules or Theseus; and the uprooting of the mediation of Christ more fatal and destructive (as of the remedy itself), than that of the unity of the one true Jehovah. She was here a mystery. The apostasy of worldly power and grandeur was no mystery to the escaped remnant of Babylon, and the Patmos prisoner of Domitian. That the church, which the apostle watched over, should assume this form, was a mystery indeed- ruling that which he was suffering under as a poor despised follower of the crucified Jesus, and corrupting a world of which the church properly was the only true light. She was the mother of the abominations of the earth; but her sway was over the many waters, peoples, and tongues, and nations, and languages. Rome, I cannot help believing, was the center of this system. The golden cup was in the whore's hand, not she a golden cup in the Lord's-she governed and rode the ten-horned beast, that was her long general character, but not her final one: she became the prey and spoil of the kings which had their power with the beast. They gave their power, not to her any longer, but to him. She, not the beast, was drunk with the blood of the saints, and that, as seen sitting in her full ease and comfort there. And this was matter of deep astonishment to the apostle, that she who connected herself in his mind with such a character and pretension should be such.

Thus far the vision: but the interpretation follows, and (as has been elsewhere remarked of Daniel and the parables) the interpretation carries the facts of the prophecy into a further scene, altogether consequent upon that in the prophecy. " The beast which thou sawest." The interpretation takes up the time of the passage into this further scene, which did not exist in the actual vision of the apostle; which saw (in order to give her her full character) the woman in all her splendor. " The beast which thou sawest, was " (to wit, the fourth great empire), " and is not " (i.e., had not, at the noticed period, its united formal character), " and shall ascend out of the bottomless pit "-shall resume this formal character, under the direct influence of Satan, and then be destroyed. And all within the prophetic range of his power (the earth-the woman's influence extended farther, " she sat on the waters ") should be amazed when they thus saw it. The seven heads are seven mountains, on which the woman, not the whore, sitteth, " but that great city which reigneth." This cannot mean merely Babylon; for that was the whore's name already on her forehead, and therefore not an explanation to be given. That was her symbolic character: this her local explanation. There are also seven kings; these are not the horns, they were not moreover contemporaneous. " Five are fallen, one is " (I take this, from verse 9, to be a direct present explication to the apostle), " the other is not yet come; and when he cometh, he must continue a short space." This made the seven. One brief-lived head of the beast was to arise before the last, after the apostle's days. The Spirit of God has not thought it material to give a special designation of this or the previous heads, as not in the present scene affecting the church or purposes of God, but merely identifying the beast, and not suffering the church to be led astray.

But there is that which is more distinctly noted, after all this is completed, and all

that properly formed the beast is full-an eighth head114 (which is the beast itself, as arising directly from Satan's power and influence) arises, which is yet of the seven, which is connected with and takes its place among the other heads and forms of the Roman empire, but is also a distinct, definite power, the resurrection-beast of Satan's power; and in this form it is that it goes into perdition.

We have now the woman, the beast, and its heads, described.

We have then the conduct of the ten horns, the ten kings. These properly belong to the beast; they had received no kingdom at the time of the vision, formed no part of the then system, but would receive power contemporaneously with the beast. I do not see that this states that they would exist all the time along with the beast,115 but that they would not be a power supplanting or without connection with the beast, but that they would exist themselves, contemporaneously, and while the beast existed. They would give their power to the beast. I have no doubt that mainly the beast in its last form is here spoken of, but it is their character generally. They give their kingdom and power to the beast; they have one mind as to this. But though they did this corporately, they had a mind of their own, or at least practically in action. These shall make war with the Lamb: this shall be their conduct and end. The Lamb shall overcome them, for He is Lord of lords, and King of kings; and then we have His companions the church and armies of heaven anticipatively brought forward. He is not alone: they that are with Him are " called, and chosen, and faithful." This was the history and the end of the ten kings, but still characteristically; for, if we consult Daniel, three of them fall. Their Victor is then declared and His companions. As the confederacy of the kings gave (for it was man's will) their power to the beast, the Lamb's companions were, on the contrary, called, and chosen, and faithful. The " waters " are then explained so as to need little comment, save as reminding us of the extent of general moral influence beyond the prophetic earth: she had her seat there, though she sat on the beast too. Another characteristic was, that she had this influence and place on the peoples and multitudes and nations; all this was an independent influence proper to the woman, and this in her evil character as the whore.

Another incident of much importance in the history is then brought forward. These ten kings are to give their power to the beast. So " God hath put into their hearts to fulfill his will," and " these shall hate the whore, and shall make her desolate, and eat her flesh " (devour her wealth and fatness), " and burn her with fire." It was not specifically with these kings she had committed fornication; that had been her general character with the kings of the earth. These ten kings, however, desolate her: the will at this time acts in them, not in the beast.116 They are the prominent and existing actors, that they may give their power to the beast, whose final character and end we have already seen. This goes on " until the words of God shall be fulfilled." The woman, not the whore, is then designated as that great city which reigneth over the kings of the earth (the predominant associated power of the earth):117 but if acting by corrupt religion, not doing so here as a false prophet, but

as a city-a system in her secular, carnal, and worldly, and wealthy character; yet that secularity and wealth, the meretricious secularity118 and wealth of an active, corrupting will-" the mother of harlots and abominations of the earth."

As to the ten kings, I would here also notice, what, not being the direct subject of the book, I have not noticed hitherto. It appears to me a mistake to include the Grecian or eastern part of the Roman empire in the ten kings or direct power of the beast, though he may seek to possess himself of it as his dominion, and in a measure may do so.

The little book of the eleventh chapter takes up the beast in his last satanic character, in order to complete the scene of the final catastrophe and woe; but the first two woes seem to me to embrace the eastern or Grecian part of the great scene of the prophetic earth. When we come to the geographical divisions and actings at the close (for all are aware that the catastrophe of all the powers of the earth is in the east, in Judea), then the king of the north and the king of the south seem to me to occupy the Grecian part, not the ten kings, though the beast may be seeking to possess himself, as of old, of their territory, and may in part succeed. I allude here to Daniel 11, as may readily be seen.)

CHAPTER 18

Having thus seen Babylon in her active will, in her connection with the will of others, and her end in wealth and fatness, the announcement of her fall as a corporate system is declared.

E aqui encontro muito mais da parte puramente mundana do sistema; e esta é a sua característica, embora a outra não possa ser negada. E aqui ela é vista como caída — Babilônia, a grande, não mencionada aqui como a mãe das meretrizes, a prostituta ou a mulher, mas simplesmente como Babilônia, a grande, como uma cidade ou morada. Ela não havia deixado de existir, no entanto, de forma alguma; mas estava caída e se tornara morada de demônios, guarida de todo espírito imundo e guarida de toda ave imunda e odiosa. Esta era sua condição e julgamento atuais — sua condição moral — e conforme discernida pela igreja, que, por meio do Espírito, conhecia todas as coisas com base no testemunho de Deus. A queda de Babilônia parece ser a perda do seu lugar de poder ativo, governante ou de liderança, governando como tal a besta e as muitas águas, envolvendo sua degradação moral, não sua destruição.

Deus agora chama Seu povo para fora dela. Não digo que esse chamado não tivesse aplicação sempre que a verdade do terceiro versículo fosse percebida: mas agora era definitivo e positivo, pois a verdade foi declarada judicialmente. Ai daqueles que permaneceram! Seus pecados haviam chegado ao céu, e eles receberiam suas pragas se permanecessem. Era um aviso por conta das consequências agora. A separação precisava ser feita, pois Deus havia começado a julgá-la. Ela já havia caído do poder, do poder sedutor da riqueza e da corrupção.

Ela ainda, ao que parece, dizia em seu coração que deveria ser uma rainha e não ver tristeza; ainda mantinha seu orgulho, embora estivesse caída; e a igreja sabia que Deus agora a estava julgando. 119 A desolação de toda a prosperidade temporal da grande cidade é tristeza e angústia para os reis da terra. Isso é algo distinto dos dez chifres que a odeiam e a queimam com fogo. Os reis da terra são os governantes reais, não esses dez chifres específicos, que dão seu poder à besta como reinos; Os chifres eram o poder dos reinos, exercido pelo poder dominante da época, talvez. Mas todos aqueles que habitavam na segurança do sistema terrestre estabelecido e ordenado — os reis da terra, como os habitantes da terra — aqueles que haviam cometido fornicação com a grande prostituta — lamentaram sua queima. 120 Os dez eram uma classe definida, trazidos à tona com a besta em seus últimos atos contra o Cordeiro, para cuja realização Deus coloca em seus corações o desejo de se livrarem da grande prostituta. Os dez reis nunca são mencionados, como tais, como tendo cometido fornicação com a prostituta. Os reis da terra e os habitantes da terra são mencionados como tendo se comportado dessa forma. A ascensão dos dez reis ao poder ativo é um evento distintamente notado e subsequente. Sua descrição específica como ativos é do capítulo 17:12-17.

The destruction and judgment of the great city involved the ruin of all mere secular interests-wealth-all that was Tyrian in its character, though souls of men had been added to that renowned city's traffic; for the great city traded in them also. Anything to enrich characterized the conduct of the city, taught by direct and accomplished apostasy. The city was, in a certain sense, distinct from the merchants. She

was the whole system; they stood aloof, from the fear of her torment when God was judging her; and the ship-masters withal. But heaven and the holy apostles and prophets were called to rejoice over her. She had been the enemy of heaven, as the whole lust of the earth, to shut out God; and withal the persecutor and enemy of the revelation and testimony of the heavenly glory, the judgment of the world, and the coming of the Son of man-in a word, of the great power of testimony by which the church was constituted in the world. Then came the statement of the sudden and total manner of her final destruction.121 Her worldly wealth, the power of riches, is marked as her great final character as thus judged and destroyed. And here she was like Babylon of old; and in her was found all the blood slain upon the earth-as in Jerusalem all that was shed, up to her destruction-as being the chief and perfected form of apostasy from God.

In this description of Babylon we have the whole spirit and character of the world except power, royal power; for that is of God, however used, and that (in the hands of the kings of the earth) was corrupted by her; and then these ten horns or kings hated her and destroyed all its fullness and power. These were not Babylon; but they gave their power to the beast; so that power also which did come from God, might be found in open rebellion against Him to whose hand all power was entrusted and given-the Lamb; and thus the last and final form of evil be produced,

involving (for it was then the question whose power was to stand) the destruction and setting aside of the form and subsistence of apostasy.

Thus, in Babylon we have wealth, corruption, sorceries, arts, luxuries, bodies and souls of men sold, fornication committed with the kings and dwellers upon earth, and they made drunk with it:122 the principle of confederate will, but the corruption (not the exercise) of royal secular power as of God, though it might, by seduction, rule and govern this power, and thus separate it from its divine source, and actually set aside and hinder the unqualified assertion of its supremacy, as of God over all. This, as we have seen, is distinct from the direct apostasy of power, which is founded on the hatred and consumption of the whore, and has its place in the beast. Power was given to Nebuchadnezzar, and he built Babylon. But here we have the woman in the exercise of her own will corrupting and ruling, uniting the characters of Israel towards God (save that she was a harlot, not an adulteress, for she had been but espoused as a chaste virgin to Christ), and Tire towards the world. When in exercise, we have always the ecclesiastical taking the lead in evil, as in Kore and the chief priests: so here this mysterious woman sits on the beast and many waters. When the kings begin to act, and are going to give their power by their will, they begin by her destruction, or consumption at any rate. And note, the act of Christ's power is on the feet and toes themselves. God judges Babylon as a great moral system denying His supremacy, not in open hostility to Christ's power.

We have the fall123 of Babylon distinguished, I think, from the destruction of Babylon. Her fall includes moral degradation, and being the dwelling-place of unclean spirits. This is judgment on her; and she falls because of her making the nations drink of the wine of the poison of her fornication; chap. 14: 8. This we find in the ecclesiastical course, so to speak, of closing facts. Her final judgment we find in the close of the filling up of the wrath of God; chap. 16: 19. The connection of the former seems to be with chapter 18:2; of the latter, with chapter 18:21.

CHAPTER 19

Thus Babylon was judged-removed out of the way with her corruptions, which corrupted the earth; and the blood of the servants of the Lord God was avenged. This is celebrated as the work of the Lord God by a multitude in heaven, and the mystic representations of the redeemed; but the worship was of God as sitting on the throne, whose power and judgment had been thus exercised. The way was now made free; and a voice comes forth out of the throne for the voice of praise from all God's servants. His sons could always praise Him in spirit; but here (the prevalence of evil being removed and " delay no longer ") they, in their character of servants, and all that feared God, can praise Him; for He now reigned as the Lord God Omnipotent-that character or those characters in which He dealt with the earth whether as God, Creator, Promiser, and Shield of His people while strangers, or the everlasting Accomplisher of all He had promised, Jehovah Elohim Shaddai. All these He took now in power and reigned. This time takes us back to chapter 11:17:124 we

have had, in the interval, the source, character, and form of evil, and judgment of all but the beast, and open power against the Lamb, which is earthly. All secret or mere corrupt evil, all evil that had its place in heaven, being removed, it was a question of open power-Satan's last and hopeless resource on earth. The praise, accordingly, is returned to God in this character of Lord God Almighty who reigneth; and gladness and joy immediately came forth.

Then His first and immediate purpose manifests itself, before even the Lamb's judgment of His earthly enemies; " the marriage of the Lamb is come." This is a matter of ordinance and dispensation. We are now His children; but the marriage of the Lamb is not yet come, nor is His wife made ready. It is not here, then, children with the Father. But the time for the Lord's manifest glory being come, the Lord God takes His power, judges and removes the evil worldly counterpart, and (the Lamb's wife made ready) the time for it is come: these, however, were heavenly things,125 and they are passed by. The time, and readiness and nature of her robes only, are passingly mentioned as an important circumstantial characterizing the progress of events: and it closes with pronouncing blessing on those who are called to the marriage supper of the Lamb; and the prophet returns to the course on the earth again, where the white-robed ones are found the companions of His glory in judgment.

This closed the scene of what was properly heavenly, i.e., the time during which the Lamb (and His followers) were not manifested upon earth. It closes with " these are the true sayings of God." The angel was his fellow servant126 and the fellow servant of his brethren that had the testimony of Jesus; for the spirit of prophecy still testified of Jesus. God was to be worshipped: this was the great end of the book-to keep the church in the holy simplicity of true worship in the midst of ruin and apostasy.

Now the heaven is opened. It is not John caught up there. It is not a sign there. It is not the temple -opened to him there; but heaven is opened and One comes forth.127 Heaven opened for the Holy Ghost to descend on Jesus here. It opened for the angels of God to ascend and descend on the Son of man. It opened for the church (to wit, in Stephen closing that period and scene) to see into heaven and be received there. It now was opened, that the King of kings and Lord of lords Himself should come forth thence to act on the earth-to judge and make war in righteousness. It was now the time that power was to be applied to righteousness128 in the earth. He came in the manifestation of faithfulness and truth; He came with scrutinizing and purging judgment; He came in the assemblage of many royalties; and in the secret of His own power, which none knew but Himself. His armies were in fine linen clean and white-heavenly righteousness and purity-the priests of God. He came with divine vengeance (His garment was dipped in blood), and in that title of the manifestation of the power of God which was from creation downward, " the word of God." Thus He had created, thus revealed, thus judges. The armies in heaven followed. None were in this conflict with Him on the earth-His

own arm brought salvation: He smites, rules, and treads the wine-press of God's wrath. The power and title, in which He is now publicly manifested, is " King of kings, and Lord of lords ": this recalls to chapter 17: 14. The birds of the air are summoned to the great supper of destruction.

The ten kings were specially marked in their war against the Lamb; and they did take a lead in it; but the expression here is more general. The beast is found here, and the kings of the earth. Those who ruled the earth were generally found refusing to submit to this royal conqueror-to the Lord. The beast is first and prominent; then the kings of the earth withal and their armies. It was the general character of the state of the earth then. The beast and the false prophet are taken and put in the lake of fire. The prophet, by his characteristics, is identified with the second two-horned beast which arose out of the earth, which has lost its secular power, but not its character as counselor of mischief in the latter day. The remnant was slain with the sword of him that sat on the horse-it " proceeded out of his mouth." For, though it was the actual execution of judgment, and no longer merely the sword of the Spirit, but of the Lord, in active imperial judgment of the quick, it was according to the word. It was the judgment of the word which proceeded out of His mouth: they died by that. The proper application of this is to those who were against Him, as coming from heaven to judge those who were directly under the influence and power of apostasy. Still, the kings of the earth is wider than the ten kings,129 and left general. I doubt, however, whether it includes Gog, whose aim is against the land rather than the Lamb, or even the Prince of princes. With Gog, it is the gratification of covetousness, the lust of possessing. He goes against the land of unwalled villages, and perishes in the mountains of Israel, after Israel is brought back and dwelling in peace.

A besta e o falso profeta, esses delegados de Satanás, os inimigos ativos do Cordeiro, foram finalmente julgados: mas não parece que o engano das nações por Satanás tenha cessado, porque ele ainda não está preso. Ainda assim, ele não pode agora reproduzir nada que antes fluísse de seu lugar no céu. Ao ser expulso, seu lugar tornou-se, como vimos, o de oposição aberta ao Cordeiro. Este é o caráter da ação das nações desde então sob sua influência: nada como o grande sistema anterior. Assim, mesmo depois de mil anos, tudo está na terra e deste caráter. Ele nunca mais recuperou o céu. A besta e o falso profeta, a forma resultante da apostasia enquanto Satanás era deus deste mundo, também nunca reapareceram. Ele se estabeleceu evidentemente como príncipe deste mundo pelo que levou à cruz, sendo este o clímax dela. Quando isso foi abandonado, a igreja tornou-se apenas o instrumento de seu poder; o pecado e o mundo retomaram seu domínio sob o nome dela. Isso foi mantido em apostasia ativa pelo uso de uma igreja corrupta, ainda na terra quanto aos meios; e, quando ele foi expulso do céu, só pôde ser por meio de guerra aberta, como vimos, contra Aquele que veio em Sua realeza para reivindicar Sua herança. Creio que se descobrirá que o comércio e a colonização primitivos da Terra estavam intimamente ligados à idolatria — embora

os filhos do apóstata tenham resgatado Cam. Seu primeiro ato foi rejeitar ou degradar a autoridade como sendo de Deus; e logo encontramos, no rio Cuxe, 130 idolatria em prática, estendendo-se até mesmo à raça semita, de onde Abraão foi então chamado.

O primeiro estado (isto é, confederação, comércio, religião falsa) é mencionado como uma mulher: 131 esta pode, quanto a parte das ideias, estar sujeita a Cristo. Nabucodonosor pode governar a Babilônia (a cidade da confusão); assim, o Senhor Cristo, "a cidade do grande Rei", onde Deus é bem conhecido; e Jerusalém pode ser a rainha em ouro de Ofir. O último estado de oposição terrena é, ou a besta, uma vez sujeita ao primeiro, e é pela vontade dos reis, ou nas mãos do rei obstinado, o homem carnal caído e hostil que se levanta contra o Senhor. O primeiro ponto explica muito para mim o príncipe de Tiro no profeta Ezequiel.

CAPÍTULO 20

Temos, portanto, que observar que Satanás não está preso por aquele que estava montado no cavalo; mas um anjo desce do céu. Não é o julgamento imediato de Satanás por Cristo, mas o poder divino, a providência e a intervenção de Deus que colocam Satanás de lado e o incapacitam de enganar ainda mais os gentios até que seja solto.

No versículo 4, começamos uma nova cena: os tronos. Não se trata de julgar e guerrear aqui, mas de sentar-se em tronos em julgamento real. Esta passagem, parece-me, alude aos tronos sendo colocados (admitindo-se que significam, creio eu, como na Septuaginta) em Daniel 7:9 ; em cuja interpretação, no versículo 22, lemos: "o juízo foi dado aos santos do Altíssimo", ou dos lugares celestiais. Aqui, não apenas os tronos estão colocados, mas ele vê pessoas sentadas neles: os tronos estavam cheios. Daniel não viu isso – era um período para ele: para nós, é a nossa glória com Cristo. Esses tronos foram colocados antes mesmo do Rei e Seus exércitos surgirem; mas não faziam parte da cena terrena visível (nada ainda da conexão do céu com a terra); e, portanto, não são mencionados. Os tronos foram colocados antes do julgamento da besta em Daniel; e aqueles que saem com o Cordeiro estão sentados nos tronos. Mas, repito, embora plenos, eles não são trazidos à cena até que façam parte dela propriamente. "Quando o Filho do Homem vier em sua glória... então se assentará no trono da sua glória." Eles não assumem este lugar propriamente até que Ele o assuma abertamente (o poder sendo dado a Ele como Filho do Homem, que está conectado com a terra): e assim estes tronos, embora assentados no céu. Como, em Daniel, "veio o Ancião de Dias, e foi dado o juízo aos santos do Altíssimo", assim isto é consequência de Ele ter assumido o Seu poder e reinado. Eles reinam com Ele pelos mil anos. O que se segue no versículo é uma indicação adicional de que os outros nada perderam pela inimizade do mundo, 132 e de Satanás, até a morte, ou por sua recusa em adorar a besta. Suas almas foram vistas. Poderia ter havido poder para matar o corpo, mas eles nunca morreram para Deus, e agora desfrutavam do fruto disso — "eles reinam em vida

por um".

O reinado sobre os tronos , na verdade, é consequência da remoção do poder enganador de Satanás: e o mesmo acontece com Cristo. Ele vem primeiro e, então, de fato, assume o trono do mundo: Seus companheiros foram escondidos com Ele nesse meio tempo; e embora glorificados (é por isso que falo deles agora), os tronos não foram vistos até o fim da guerra. O título estava completo, eles foram para Ele. Mas eles não possuíam, antes disso, o reino de fato; nem Ele mesmo. O cavalo e o trono são coisas distintas — poder imperial, ativo e subjugante; e poder pleno, pacífico e judicial como rei. Pois a vinda de Cristo não é um mero ato passageiro. O trono de Sua glória continua até que, como rei mediador, Ele o entregue. Neste trono do Filho do Homem, os santos se assentarão, ocupando tronos com Ele e julgando o mundo; e este é um reino de paz, mas também de justiça (este último, propriamente judaico): pois o céu e a terra se encontram em paz agora — paz na terra; porque a face do céu, em seu próprio caráter através de Cristo, o Mediador, e dos santos com Ele, brilha sobre ele agora.

Nesta parte, há pouca menção às nações, embora seja deixada em geral; porque Cristo lida com as nações como identificadas com a Jerusalém terrena: enquanto aqui Ele é visto como vindo do céu para atuar no cenário principal e agente do poder hostil de Satanás — a besta e seus seguidores. As nações, neste momento, são mais os temas da profecia do Antigo Testamento; que, embora reconheça o fato da vinda do Senhor do céu com todos os Seus santos, ocupa-se com a Jerusalém terrena e o que ali se passa. Aqui temos a demonstração da primeira ressurreição — o tema principal. Bem-aventurados e santos são eles! Serão sacerdotes de Deus e de Cristo: ali está o seu lugar mais elevado, como visto neste livro; e reinarão com Ele por mil anos, pois Ele é um sacerdote em Seu trono. Seria difícil fazer sacerdotes de princípios, embora, por uma figura, pudéssemos dizer que os princípios reinam.

After this, when the nations form the body of hostile agents, we have Satan's actings in them; but it is no revival of the beast, nor anything in that character. Blessed be God, there was a final ending of that dark and subtle apostasy which resulted from Satan's being in heaven; but this is a mere exhibition of open, hostile enmity in those whom he has been able to deceive here. We must on no account, therefore, lose sight of this character of present evil and rebellion and apostasy, that it flows from Satan's being in heavenly places (though the church, in the knowledge of Christ's exaltation, may know His and its entire victory over him). The wrestling, however, is not now with flesh and blood, but with principalities and powers, with spiritual wickedness in heavenly places. In chapter 12 Satan is cast down from heaven; but here, what he raises on earth against the Lamb is cast into the lake of fire and Satan himself is bound in the bottomless pit, the history of the earth not being yet finished. The coming of Jesus, whose judgment acts on the beast and false prophet, is not the same as the angel of God's providence and power casting Satan into the pit.

The glory and reigning of the Son of man seems to vindicate God as regards the failure of the Noah world. The blessing of the Second Adam, as the Head of a redeemed race, takes the place of antediluvian evil and wretchedness, in which the children of fallen Adam displayed their character: this closed by the judgment of water, that commenced by that of fire. In the reign of the Son of man with His saints, " a King shall reign in righteousness." In the blessedness of the Second Adam, as Head of the new race when God's tabernacle is with men, therein " dwelleth righteousness," its peaceful and constant habitation without force maintaining it. Partially the principles of these two states mingle, by virtue of the power and influence of the heavenly Jerusalem and its great Bridegroom (and so we have Psa. 85 accomplished): still are they different.

Upon the close of the thousand years, Satan is let loose- deceives the nations-a separation takes place; and he brings up the deceived against the camp of the saints and the beloved city, to wit, the earthly Jerusalem. Then the devil is cast into the lake of fire, where the beast and the false prophet are already, and shall be tormented day and night forever and ever.

The judgment of the beast and his armies, it appears to me, is not the judgment of Matt. 25, nor is Matt. 25 the judgment of the great white throne. That judgment in Matthew appears to me to be the judgment of the nations at large, when Christ is not making war, either as coming from heaven, or as going forth in connection with Jerusalem; but when He is sitting on His throne, having come, and judging the nations for the manner in which they have treated the preachers of the gospel of the kingdom in that going forth which shall specially take place at the close. It is not, " He shall send forth his armies," but the calm and solemn session of the throne on those who have despised Him in His messengers.

Although the fact of the resurrection of the just is mentioned here to separate them out of the judgment, the millennial state itself is little dwelt upon, the chapter being properly the account of the session of judgment. From this we see the partakers of the first resurrection entirely exempt. Then Satan's actings, as introducing the millennial judgment133 are mentioned, and that judgment itself. On the great white throne (for there were no thrones now) sat One from whose face heaven and earth fled away. This, therefore, was no coming at all-no judgment of the habitable world as a scene, nor a judgment of the quick. The dead, small and great, stand before God; and they are judged out of the books, according to their works. We have therewith a general statement of the portion of those not written in the book of life. Whatever differences there may have been in measure, they were all cast into the lake of fire. This was not now a place merely prepared for the devil and his angels. The devil was there. The false prophet and the beast had been there long before: now, all those who were not written in the book of life.

CHAPTER 21

There was now not merely an economic change. The great white throne had no reference to any dispensation, but to the dead. There was now an actual physical change-a new heaven and a new earth, and no more sea. And here John sees a new object, new Jerusalem coming down from God out of heaven. This general fact, I conceive, is presented here to give the object. Its bearings are taken up apart: and first the historical progress or result is stated; and we find the tabernacle of God, not the throne or heavenly dwelling of God and the Lamb, but God all in all-the tabernacle of God with men. The race, man, now are blessed with God's presence; and grace had provided a way in the which (with no desolating inquiry of " Where art thou? ") God could visit, yea, have His tabernacle among men, now headed up in the blessed last Adam-the risen and glorified Man, not in the first fallen one. The millennium, as we have said, is the contrast to Noachic failure, when Satan is cast out of the heavens, and government comes in, righteous and effectual for blessing and peace. To man's fall, the ruin of the first Adam, is here contrasted the perfect, unfailing, and new and durable blessing of the second -all things made new-no more death-all evil put in the lake of fire. Chapter 19: 9 is the special recorded blessing of the former state, the marriage of the Lamb: chapter 21: 5, the blessing of this.

The condition of the earth during the millenium is more properly the subject of the Old Testament prophets-the restitution of all things spoken of by them. The connection of the heavenly blessings with it, during the millennium, is, however, taken up in what follows, to complete the picture, and give the saints the joy of their own portion in it, which, in its own proper and intrinsic character, moreover is eternal. This account is from chapter 21: 9 to 22: 5, 6.134 On this I have but few remarks to make, having so far prolonged this. It is not here the children in the Father's house; it is not dwelling in God as love (and thus, through Jesus, in whom all fullness dwells, filled with His fullness, we in Him, and He in the Father), but the glory of God, the order of all dispensation. Glory is taken up in it (i.e., that which constitutes the glory of each), as displaying the character, foundation, and ways of God, the excellency of mediation, and the basis of righteousness and true holiness, firmly established as the very streets of the city. These constituted the characteristics of the city.

But there is another very interesting point in this character of the heavenly Jerusalem, the Lamb's bride, the perfection and blessedness of mediatorial glory. First, God and the Lamb are the light of it: they enjoy the light of glory; the nations of the spared ones walk in the light of it (i.e., of the heavenly Jerusalem, the Lamb's wife, the glorified saints). It is not merely " nations shall come to the brightness of its rising "the acknowledgment of a new and dominant power owned of God and glorified in the earth; it is proper blessing, " they walk in the light of it." And yet more distinctly does it preserve its character of grace, and the immense privilege of grace; and what it possesses in common, it has on incomparably higher ground than even Paradise of old. The Tree of Life has healing in it now. Not merely can the innocent eat and live, but there is remedial blessing in it for those on earth. They

worse perhaps in some sort than Adam, but far more glory, and blessing displayed even in glory. The Lamb's bride, answering as a help-meet to the Lamb's heart of love, is minister of blessing to them that need. It is now full of blessing, and we ministers of it, " for his servants shall serve Him… His name shall be on their foreheads." Far other is the minister of strict earthly righteousness, the earthly Jerusalem-" the people and nations that will not serve thee shall utterly perish." Now this heavenly rule, withal, is recognized as the source of power. The kings of the earth bring their glory to it (not to corrupt Babylon, to their disgrace and ruin). None enter this that defile, but those written in the Lamb's book of life. It is not now merely " the Lord shall reign forever and ever," but " they shall reign forever and ever."

From the time of the exaltation of Jesus to the right hand of God, and the association of the church with Him, Christ has been ready to judge. There were many Antichrists, whereby it was known that it was the last time, as this same apostle teaches us. And now, in the manifested failure of the church on earth unfolded in the first chapters, though the Bridegroom might tarry, the church, knowing His mind, had but one cry,

" Come! " In this position, therefore, the church is practically set.

From the time the prophecy took its course, all was remediless. When it took absolutely and definitely in the crisis, it became absolutely and definitely so as to individuals, as regarded the dispensation of judgment-" the door was shut." The Lord declares He has sent His angel to testify these things in the churches. Here we are brought back to what went before the prophetic sayings (the churches being thus made cognizant of the prophetic sayings). The Lord presents Himself to them, as the root indeed, but as the offspring of David, ready to inherit his throne; and the bright and blessed witness of millennial day, and, in one sense, eternal day to the church. This was the next thought to the church on this failure. Accordingly, knowing it, the church is only lifted up into better hopes, and the Spirit,135 which, as Comforter, abides forever, takes the lead; and, in its character of bride, abstracting itself from circumstances and earthly progress and associations, the church joins its guiding Spirit and says, Come—calls on all who hear, whose ear is open to divine truth, to join in this as its cry, its first utterance, now born into a world of sorrow even for the church, which sees its desolation (still, however, maintaining its character of grace, ministerial grace, to the world): " And let him that is athirst come: and whosoever will, let him take the water of life freely." While the Holy Ghost remains filling the church, no change of circumstances can prevent it or us from being the ministers of this calling-grace in the midst of a ruined world.

Strictly speaking, then, verse 17 returns to the things that are; verses 10, 11 to the prophetic period, which has closed the hope and testimony of grace, and assumed the testimony of judgment, either preparatory or final. Verse 20 gives the individual seal, as it were, of the apostle's faith to the personal application of the book by the

Lord.

As the church instantly broke forth in answer on the church revelation of Jesus, in exactly corresponding praises to His then revealed character, so now, on the revelation of His millennial and glorified character, it breaks forth by the Spirit, which never leaves it let it be ever so desolate, but rather inspires it with hope in the answering and suitable cry of " Come! " and then looks round, in the sense of this, to renew its service of grace to the world.

In chapter 21: 6, we have Jehovah sitting on the throne, declaring Himself as Alpha and Omega; here, in chapter 22: 12, 13, we have Jesus doing so (there closing the millennium—here introducing the millennial times).

1. "Notes on the Book of Revelation; to assist Inquirers in starching into that Book." London, 1839.

2. See Note page 52.

3. This is true also of the Hebrews, where sacrifice and priesthood are spoken of, which constitute relationship with God. Here it is supremacy (whatever be the circumstances), which is His character, not with the children, but over all things, over all creation, and ever the throne of Him that was and is and is to come.

4. See also (that is, as soon as we come to the prophecy) ch. 4:2, 10; ch. 5:1, 7, 13; ch. 6:16. Note also ch. 7:10 (observe there is no allusion to this from ch. 8 until ch. 19:4) and ch. 21:5. Chapter 20:11 Comes in specially intermediately. As to the city, see ch. 22:1.

5. The instant answer of the church on the announcement of Christ in His titles as to His Person, is exceedingly beautiful here. And, on the announcement of His coming glory (ch. 22: 16), the instant response of the church, led by the Spirit, is equally lovely: " The Spirit and the bride say, Come '; and the church then takes its full place, while waiting.

Christ's relative character is fully shown and responded to-a faithful witness for God to man, the perfect representative and Head of the church, as the perfect new risen Man before God, and the head of power to the world; and the church sees Him, and then says what He is to herself.

6. Note here, not was and is, but is and was, the One who is, and thus, in relation to time, was and is coming.

7. i.e. The witness of God, as He was the conqueror of death, and the governor of the world in power.

8. It has therefore passed beyond the condition of the apostolic epistles, but not entered on the relation in which Christ stands to the world in government and

lordship.

9. The first and the last. Christ as continuous, as Jehovah in power and nature, yet One that had passed through the vicissitudes of the church's necessity, so that in all circumstantial changes it might know what and where its security was: so that it was security, not terror, to the individual. So, come what would, the church would not be prevailed over by her enemies.

10. [Note the wisdom of this. No delay was thus revealed; before the Lord came, the things were; but that was given which, as I doubt not, gives a full consecutive history of the church till He comes.]

11. That is, the church dispensation on earth, taking, as to time, the place of the broken-off Jewish branches, and therefore, in many respects, connected in dates, though the church itself be just opposite in principle; for it is another and a heavenly thing instead of a failed earthly thing.

12. If we trace the actual order of church history in the Acts, we shall find the breaking up and scattering of the central and only church of Jerusalem by the death of Stephen, gone to Jesus- and then the church on earth scattered; thereon Saul called for, an entirely new instrument to Gentiles, rulers, and the people of Israel; and thereon the union of the church with Jesus in heaven for the first time mentioned, " Why persecutest thou me? " but after this (though the principle of Paul's mission and the union of the church with Jesus was established), the patience of God continuing to work by the ministration of Peter. Aeneas and Tabitha are the witnesses of his power; and the calling of the Gentiles is by his mouth, that the witness of the Jewish stock might still be preserved in grace, whatever the righteous justice of the dispensation might do in judgment (and so in dispensation the faithful partake of the ruin of the unfaithful, as Caleb and Joshua must wander in the wilderness), and thereon extraordinary intervention might effect besides in one born out of due time, the witness of prerogative grace in the disorder of the dispensation as to man. We find the lingering traces of habitual evil in the saints, for they objected to Peter his having gone to the Gentiles; yet this was the final sin of the Jews. Such was the patience of God, that they were not, historically, then shut up, till Paul's intercourse with them at Rome (Acts 28); and even so, it was blindness in part, not stumbling to fall, and there was a remnant according to the election of grace.

13. In the next, He is Son of man and Son of David seated on His throne.

14. A história não foi escrita no céu. Creio que a tentativa de interpretar a profecia pela história tem sido extremamente prejudicial à compreensão do seu real significado. Quando apuramos, com a ajuda do Espírito de Cristo, a mente de Deus, temos, no que diz respeito à história, a avaliação que Deus faz dos eventos e sua explicação. Mas a história é a avaliação que o homem faz dos eventos, e ele não tem o direito de presumir que estes estejam na profecia; e é claro que ele deve

entender a profecia antes de poder aplicá-la a qualquer coisa: quando a entende, tem o que Deus pretendia lhe dar, sem ir mais longe. Não admito que a história seja, em nenhum sentido, necessária à compreensão da profecia. Eu obtenho fatos presentes e o relato moral de Deus sobre o que os levou a eles e, portanto, Sua avaliação moral deles: não quero que a história me diga que Nínive ou Babilônia estão em ruínas, ou Jerusalém nas mãos dos gentios. É claro que, quando qualquer profecia se aplica a fatos, é uma história verdadeira desses fatos; mas é muito mais do que isso. É a conexão desses fatos com os propósitos de Deus em Cristo, e sempre que qualquer fato isolado, por mais importante que seja aos olhos do homem, é tomado como o cumprimento de uma profecia, essa profecia é feita de interpretação particular; e creio que este seja o significado dessa passagem. É claro que, quando qualquer profecia se cumpre, o cumprimento é evidência de sua verdade, mas o cristão não precisa disso; e evidência da verdade e interpretação são duas coisas muito diferentes.

15. Lit. `seres viventes'. Descobrirá que eles são adoradores inteligentes — dão uma razão para sua origem; os anjos nunca o fazem.

16. Os quatro caracteres dos animais são os chefes dos quatro gêneros declarados em Gênesis. Aves do céu, gado, animais do campo e homem; sem dúvida, eles também tinham caracteres específicos a serem atribuídos. [Os animais serão encontrados unindo qualidades seráficas com o querubim. Querubim é o governo terreno. O serafim introduz a santidade própria de Deus e, assim, introduz um princípio de julgamento final. Ao adicionar esta nota, acrescentarei outra impressão recente, de que até o próximo capítulo (onde o Cordeiro aparece pela primeira vez), os anjos foram o instrumento; com o Cordeiro, os homens assumem este lugar, embora o resultado não seja revelado.]

17. A diferença de leitura lança dúvidas sobre isso: de qualquer forma, era um cântico novo no céu, não um cântico judaico.

18. Muitos manuscritos dizem 'eles reinarão'; mas então duvido quanto a 'nos redimirá'.

19. Isso coloca os santos no céu, mas aguardando sua herança — a terra — o lugar, em princípio, de Cristo agora.

20. No quarto capítulo não temos anjos, e os animais estão separados dos anciãos; aqui os animais e os anciãos estão associados, e temos anjos.

21. This is true even if these honors of the beasts be transferred to the elders, as we know those of the angels certainly will to men in the world to come. For the elders always represent the place of intelligent faith.

22. Viewed, that is, in its protracted character on earth.

23. This can clearly apply but to two periods properly: the protracted period

subsequent to owning the churches upon earth; and the preparatory scene of judicial and providential governance, subsequent to the taking up of the church, and previous to the reign of the Son of man.

24. As regards the crisis at the close, this would develop itself in, first, the period of trials and persecution of the saints (compare Matt. 24); secondly, the preparatory or providential judgments on the despisers of the Lord (the wrath being simply announced, and not described, in the seventh trumpet); and lastly, a full account of the character, doings, and rise of the beast, with the final judgment of all that belongs to him.

25. It would seem, from the fifth seal, just when the heavens are going to be changed, that, after the church who have suffered are publicly owned and put in white robes, they are to rest a little season, because there are brethren and fellow-servants to be killed yet. Though thus owned, therefore, vengeance could not be taken for this little space, till this was done. But then the heavens were changed to prepare for this vengeance. In the trumpets, note that there is no evil on the saints, or any saints, but judgment on the earth or its inhabiters. The last suffering (i.e., as to death) of these " brethren " seems a transition point, the act of the beast in its last state, as corning out of the bottomless pit, getting rid of them in that power, to the comfort of the inhabiters of the earth whom they tormented. They stood before the God of the earth.

Some would account this the time of the catching up of the church; but this appears to me a mistake. It is the time, rather, of their public owning before the throne, consequent upon the change in the heavens previously spoken of, and previous to the commencement of the judgments. The hundred and forty-four thousand are, in that case, the Jewish remnant, then owned upon earth. Looked at as the church, in its own portion, it is looked at, I apprehend, as in the heavens from the end of chapter 3. It is quite done with on earth there.

26. This is true in the main of the ecclesiastical body. It is said to Thyatira, " I gave her space to repent and she repented not," and the coming of Christ is then announced. But the call is renewed to Sardis (as I believe, Protestantism) in its turn, but, unless for individuals, in vain. It ends in Laodicea.

27. Na crise, não creio que se trate do julgamento do Anticristo, mas sim da subversão do poder de Satanás nos céus e, consequentemente, da completa subversão e revolução de todos os fundamentos e elementos de todo arranjo político e poder, que são mencionados como precedentes ao Dia do Senhor. Pois as fontes de poder nos céus devem ser mudadas antes que venha o Dia do Senhor, embora Satanás possa estar furioso na Terra; contra cujas ações terrenas, e sobre eles, o dia pode chegar. Veja Joel 2; Marcos 13:24, 25. A extensão e a importância dessa revolução nos céus, creio eu, não são suficientemente consideradas normalmente. A Terra pode ter sido frequentemente abalada e ter retornado ao seu

curso, porque os céus não existem mais. Mas quando os céus existem, as fontes de poder são mudadas e o inimigo é expulso; e ele nunca recupera esse lugar, embora, quando solto, ainda possa agir em oposição – oposição infrutífera – na Terra; porque então virá o julgamento, e os céus estarão assim estabelecidos e governando.

28. A aplicação literal de símbolos parece-me muito falsa em princípio e um modo de interpretação muito inadequado. É a negação de que sejam símbolos. Acredito que a linguagem dos símbolos é tão definida quanto qualquer outra, e sempre usada no mesmo sentido, tanto quanto a linguagem.

29. Ou um estado de expectativa quanto a si mesmos. Olhando para o fim, eles não precisavam mais dizer "Até quando?", embora o julgamento ainda não tivesse chegado.

30. Portanto, no que diz respeito à crise, os céus, agora preenchidos pelos santos, não tiveram parte no julgamento do Filho do Homem. Seus exércitos que estão no céu O seguirão; mas estes foram os julgamentos preparatórios do supremo poder providencial de Deus, nos quais os santos não têm qualquer participação. Eles não puderam abrir o poço do abismo para soltar os gafanhotos e Apoliom. Eles têm a mente de Cristo e, portanto, o caráter e os caminhos de Deus no Filho do Homem, não Seu governo supremo, embora este os ministre. Está completamente além deles; e disso as trombetas são uma parte — o anúncio dos atos e do governo soberanos de Deus, não Seus caminhos e propósitos para com eles.

31. Portanto, compreendo que na crise esta seria a intercessão do Sumo Sacerdote por aqueles que ficaram na Terra — os santos — depois (como fomos levados a ver antes) do arrebatamento dos santos da igreja, então conectados com a condição da Terra.

32. Seu sofrimento corporativo não era característico do conteúdo das trombetas, que tratavam de julgamentos sobre aqueles que não eram santos; e não havia reconhecimento de sua união e identificação atuais com o Cordeiro, embora individualmente pudessem sê-lo.

33. Não há símbolo mais complexo do que os vários usos da água. Água viva é o Espírito; mas, como este age pela palavra, água (não exatamente água viva) é doutrina e, num bom sentido, a palavra. Mas águas são povos, línguas, nações e línguas, e o mar, a massa informe delas. Portanto, os rios parecem os diferentes compartimentos delas, como "cujas terras os rios devastaram". Mas, presumo, a água é sempre vista como estando sob influências morais ativas de algum tipo, quando viva, em poder; quando o mar, pode ser meramente influenciado; quando fontes, pode ser a fonte de suas influências, assim como os rios seriam sua fonte; e, portanto, de acordo com a forma de seu uso, seria a fonte, ou os efeitos, dessas influências morais sobre a massa da população (o que chamamos de "povo") e, portanto, a condição moral popular como um todo, sendo a respectiva forma da água indicando seu caráter particular. As fontes das águas, as fontes desta

condição influenciada: "Da fonte de Israel", viam Israel como a fonte de toda a nação. Assim, ele imprimiu seu caráter relativo a tudo o que fluía dele: e, portanto, poderia ser aplicado talvez diretamente a um mestre, ou melhor, a um conjunto existente de mestres — fontes de águas: pois onde estão, caracterizam o povo; como dizem os homens: "Tal povo, tal sacerdote".

34. Isto também terá sua verdade na terra nos últimos dias.

35. Compare o processo espiritual do profeta Habacuque, que apenas ilustra isso.

36. Numa visão mais ampla, não vejo razão para me desviar da interpretação comum disto (isto é, os sarracenos): na crise, ela terá sua realização no grande último inimigo, ou Anticristo.

37. Como no primeiro infortúnio do longo período, encaro isso como algo normal, como os turcos. Na crise, serão as incursões dos exércitos do norte e do leste, avançando em direção à Assíria, e a Gogue, o príncipe de Magogue.

38. Quanto à crise, ela é vista como algo realmente no céu (isto é, completamente perdida de vista na Terra, como era de fato, quando perdeu seu lugar de testemunho aqui embaixo, como uma cidade situada sobre um monte). Pois, em todo o tempo, qualquer que seja a condição particular dos santos, a partir do momento em que a Igreja deixou de ser propriedade do Filho do Homem em julgamento aqui, como nas sete igrejas, ela foi vista ou misticamente (o que indica o período prolongado), ou realmente no céu, quando os julgamentos e provações dos últimos dias, a crise, como tem sido chamada, ocorrem. Em ambos os casos, ela é perdida de vista na Terra.

39. O arco-íris ao redor da cabeça mostrou sua conexão com a restauração da criação — a aliança com a criação na época em que o governo foi instituído.

40. In the crisis, rather the apostate results of what was nominally the church. In the seals the Lamb is concerned, and the saints are still liable to persecution. The trumpets are providential judgments on the evil, in which the saints are not found (often by wicked men on one another, as in Jewish history). Then comes the display of the open enemies of the Lord Jesus Christ and their judgment, and in their full character, by the Son of man Himself.

41. But the historical continuance is then not immediate; but from the state of things consequent on the position of the parties, more particularly from the flight of the woman into the wilderness, the previous verses being merely to show what had brought the parties into this condition, that the strength of the man-child was not at first put forth, but taken out of the way-then there was a process by which the heavens were first cleared; and then that by which, after its full heading up against Christ, apostate power was put down. The thing to be noted here, as to order, is, that the war seems to be before the powers of heaven were changed, with which

the fifth, sixth, and seventh seals must be compared. I do not see that the owning of the saints, in the fifth, involves the changing of the heavens. The sixth seems, however, to do so.

42. Power was given them that they should prophesy in sackcloth for the period of the treading down of the outside holy place while the inner was preserved. It is given in days here, I apprehend, to show the continuity and constancy of their testimony, not merely the term. The next point in the testimony was this, that it was without the attainment of order in the ministration of Christ's great offices on earth when He shall come; but it was a witness to them. If we compare Zech. 4 we shall find, in the restoration of the Jewish economy on earth, the strictest order in all the parts; and in the arrangements of the one candlestick, and its two olive trees and pipes. But here there are two olive trees and two candlesticks. There they stood before the Lord of the whole earth, even as these here, a witness to the truth, but not the accomplishment of it: not its order, beauty, and regularity, but a testimony to God's title to have it so. Such were these witnesses.

43. It would be, in fact too, acting on the principles God was judging.

44. As I suppose they are (see Note re Antichrist, page 52).

45. The application of Old Testament allusions or prophecies in the sense in which they are used there, seems to me to be equally untenable; they are borrowed thence to be applied to heavenly subjects, just as in the case of Jerusalem; so the analogy holds throughout: the bringing down the Revelation to the same sense seems to me simply depriving us of them, and merely to amount to this, that when the apostle uses prophetic language to carry it up into further scenes, we are arrested where the former prophecy left us: simply, I conceive, darkening, instead of enlightening.

46. i.e., by Hebrew vowel points.

47. I have changed this paragraph, as I, at the time of writing these notes, followed the usual division in chapter 11 into two half weeks, applying it as an answer to the writers just alluded to. As I do not now accept this division, I have of course changed the paragraph into short observations on the question; but I have given what is alleged for it.

48. Babel's word was, " Let us make ourselves a name." God only is entitled to a name, or to give it. Adam had title as regards the beasts, as set over them by God; " and he brought them unto Adam." The enemy may give a name, in derision, to saints, over-ruled of God; but they are gathered only to the name of the Son of God, the Lord Jesus Christ, and should bear His name, and, in Him, the Father's only.

49. Observe, it is neither resurrection nor changing them who are alive, but a special act. Man had killed them; but God quickened and called them up.

50. I say their testimony, because as to his general character the beast will persecute the saints.

51. To the joy of the dwellers upon earth; and thus, doubtless, he is their great friend (see Note re Antichrist, page 52).

52. At least is connected with a wider scope of results.

53. Another sign begins chapter 15.

54. Collected Writings, volume 59, page (194) 129.

55. But as to direct historic application the woman here is the Jewish people (or Jerusalem) seen in heaven and glory first, then cast out and persecuted by the dragon; that is, in God's mind, and then the object of Satan's enmity.

56. Thus all the previous state of heart in which reflected light was shadowed out for the people is put under their feet.

57. Purpose has rather the force of the thing purposed here, than intention. If I am understood, I have no anxiety as to metaphysical precision. The word ' purpose ' evidently includes both, but may apply specially to either (i.e., the intention and the thing intended).

58. O Filho nascido foi arrebatado, mas haveria de governar todas as nações: a condição celestial é aqui a resposta e o remédio para um esforço dirigido contra aquele que governaria o terreno. Seu governo e poder são a questão em questão.

59. Isto é verdade, mesmo no Anticristo; pois isso é associação com os judeus e posse de Jerusalém, considerá-la o centro do poder terreno contra o Senhor, como se viesse do céu. Os "homens escarnecedores" que habitam em Jerusalém "fizeram aliança com a morte e estão de acordo com o inferno". [Não alterei as aplicações abstratas: seria mudar o livro (e elas fornecem uma espécie de dicionário para os símbolos), mas acrescento aqui e ali os eventos proféticos específicos em que se cumprem — como creio, aquilo a que se aplicam.]

60. Mas eles ainda não foram substituídos pelos santos de lá. Escritos Coletados de JN Darby 2:207

61. Observe aqui que a vitória é celebrada; eles venceram, portanto não estão mais neste conflito.

62. Suspeito que se descobrirá que, embora o sofrimento possa ser muito abençoado e glorioso pela justiça, ou por amor a Cristo, ele é, no entanto, sempre usado pelo Senhor para a correção de algum mal secreto ou manifesto no indivíduo ou na igreja.

63. ou seja, mesmo referindo a passagem ao período prolongado.

64. Na adoração aos santos, que na verdade é adoração aos demônios.

65. Satanás é lançado do céu para a terra, onde ainda permanece em grande ira durante a última meia semana de Daniel, e persegue os judeus reconhecidos por Deus, salvos providencialmente como um corpo, onde o inimigo se apodera de tudo o que pode. A mulher é, como eu disse, os judeus reconhecidos por Deus, ou Jerusalém.

66. Vejo muitas coisas que levam à convicção de que é Cristo o chefe do poder angélico, mas não com certeza, e, portanto, não digo mais do que digo aqui. Uma investigação mais aprofundada me levaria a uma conclusão diferente.

67. ou seja, no plural. Fala-se de superioridades (como principados, potestades, tronos, domínios), mas não diretamente de arcanjos.

68. O conflito com Satanás e a provação, embora usados talvez para castigar o julgamento, são muito diferentes do julgamento na guerra, onde Satanás tem poder de acordo com a queda do primeiro Adão e a vontade de andar com ele.

69. Foi a cabeça angelical do povo judeu que foi o poder que o venceu lá em cima.

70. Não deveria ser: "Agora chegou a salvação, o poder e o reino do nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo"?

71. Não tenho dúvidas de que está contido na recuperação do filho varão, bem como do próprio Cristo.

72. É visto corporativamente apenas como no céu (como vimos frequentemente) a partir do final do capítulo 3. O acusador de nossos irmãos, portanto, é mencionado; pois a voz do céu não poderia falar do sofrimento ou da acusação dos santos ali, mas daqueles que foram sujeitos a isso na terra. Na suposição mencionada acima, estes seriam a classe de sofredores ainda a serem reunidos como mortos no último testemunho, ou que não adorariam a besta.

73. O tempo de angústia de Jacó; mas ele é livrado dela.

74. Temos aqui o fato importante de que, após a celebração da vinda da salvação, do reino do nosso Deus, do poder do Seu Cristo e da expulsão de Satanás dos lugares celestiais, três anos e meio se passam antes que seu julgamento e perseguição ao povo judeu terminem; e eles são o objeto de seu ódio; e Cristo não aparece em seu favor.

75. O Cordeiro é sempre o Rejeitado sofredor, que é, afinal, o Leão da tribo de Judá, o centro da glória. No fato histórico, isso ocorre na expulsão de Satanás, na qual o reino e o poder são manifestados pela primeira vez.

76. Esta passagem é notável no que diz respeito à crise; pois a alegria está propriamente no céu. A igreja, propriamente falando, não está em questão. Uma

voz, portanto, é ouvida no céu; mas expressa claramente a mente de Deus na igreja celestial; pois diz "o acusador de nossos irmãos" e apresenta a perspectiva do reino já vindo. É como um vislumbre da alegria da igreja no céu, antes que os santos sejam manifestados com Cristo, na cessação dos sofrimentos dos que ficaram na terra e na purificação dos lugares celestiais. A voz do céu, a igreja, é aqui identificada com o sacerdócio e a expectativa de Cristo, mas em caráter triunfante, porque realizada pela expulsão de Satanás e pelo reino já vindouro, embora ainda não estabelecido na terra por três anos e meio.

Compreendo que a aplicação adequada do arrebatamento do filho varão, além de Cristo, seja para a Igreja do primogênito — Seu corpo — e não tenha data, exceto por sua precedência de todos os eventos ulteriores, ou seja, de todos os eventos abaixo, e até mesmo da guerra no céu; pois Cristo e Seu corpo não podem assumir seu novo lugar relativo na Terra até que Satanás e seus anjos sejam expulsos.

77. Embora eu mencione a origem deles, o que é verdadeiro quanto à administração dos eventos e ao estado moral das coisas, aqui se deixa de mencionar (por não ser o assunto do capítulo, e o que dificilmente pode ser chamado de evento, por mudar toda a ordem da administração e o próprio governo divino) o abalo dos céus, a fim de que o sinal e o governo do Filho do Homem apareçam ali; mas isso não se enquadra propriamente aqui; e, portanto, só o mencionei dessa forma. Sua data no curso dos eventos pode ser vista em Mateus 24 e Marcos 13; mas não faz parte do curso de meros eventos humanos, mas é uma mudança na administração celestial de sua ordem. Mas a guerra no céu e a consequente expulsão de Satanás para a terra alteram completamente a posição relativa dos santos, do céu e da terra. O exercício administrativo direto de tudo isso é adiado por três anos e meio, para dar tempo ao amadurecimento dos propósitos de Deus, à separação do remanescente dos judeus em sua tribulação e à plena revolta satânica da terra contra o céu: mas o céu poderia anunciar sua alegria de uma só vez, e ai dos habitantes da terra e do mar. Mas, como a administração ainda não havia mudado, as coisas continuaram sem repreensão, até que a terra, estando muito pior por causa disso, e em energia satânica alistada contra o céu, o Filho do Homem teve que tomar o poder em Suas próprias mãos, e a própria administração foi mudada. Então começa a administração do mundo vindouro, da qual falamos. Este último é um evento importantíssimo, e as Escrituras falam dele como um evento muito solene. É o que eu entendo ser chamado de fim: "Então virá o fim". O Sinai foi o princípio manifesto; embora houvesse outros pontos relacionados a ele no mundo e na terra, a saber, Noé e Nabucodonosor.

78. Especialmente em seus trabalhos, nestes últimos eventos.

79. ou seja, da quarta besta de Daniel com esta.

80. Esta é uma tentativa de conectar em termos gerais o período prolongado da existência da besta e a crise, ou última meia semana; e até a clara luz do fim, isso

serviu para guiar a consciência de uma maneira geral.

81. Ou seja, foi visto nesse estado após a cura o que havia recebido o ferimento mortal. Suponho que a cabeça ferida fosse imperial. Muitas considerações contribuem, creio eu, para demonstrar isso e deixar o ponto bem claro. Duvido que estivesse totalmente desenvolvido como animal até então.

82. Pelo contrário, foi visto posteriormente. Primeiro, ele vê o caráter geral da besta como um todo, e onde estão seu trono e autoridade, ali está essa característica particular no estado em que ele a considera, não da besta em si mesma, mas da besta como ele a viu então.

83. A admiração implica o efeito sobre uma imaginação sem sentido, embora excitada talvez por uma causa forte - não o julgamento ou as afeições.

84. Isto deve ser considerado como o último período da metade da semana, se considerado em crise e aplicado à plena manifestação de seu caráter, o que o versículo parece fazer. Não faz parte desta passagem dizer que é a última metade da semana, mas apenas atribuir à besta o período característico de sua permanência. Mas ela apresenta esse período como a duração de sua prática.

85. Isso era tudo o que ele podia fazer agora. Satanás, o acusador, foi expulso do céu, e de fato os santos estão lá. As tendências da besta teriam agradado aos judeus antes. Agora, ela perseguia os santos na Terra também. Os outros judeus estariam agora em rebelião.

86. Isso ocorreu antes deste período, que começou com o encerramento daquele pela expulsão de Satanás. Até então, eles haviam sofrido a morte real; pelo menos, não amaram suas vidas até a morte.

87. Mas duvido que haja qualquer período datado conectado ao versículo 7. É característico, não uma questão de tempo.

88. Os eleitos ali são salvos quanto à carne [exceto aqueles que, sendo mortos, recebem uma porção celestial, os santos dos lugares celestiais de Daniel e aqueles particularmente notados como não o adorando, no capítulo 20, aqui].

89. Isto terá sua força literal na crise da terra.

90. "Se, quando fazeis o bem e sois afligidos por isso, o suportais com paciência, isso é agradável a Deus", diz o apóstolo Pedro.

91. Como a oitava cabeça era a besta.

92. As provações sob a besta são distintas da mera preservação da pureza; e a advertência final para não se envolver com a besta vem após o anúncio da queda da Babilônia. Portanto, temos a celebração dos cento e quarenta e quatro mil que se mantiveram puros; e, posteriormente, distintamente, aqueles que obtiveram a

vitória sobre a besta. Não se segue que alguns deles não tenham se envolvido em ambas as provações, ou tenham se mantido longe de uma e sofrido sob a outra, mas são tratados como sujeitos distintos; e pode haver aqueles que estão sob a prova das ações da besta, em geral, preparatórias para seu conflito final na Judeia, que nunca estiveram nas circunstâncias, pelo menos completamente, dos cento e quarenta e quatro mil. Eles são contados antes da queda da Babilônia. A advertência contra a besta tem sua força peculiar depois. Que o capítulo 13 tenha se cumprido no longo período de anos pode ser facilmente compreendido; e se aplicado ao que está se encerrando, sua aplicação é mais preparatória, não final; Quando a segunda besta cair, como um falso profeta meramente (seu caráter secular de besta se foi), essa mudança ocorreu nela; ela perdeu seu caráter secular e poder como besta, e é meramente um falso profeta. Parece-me que tudo isso é anterior aos últimos atos do Anticristo na Judeia como o rei obstinado (!). Eles são bastante distintos em caráter. Isso é preparatório para trazê-los, os habitantes da Terra, à sua sujeição e levá-los consigo. O todo, exceto o período de sua continuação blasfema, não é aqui data, mas caráter, ou feitos. Ela pode atrair consigo os habitantes gentios da Terra dessa maneira; e, quando estiver na terra, o mesmo processo pode continuar local e especificamente lá. A única data para a segunda besta é a restauração da cabeça imperial ferida (como eu suponho). (!) (Esta é uma observação muito importante, que há muito tempo saiu da minha mente. Duvido que seja totalmente exata, ao dizer "tudo isso é anterior". É distinta em caráter; mas ambas podem continuar juntas e, em sua forma distinta no final, aplicar-se à Palestina, embora os habitantes da Terra ainda sejam característicos. Quando a besta cai na Palestina, a segunda besta é vista meramente como um falso profeta; sua pessoa como real parece substituída pela presença da besta. Como em Isaías 24, a dificuldade é quanto à força da Terra. Toda a passagem requer uma consideração mais madura. Observe que o mundo, as tribos, as línguas e as nações não são formalmente colocados sob a influência da segunda besta.)

93. Observe aqui quão solene é que ele tenha dado o sinal, que sob Elias foi o teste de que Jeová era Deus; e em 2 Tessalonicenses 2, o que em Atos 2 é a prova de que Jesus é o Cristo.

94. Repito a observação da nota nas pp. 223, 224; tudo isso é característico, não da época, exceto a restauração da cabeça imperial.

95. Temos a distinção de períodos, creio eu, muito distintamente marcada em Daniel 7. O caráter do chifre pequeno — a última forma maligna de presunção contra o Altíssimo na besta — temos no versículo 8: isto é, seu caráter diante de Deus. O profeta viu isso até que os tronos fossem estabelecidos; em 9 e até, o julgamento estabelecido e os livros abertos, não agora o tempo do testemunho. Então, novamente, ele contempla até que a besta fosse morta (v. 11), por causa das grandes palavras do chifre pequeno. Depois disso, o reino do Filho do Homem é mencionado como dado; isso em conexão com o Senhor. Os santos, sejam dos lugares celestiais ou simplesmente santos, são introduzidos na explicação (v. 21); o

caráter do chifre, quanto aos santos, é dado — santos, sejam dos lugares celestiais ou não — é o caráter do chifre. Então, isso é até que, primeiro, venha o Ancião de Dias; então, o julgamento seja dado aos santos dos lugares celestiais; Em terceiro lugar, os santos, celestiais ou terrestres, possuem o reino. Quanto à atuação do chifre pequeno explicada, temos, primeiro, sua presunção contra o Altíssimo; em seguida, ele desgasta os santos dos lugares celestiais e toma os tempos e festivais judaicos em seu poder, e eles são entregues a ele por um período prescrito; então, o julgamento se instala, como no final dos versículos 10 e 11. O versículo 25 me parece, então, propriamente os três anos e meio anteriores ao início do julgamento ou da sessão do julgamento; depois disso, há um processo que se desenrola para tirar, consumir e destruir; e então o reino, sob todo o céu, é dado ao povo dos santos do Altíssimo, conectando assim o povo terreno em Jerusalém, a cidade do grande Rei, com o povo celestial.

Capítulo 8 Concluo ser um inimigo totalmente diferente e oposto; e creio que a confusão entre a Assíria e o Anticristo (ou mesmo a besta, pois não considero a primeira besta como o Anticristo pessoal) tem contribuído muito para obscurecer a profecia e confundir a mente quanto à simplicidade de suas declarações. Um é o inimigo de Cristo, como vindo do céu com os santos; o outro, Seu inimigo, como associado ao remanescente aceito dos judeus em Jerusalém. Não vejo razão para supor que "eles serão entregues em suas mãos" (Dn 7:25) signifique os santos, mas sim tempos e leis.

96. Esta é uma época muito importante. No capítulo 5:9, eles cantam um novo cântico. Houve um novo tema de louvor quando o Cordeiro que estava no meio do trono tomou o livro e assumiu o desenvolvimento do que deveria introduzir a herança. Os redimidos podiam então dizer: "Eles reinarão", embora o Cordeiro ainda estivesse acima, e a ação de Seu poder fosse apenas celestial ou providencial. Aqui, o Cordeiro, ainda sem ter abandonado esse caráter e assumido o de Filho do Homem, Juiz e Guerreiro, ainda está associado à Terra e permanece no Monte Sião. E, portanto, eles cantam um novo cântico diante dos seres viventes e dos anciãos: estes não participando dele (pois não era a porção da igreja mística, nem a grande testemunha da redenção da criação), mas uma ocasião especial de louvor pelo Cordeiro tomar um lugar no Monte Sião e associar-se, embora de maneira especial, à Terra [o Messias outrora rejeitado].

97. Isto me parece, como em João, o nome do Pai declarado como Ele então o revelou, e como Cristo disse: "Meu Pai, de quem vós dizeis que é o vosso Deus".

98. A segunda besta fez com que a terra adorasse a primeira besta.

99. Isso, considerado na crise, parece implicar que, além da igreja propriamente dita, cujo lugar era no céu e, nesse sentido, a terra já extinta, haveria um remanescente redimido da terra ainda conectado com o Cordeiro (isto é, o Sofredor reconhecido pelo nome de Seu Pai) e aprendendo um cântico entoado diante do

trono e diante dos anciãos — uma classe peculiar, e tendo um cântico especialmente seu. Eles eram as primícias redimidas da terra, redimidas dentre os homens. O corpo da igreja, em seu caráter celestial, havia saído de cena antes — não tinha nada a ver com a terra. A rejeição da besta posteriormente visa à preservação em um lugar terreno — uma preservação imposta por um aviso de ira sem mistura na presença dos santos anjos, os ministros de Sua providência, e do Cordeiro, o Sofredor, cuja graça, poder e título eles recusaram e rejeitaram no grande conflito. Esses cento e quarenta e quatro mil são mais circunstancialmente semelhantes ao Senhor em Sua porção terrena e em Sua tomada. Eles não foram vistos coletivamente como a noiva de Cristo, mas como ocupando um lugar especial como virgens — ainda assim, em contraste com a prostituição do mal no período prolongado, o remanescente foi preservado de forma peculiar e separada — na crise, um remanescente especial que observamos.

100. [Não devemos confundir o trono de Deus e o Cordeiro, e a revelação do Pai no Filho: nossa revelação de Deus é esta última, bendito seja o Seu nome. A primeira é a glória governamental. Há uma analogia no período prolongado; mas a salvação atribuída a Deus e ao Cordeiro, e as primícias da terra, introduzem o milênio. Veja a nota a seguir.]

101. Eles foram, antes, uma testemunha da pureza do trono e do Cordeiro, como Rei dos reis e Senhor dos senhores, pelo que Lhe convinha na terra e, portanto, no sentido pleno, são o amanhecer daquela manhã brilhante e abençoada da terra, vindo do Criador e Redentor dela.

102. Considero que a palavra "eterna" se distingue de qualquer boa nova temporária ou provisória. Canaã foi um evangelho para Israel; o nascimento de Cristo na carne foi uma boa nova para Israel. Mas este é o evangelho eterno — a promessa completa e completa dos resultados no Filho do Homem, formada com base nas intenções e direitos de Deus; e isso como pela redenção. Envolvia, portanto, o reino; embora, em alguns casos, apenas a base pudesse ser lançada. Qualquer estudante diligente dos evangelhos verá a transição das promessas apresentadas aos judeus na Pessoa de Cristo na carne para este evangelho eterno. Sobre este se diz: "Aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus"; e então as coisas terrenas e celestiais são introduzidas.

103. [O tempo dado a Jezabel para se arrepender estava, por assim dizer, esgotado. Capítulo 2.]

104. Quando o evangelho eterno for proclamado, não se trata de instaurar um estado universal de bem-aventurança, mas de um chamado ao temor a Deus em meio à apostasia generalizada de todos os tipos, "porque é chegada a hora do seu juízo", pois "é necessário que este evangelho do reino seja primeiro pregado a todas as nações, e então virá o fim", isto é, da era. E este último, embora eu reconheça plenamente o que precede como envolvendo os princípios, é o forte sentido final da

passagem e, portanto, como observado na nota anterior, Deus é anunciado como um Criador, que tinha direito sobre Suas criaturas e se apresentou como tal aos homens na Terra, em oposição a todas as suas idolatrias, reassumindo (primeiro em testemunho) Seu lugar como Deus na Terra. Babilônia, que havia sido a grande corruptora da Terra e o centro da idolatria, é a próxima a ser julgada por Deus. Há outro ponto relacionado aos cento e quarenta e quatro mil e ao evangelho eterno. Os cento e quarenta e quatro mil são redimidos da terra, onde o testemunho já é uma redenção do meio do mal predominante na esfera limitada assim designada — na crise, provavelmente, inteiramente confinada à terra. Antes que o julgamento ("o fim") venha, o evangelho eterno é novamente proclamado às nações (muitas delas, sem dúvida, em idolatria real) para anunciar o julgamento vindouro e testificar as boas novas do reino milenar e da bem-aventurança vindouros. Essas duas esferas — terra, povos, línguas, nações e línguas — notamos como contrastadas em repetidas ocasiões.

105. No período prolongado, o versículo 13 se referiria, eu entendo, ao anúncio daquela bem-aventurança dos santos, que a colheita, vista como em Mateus 13, em sua aplicação a eles, realizaria – na crise, à sua manifestação nisto. Essa distinção é apenas o que realmente encontramos na interpretação daquela parábola em Mateus. Na parábola, o joio é recolhido em feixes no campo, e o trigo no celeiro; na explicação, o joio é queimado no campo, e os justos brilham. Esta é precisamente a diferença, e somente esta, que faço aqui. A colheita e a vindima são dois atos de julgamento, sendo a colheita de escopo muito mais amplo; e, consequentemente, nela não há uma clara libertação dos cantos do campo quanto ao trigo. Ela pode distintamente limpar e levar os ímpios, deixando aqueles poupados para a bênção terrena. A vindima é pura vingança contra um objeto específico (o sistema religioso), que tem seu caráter terreno — na crise, entendo, judaico. Suas uvas estão agora totalmente maduras. Essa vingança é um verdadeiro julgamento terreno: "sangue saiu do lagar" por toda parte. Foi um julgamento real e terrível na terra. Tudo isso — todo o conteúdo deste capítulo — são advertências religiosas ou relações de Deus com a terra.

106. Pode haver uma aplicação do que se passa neste capítulo à crise; e, nesse caso, muitas datas seriam determinadas, mas a aplicação é menos específica. Assim, o cântico, estando diante do trono de Deus, deve ser tomado apenas como o início da associação das coisas celestiais com as terrenas, e o reconhecimento das terrenas pelos poderes celestiais. O Cordeiro, de pé no Monte Sião, reconheceria o retorno dos judeus ao sofrimento associado ao Cordeiro entre eles em graça (isto é, de um remanescente entre eles). O evangelho eterno seria então estritamente aquele mencionado em Mateus, "o evangelho do reino" (isto é, que Cristo estava prestes a vir em Seu reino), que, sem dúvida, será pregado em todas as nações antes do fim. A queda da Babilônia precederia a colheita da terra, e então o último tempo de angústia seria para o povo judeu como nunca houve, e Miguel se levantaria por eles, e o santuário finalmente seria purificado. Neste caso, inclino-me

a pensar que a videira da terra seria, antes, a parte judaica da profissão de fé, como em Isaías 65 e 66. Tal julgamento é certo. Mas haverá também a apostasia a ser destruída; mas esta está em guerra contra a realeza de Cristo, e assumiu uma forma pior do que mera apostasia ou profissão de fé. Visto sob esta luz, "sem a cidade" se referiria, na aplicação geral, à grande cidade do império romano corporativo; na aplicação em crise, seria, como antes, tomado por Jerusalém.

Na aplicação, no texto (p. 229), da reivindicação da adoração verdadeira, existem princípios importantíssimos — o reconhecimento de Deus, e não do homem, como a fonte do poder criativo de toda bênção, ou ordem de bênção, ou poder, ou correntes e fontes de verdadeira influência, e consequente condição dos homens — do qual não pode haver princípio mais importante possível para o uso diário. O sentido dado acima no texto, creio eu, é o mais importante para a igreja na atualidade.

107. Esta é reconhecida como a leitura verdadeira.

108. Embora este capítulo seja um sinal distinto, como o décimo primeiro e o décimo segundo, não é desconectado. Parece aplicar-se àqueles que passaram pelo fogo — não apenas escaparam da corrupção quando a Babilônia prevaleceu. E o julgamento não é agora a queda da Babilônia e um aviso contra qualquer um que receba a marca da besta, mas julgamento e praga sobre aqueles que a receberam; os fiéis estando fora do caminho, no mar de vidro misturado com fogo. Eles sofreram, mas, portanto, estavam fora do caminho dos julgamentos: ainda assim, o julgamento está na terra.

Em termos de assunto, segue-se, mas não é, creio eu, cronologicamente consequente, mas sim um desígnio distinto, mais secular em seu caráter geral de julgamentos e procedimentos. Os últimos santos também, que não restaram na Terra, estavam agora fora do caminho. Compare com o capítulo 14:13.

109. A cabeça imperial subsistiu nos tempos apostólicos — César. Note-se que essa cabeça foi destruída no Ocidente e, tomada em sentido mais amplo, foi restaurada e mantida com a continuidade da hierarquia e do papa estabelecidos em Roma, que possuíam o caráter da imagem aqui descrita. Qualquer realização posterior ou mais literal dela terá seu lugar mais apropriado em um capítulo subsequente.

110. Duvido, quanto à crise, que os céus já tivessem mudado — se esses sinais não pertenciam aos antigos céus.

111. Embora eu não duvide que isso terá uma realização física real na reunião das nações ou de seus poderes e exércitos para a batalha, no entanto, como algo que nos diz respeito a todos, eu diria que naquilo que a igreja tem o direito de entender — a ação mais oculta do inimigo em princípio — isso está apenas acontecendo: que um cumprimento moral, e até agora parcial, do que precedeu ocorreu, e há aquilo que os reúne moralmente acontecendo agora, de modo que temos uma data de

localidade quanto ao julgamento espiritual e à posição da igreja: a separação então apenas marcada em caráter, e moralmente também.

112. A fornicação parece consistir em viver em riqueza e luxo, por meio do convívio com os outros, não do cultivo dos próprios recursos; portanto, refere-se à união e dependência do mundo, no caso da igreja, e ao enriquecimento do comércio com outras nações, no caso de uma cidade como Tiro. Jerusalém é chamada de "adúltera", não de prostituta, porque era casada com o Senhor; mas em todos esses casos se encontrará, imagino, uma adoração a Satanás, neste mundo, como seu deus, uma busca pelo poder "da era deste mundo", Efésios 2:2 . Poder nacional ou imperial é algo distinto, embora possa ser abusado: é dado por Deus, embora possa terminar em rebelião aberta.

113. O príncipe e o rei de Tiro são, contudo, diferentes. É o rei cuja posição é tão surpreendentemente traçada pela mão divina.

114. Acredito que isso provavelmente já tenha passado, se tomarmos o curso prolongado, em Carlos Magno; se a cena final, em Bonaparte, porque o Império Romano havia sido destruído em sua plenitude antes de Carlos Magno; e a sua foi uma renovação do que não existia. Nominalmente, continuou até Bonaparte, que, como agente da República Francesa, a despedaçou e renovou o poder imperial por um curto período.

115. Pode ter a força da última forma da besta que sai do abismo.

116. A melhor leitura, no entanto, acrescenta "a besta".

117. Como Roma, por exemplo, antes mesmo dos tempos imperiais.

118. Sei que muitos consideram a Babilônia meramente um grande sistema mundano. Que seja um grande sistema mundano é livremente admitido. Mas a exclusão do caráter eclesiástico neste ponto me parece um grande erro: é o vírus de sua vontade ativa neste ponto, embora revestida do mundo. Ela não é vista aqui como a cidade do rei apóstata, embora, no sentido literal, possa ser o início de seu reino. Ele entra aqui como a oitava cabeça da besta, suplantando a mulher. Os reis a devastam para lhe entregar seu poder; pois o poder, não a riqueza, é a última forma de mal apresentada, e isso contra o Cordeiro, que é rebelião verdadeira e ativa, e mais do que mera apostasia. Deus, portanto, julga a Babilônia; e os destruidores de sua riqueza e importância são aqueles que entregam seu reino à besta: então, começa a guerra contra o Cordeiro. Não tenho dúvidas de que os princípios da Babilônia se manifestaram nela – não o poder real. Embora a Babilônia tenha sido o início de seu poder, em quem o poder real foi demonstrado pela primeira vez, foi especialmente o que a vontade confederada do homem realizou; sua primeira forma foi a vontade confederada em independência de Deus. Isso é demonstrado no caráter que constituía a prostituta, mas que teve seu desenvolvimento por meio de sua corrupção e fornicação: e os efeitos disso são

suplantados por outra confederação, que não é apenas apostasia, como toda vontade humana separada de Deus, mas guerra ativa contra o Rei de Deus, o Cordeiro.

119. O julgamento completo virá depois que o povo de Deus sair dela. A queda dela é um aviso para eles, e estes são rapidamente reunidos aqui em seu julgamento. [Deixei esta declaração como está, embora sua força total possa ser questionada, porque é um ponto de interpretação muito bom, e não foi prejudicial ter essa visão diante de nós.]

120. Veja Ez 27:35, 36 e os versículos anteriores. O príncipe de Tiro está sentado no meio dos mares.

121. Parece-me haver uma conexão íntima entre a permanência da Babilônia e a presença da serpente nos lugares celestiais. Ela exerce seu poder como influência, secretamente, como adoração falsa. Ela é o objeto de adoração falsa; e, portanto, nesta dispensação, ela opera pela corrupção da profissão cristã; e, ainda assim, como o deus deste mundo, título que ela não pode perder, pois é tudo o que ela possui: "o curso deste mundo... o príncipe das potestades do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência". Isso é dito dela como ainda estando nas regiões celestiais.

A falsa adoração, como fonte de poder, seria seu caráter pagão; a falsa adoração, como fonte ou meio de comunhão, seu caráter babilônico na dispensação cristã. Em suma, este é, antes, Seu caráter antissacerdotal e influência espiritual: o homem do pecado, ou o sem lei, não é revelado. O poder continua sendo externamente reconhecido por Deus, e a letra [aquele que a lê] permanece. Quando ele é derrubado, perde esse caráter, que se opõe a Cristo como Sacerdote e a Ele como agindo por Seu Espírito na manutenção da santa comunhão de Seus santos e lavando-lhes os pés. Ele então levanta poder como da terra (o rei agindo de acordo com sua vontade) contra os céus, pois não tem lugar neles, mesmo falsamente. Ele poderia tornar sua influência como antissacerdotal superior à suprema autoridade civil, que é de Deus, usando o nome de Deus falsamente na religião; mas ele não pode, exceto em rebelião aberta quando derrubado, exercer poder contra Deus. [A substância desta nota é de grande importância; Só que não se deve supor que a primeira frase deva ser interpretada estritamente como a existência da Babilônia. Mas presumo que haverá uma mudança total quando Satanás for derrubado, talvez já preparada na prática. Os princípios, não tenho dúvidas, já estão em ação.]

122. O caráter da Babilônia como prostituta parece perdido pela inimizade dos dez chifres, porque ela não consegue evitá-lo. O dano religioso é, depois disso, cometido pelo falso profeta, a outra forma da besta de dois chifres. A partir daí, o caráter da Babilônia torna-se mais puramente secular; mas o diabo habita ali, ou seja, é a habitação de demônios, e não, portanto, simplesmente interesses mundanos.

123. [Ainda deixei isto, embora possa ser um sistema muito preciso. Ainda se fala

de ambos. Há uma degradação excessiva; a forma justa do caráter eclesiástico desapareceu, e é pura maldade demoníaca. Neste caso, o capítulo 18:4-8 e o versículo 213 parecem se fundir com o capítulo 16:19.]

124. Quando Deus toma para Si o Seu poder e reina, e o reino terreno de nosso Senhor e do Seu ungido chega, ele é tratado aqui como o julgamento real e a remoção da Babilônia, como o mistério terreno em oposição à noiva celestial de Cristo: de modo que, à medida que o Senhor Deus Onipotente toma o Seu poder, o Cordeiro então toma a Sua noiva. A queda da Babilônia, que parece mais ligada à queda de Satanás do céu, é algo anterior.

125. O casamento do Cordeiro não ocorreu antes do mundo: embora, tendo-a desposado nos céus, Ele possa então, na alegria de Seu coração, trazê-la à luz em glória.

A ceia das bodas parece ser, antes, a manifestação, como Seus companheiros na glória; assim como "bem-aventurados os mortos", etc., é o descanso de seus labores e o recebimento da recompensa; não digo o tempo, mas a bem-aventurança peculiar é diferente. Tenho alguma noção de que a bênção (capítulo 14) tem conexão especial com o capítulo 13, e a bênção aqui com o capítulo 14, 12.

126. Observe que a filiação não é o ponto central deste livro, mas sim as relações na Terra: portanto, o anjo diz "conservo" para aqueles que, em seu caráter superior, são realmente filhos e co-herdeiros.

127. Há muito tempo sinto, e esta passagem deixa claro, que a igreja está de fato com Cristo nos lugares celestiais antes disso; pois eles saem com Ele. Veja Cl. 3:1-4 .

128. "O juízo retornará à justiça, e todos os retos de coração o seguirão", Sl. 94:15 .

129. Somente que os reis da terra compõem a completude ideal da terra sob a besta.

130. Desse poder idólatra e mundano, Egito, Babilônia e Tiro (de onde se extrai especialmente o caráter mundano e apóstata) eram os grandes centros mencionados nas Escrituras. Esta última cometeu fornicação com todos os reinos da Terra (isto em conexão com seu comércio, etc.).

131. Como Babilônia, ou a grande cidade de Tiro: Israel adúltero e idolatria.

132. Creio ver aqui uma afirmação de apresentação tripla daqueles que ocuparão os tronos, ou pelo menos viverão e reinarão com Cristo por mil anos. Primeiro, o corpo geral dos santos dos lugares celestiais, incluindo a igreja — eles se sentaram em tronos; em seguida, aqueles decapitados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus; em terceiro lugar, aqueles que não adoraram a besta. Isso é importante para mostrar o lugar de todas essas classes.

133. Se alguém perguntar o que acontecerá com os santos vivos quanto à sua mudança no final do milênio, a resposta é: as Escrituras não dizem nada, exceto que, por outras passagens, sabemos que, em princípio, eles terão naturezas incorruptíveis naquela cena quando todas as coisas forem feitas novas.

134. O capítulo 21:8 encerra a declaração histórica: o que se segue é a descrição, tanto do efeito milenar da cidade quanto da própria cidade.

135. O Espírito, ao dizer isso, mostrou que não se tratava meramente de um desejo santo, embora não ensinado, mas da mente do próprio Espírito, na e para a igreja, que, o que ouve, fala. Era a mente divina, mas, assim ensinada, todos os afetos da noiva, separados em coração e espírito para Cristo, centralizam-se e expressam-se neste desejo. "Aquele que ouve" é aquele cujo coração está aberto à verdade, mas não aprendeu o estado nupcial separado da igreja, desposada como uma virgem casta com Cristo.